

A PRAÇA DA MANDALA

INTEGRAÇÃO DO MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE COM O ENTORNO

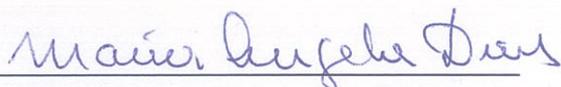
Raquel Xavier Laffite

Orientador

Prof^a. Dr^a. Maria Angela Dias

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio Cultural, dentro da linha de pesquisa: A Educação do olhar.

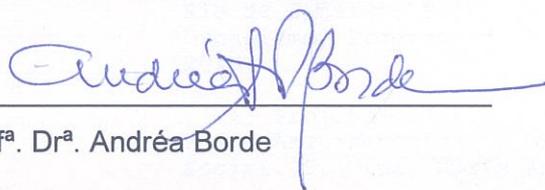
Aprovada por:



Presidente, Prof^a. Dr^a. Maria Angela Dias



Prof^a. Dr^a. Vera Regina Tângari



Prof^a. Dr^a. Andréa Borde

Rio de Janeiro
Outubro de 2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PROJETO E PATRIMÔNIO**

**A PRAÇA DA MANDALA
INTEGRAÇÃO DO MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE COM O ENTORNO**

Raquel Xavier Laffite

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PROJETO E PATRIMÔNIO**

**A PRAÇA DA MANDALA
INTEGRAÇÃO DO MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE COM O ENTORNO**

Raquel Xavier Laffite

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio Cultural, dentro da linha de pesquisa: A Educação do olhar.
Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Angela Dias

Rio de Janeiro
Outubro de 2019

A PRAÇA DA MANDALA

INTEGRAÇÃO DO MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE COM O ENTORNO

Raquel Xavier Laffite

Orientador

Prof^a. Dr^a. Maria Angela Dias

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Projeto e Patrimônio Cultural, dentro da linha de pesquisa: A Educação do olhar.

Aprovada por:

Presidente, Prof^a. Dr^a. Maria Angela Dias

Prof^a. Dr^a. Vera Regina Tângari

Prof^a. Dr^a. Andréa Borde

Rio de Janeiro
Outubro de 2019

L163p Laffite, Raquel Xavier
A Praça da Mandala: integração do Museu de Imagens do Inconsciente com o entorno / Raquel Xavier Laffite. -- Rio de Janeiro, 2019.
173 f.

Orientadora: Maria Angela Dias.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, 2019.

1. Projeto e Patrimônio Cultural. 2. Análise da Forma Arquitetônica. 3. Espaços Livres. 4. Inserção Social. I. Dias, Maria Angela, orient. II. Título.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo elaborar diretrizes projetuais para os espaços livres do Instituto Municipal Nise da Silveira, antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, situado no bairro do Engenho de Dentro, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. E mais especificamente, desenvolver um projeto de intervenção para os espaços livres do entorno imediato do Museu de Imagens do Inconsciente. A proposta projetual compreende a valorização do patrimônio cultural e científico do Museu, o incentivo à sociabilidade e a apropriação dos espaços livres fundamentado nos princípios da Dr.^a Nise da Silveira, de caráter humanista e em prol da reinserção social. O trabalho foi desenvolvido com base nos conceitos de espaços livres, praças e mandalas, e tendo como metodologia a Deriva. O estudo da forma aliado à configuração da mandala, exibida tanto no logotipo do Museu, como nas obras espontâneas dos ateliês terapêuticos, tornou-se o partido da forma dos espaços livres. O projeto buscou proporcionar o uso intensivo dos espaços livres do entorno do MII, dotando-o de um espaço não só para realização de exposições das obras artísticas, mas também que proporcionasse a inclusão social, por meio da proposição de atividades culturais, voltadas tanto para usuários da Instituição quanto à comunidade. Além disso, se preocupou em contribuir na difusão e no reconhecimento da existência do Museu. Desta forma, são criados percursos no interior do campus, dotados de equipamentos urbanos que o tornem mais convidativo, possibilitando maior apropriação dos espaços abertos e a integração com o entorno.

Palavras - chave: espaços livres; Museu de Imagens do Inconsciente; sociabilidade; estudo da forma; integração.

Rio de Janeiro
Outubro de 2019

ABSTRACT

This dissertation aims to develop design guidelines for the open spaces of the Nise da Silveira Municipal Institute, former Pedro II Psychiatric Center, located in the Engenho de Dentro neighborhood, a suburb of the city of Rio de Janeiro. And more specifically, to develop an intervention project for the open spaces in the immediate surroundings of the Museum of Unconscious Images. The project proposal comprises the appreciation of the cultural and scientific heritage of the Museum, the encouragement of sociability and the appropriation of the open spaces based on the principles of Dr. Nise da Silveira, of humanist character and in favor of social reintegration. The work was developed based on the concepts of open spaces, squares and mandalas, and having as methodology Deriva. The study of form combined with the mandala's configuration, displayed both in the Museum's logo and in the spontaneous works of therapeutic workshops, became the party of the form of the open spaces. The project sought to provide intensive use of open spaces around the MII, providing it with a space not only for exhibitions of artistic works, but also for social inclusion, through the proposition of cultural activities, aimed both at Institution's users regarding the community. In addition, it was concerned with contributing to the dissemination and recognition of the existence of the Museum. This way, courses are created inside the campus, equipped with urban facilities that make it more inviting, allowing greater appropriation of open spaces and integration with the surroundings.

Keywords: open spaces; Museum of Unconscious Images; sociability; study of the form; integration.

Rio de Janeiro
Outubro de 2019

Dedico à minha mãe Francisca Xavier Laffite,
pelo apoio e incentivo à realização deste trabalho de pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter saúde para permitir a concretização do mestrado, tendo em vista adquirir conhecimento no campo da Arquitetura, e, mais específico no patrimônio, além de qualificar para o mercado profissional.

Agradeço a minha orientadora Maria Angela Dias pelo apoio e incentivo no desenvolvimento da dissertação.

A professora, coordenadora do Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio do PROARQ | UFRJ, Vera Regina Tangari;

A professora do PROURB | UFRJ, membra da banca, Andrea Borde;

Aos professores do Mestrado profissional do PROARQ;

Aos funcionários do Instituto Municipal Nise da Silveira;

A direção e a equipe de museologia do Museu de Imagens do Inconsciente;

Aos arquitetos do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), Paula Merlino e Luiz Paulo Leal pelas informações fornecidas e pelo material de apoio;

A arquiteta Elza Costeira, pelo apoio e material fornecido, responsável pelo primeiro projeto de expansão do Museu de Imagens do Inconsciente;

A minha família; em especial ao meu irmão Rodrigo Laffite e minha tia Maria Xavier;

A minha amiga Rogerita Barros, pelo apoio e revisão ortográfica da dissertação.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 01. Obra de Octávio Ignácio.	23
Fig. 02. Vista aérea do MII e o seu contexto.	27
Fig. 03. Contexto do Museu e a área de intervenção.	28
Fig. 04. Lantra composto de nove triângulos unidos.	33
Fig. 05. Palmanova, Itália.	34
Fig. 06. Praça de Étoile, Paris.	34
Fig. 07. Planta Baixa e a Mesquita Ahmad Ibn Tulun.	35
Fig. 08. Catedral de Notre Dame após o incêndio.	36
Fig. 09. Vista da Igreja de Notre Dame e a rosácea, antes do incêndio.	36
Fig. 10. Gesto de Carl Jung resume sobre a psicologia junguiana.	38
Fig. 11. Nise da Silveira e Jung na exposição do MII.	38
Fig. 12. Jung apontando para o centro da mandala.	38
Fig. 13. Logotipo do MII inspirada na obra de Carlos Pertuis.	39
Fig. 14. Obra de Carlos Pertuis.	39
Fig. 15. Mandalas realizadas pelos clientes dos ateliês terapêuticos.	40
Fig. 16. Obra de Fernando Diniz, um dos frequentadores dos ateliês terapêuticos.	41
Fig. 17. Croqui Paginação.	41
Fig. 18. Obra inspirada para a criação da instalação interativa “Labirinto”.	42
Fig. 19. Croqui “Labirinto”.	42
Fig. 20. Obra inspirada para a criação da instalação interativa “Painéis Giratórios”.	43
Fig. 21. Croqui “Painéis Giratórios”.	43
Fig. 22. Obra inspirada para a criação das instalações interativas “Blocos Móveis”.	44
Fig. 23. Obra inspirada para a criação das instalações interativas “Gira gira”.	44
Fig. 24. Croqui “Blocos Móveis”.	44
Fig. 25. Croqui “Gira gira”.	44

Fig. 26. Construção do Retângulo áureo.	46
Fig. 27. Aplicação do Retângulo áureo na obra e base do projeto de intervenção.	47
Fig. 28. Arte nos muros do IMNS.	49
Fig. 29. Arte nos muros em um dos acessos para o Museu.	50
Fig. 30. Arte da mandala em predominância nos muros do Museu.	50
Fig. 31. Representação da Mandala em uma das edificações do IMNS.	51
Fig. 32. Elemento geométrico marcante na entrada do Instituto.	51
Fig. 33. Atividade cultural em um dos espaços de convívio, IMNS.	52
Fig. 34. Intervenção cultural em um dos espaços de convívio, IMNS.	52
Fig. 35. Vista de uma das edificações do Instituto com cobertura inclinada.	53
Fig. 36. Edificação apresenta ritmo na cobertura e na fachada.	53
Fig. 37. Mapa com a setorização das apropriações do IMNS.	54
Fig. 38. Pessoas caminham no entorno do IMNS.	55
Fig. 39. Entrevista aplicada ao cliente do MII.	56
Fig. 40. Mapa mental realizado pelo colaborador do MII.	57
Fig. 41. Bairro do Engenho de Dentro, o “bairro das oficinas”.	61
Fig. 42. Colônia de Alienados do Engenho de Dentro.	61
Fig. 43. Cartão Postal quando Centro Psiquiátrico Nacional.	62
Fig. 44. Atividades terapêuticas desenvolvidas por Nise da Silveira na STO.	63
Fig. 45. Nise acompanhando seus clientes na STO e o gato como coterapeuta.	63
Fig. 46. Mapa da Villa Thereza, antigo engenho, 1880.	64
Fig. 47. Planta da Colônia de Alienadas, 1915.	65
Fig. 48. Aerofoto da quadra, executado durante o Plano Agache, 1928.	65
Fig. 49. Planta do Centro Psiquiátrico Nacional, 1945.	66
Fig. 50. Mapa com a localização da área de interesse do IRPH.	67

Fig. 51. Capa do Relatório de Gestão 2009 a 2016, IRPH.	68
Fig. 52. Criação do Parque Nise da Silveira, previsto no decreto 35.879/2012.	68
Fig. 53. Planta do complexo hospitalar, 1997.	70
Fig. 54. Estrutura morfológica do bairro do Engenho de Dentro.	71
Fig. 55. Mapa síntese da estrutura morfológica do bairro do Engenho de Dentro.	72
Fig. 56. Tipologias arquitetônicas do entorno, na Rua Dois de Fevereiro.	73
Fig. 57. Tipologias arquitetônicas no entorno da Rua Ramiro Magalhães.	73
Fig. 58. Tipologia arquitetônica da Rua Dr. Leal e da Rua Borja Reis.	73
Fig. 59. Identificação dos espaços de convívio/lazer na quadra.	74
Fig. 60. Espaço de convívio A.	75
Fig. 61. Espaço de convívio A. Possui arborização e pavimentação em saibro.	76
Fig. 62. Pavimentação em pedra portuguesa em frente ao acesso da edificação.	76
Fig. 63. Espaço de convívio B.	77
Fig. 64. Atividade para os pacientes, Espaço de convívio B.	77
Fig. 65. Espaço de convívio e lazer B.	77
Fig. 66. A E.M situa-se em frente ao Espaço B, vista de dois ângulos.	78
Fig. 67. Academia da Terceira Idade localizada no Espaço B.	78
Fig. 68. Espaço de convívio C.	79
Fig. 69. Quadra esportiva, Espaço de convívio C.	79
Fig. 70. Oficinas de arte, Espaço de convívio C.	79
Fig. 71. UOP, Espaço de convívio C.	80
Fig. 72. Espaço de convívio D.	80
Fig. 73. Clientes na STO ocupando o espaço livre.	81
Fig. 74. Lago e Caixa d'água desativados, Espaço de convívio D.	81
Fig. 75. Espaço de convívio e lazer D.	81
Fig. 76. Espaço de convívio F.	82
Fig. 77. Quadras esportivas existentes, Espaço de convívio F.	82
Fig. 78. Pequeno acesso, Espaço de convívio F'.	83

Fig. 79. Espaço de convívio F' sem uso e sem manutenção.	83
Fig. 80. Espaço de convívio F'' descaracterizada e com equipamentos deteriorados.	83
Fig. 81. Vista da edificação que ocupa o Museu de Imagens do Inconsciente.	86
Fig. 82. Fachada principal do Museu de Imagens do Inconsciente.	87
Fig. 83. Arquitetura modernista em contraste com o Ateliê Fernando Diniz.	87
Fig. 84. Fachada apresenta ritmo e simplicidade na forma.	88
Fig. 85. Fachadas norte e sul e a análise da forma.	88
Fig. 86. Fachadas leste e oeste e a análise da forma.	89
Fig. 87. Ateliê de Modelagem.	89
Fig. 88. Edificação apresenta predominância linear.	90
Fig. 89. Análise da forma, Ateliê de Modelagem.	90
Fig. 90. Vista do Ateliê Fernando Diniz, típica casa do "subúrbio carioca".	91
Fig. 91. Fachada sul do Ateliê F. Diniz.	92
Fig. 92. Fachada Leste do Ateliê F. Diniz.	92
Fig. 93. Análise da Forma, Ateliê F. Diniz.	93
Fig. 94. Vista da edificação que ocupa o Anexo.	94
Fig. 95. Vista do Anexo situado em terreno íngreme.	94
Fig. 96. Pátio do Anexo.	95
Fig. 97. Arquitetura com predominância linear.	95
Fig. 98. Inauguração do Anexo do MII.	95
Fig. 99. Casa de Bombas desativada.	96
Fig. 100. Fachada Simétrica (Sul), Casa de Bombas.	96
Fig. 101. Vista do Ateliê F. Diniz, Casa de Bombas e Anexo.	96
Fig. 102. Fachadas Sul e Oeste, Casa de Bombas.	97
Fig. 103. Análise da forma do conjunto do MII (Fachada Sul).	98
Fig. 104. Implantação e Área de intervenção do objeto de estudo.	99
Fig. 105. Setorização do Instituto e a demarcação do objeto de estudo.	99
Fig. 106. Vista do Espaço E1, entorno imediato do Museu.	100

Fig. 107. Vista do Espaço E1, espaços livres do entorno do Museu.	100
Fig. 108. Vista do Espaço E2, espaço livre próximo ao museu.	101
Fig. 109. Espaço E2 faz divisa com o UPA e apresenta um córrego.	101
Fig. 110. Vista do Espaço E2 cercado por gradil.	101
Fig. 111. Estrutura espacial da quadra.	102
Fig. 112. Perspectiva do conjunto do Museu de Imagens do Inconsciente.	103
Fig. 113. Corte esquemático do conjunto do Museu de Imagens do Inconsciente.	103
Fig. 114. Vista aérea dos espaços livres E1 e E2 e sua relação com o entorno.	104
Fig. 115. Mapa de usos da área de intervenção e do contexto.	105
Fig. 116. Configuração do tecido urbano com a área de intervenção e o contexto.	106
Fig. 117. Tratamento Espaço livre E1.	107
Fig. 118. Implantação indicando as visadas, E1.	107
Fig. 119. Tratamento Espaço livre E2.	108
Fig. 120. Implantação indicando as visadas, E2.	108
Fig. 121. Identificação dos usos nos espaços livres da área de intervenção.	109
Fig. 122. Concentração de Visitantes na entrada do Museu.	109
Fig. 123. Funcionários descansam no mobiliário existente.	110
Fig. 124. Evento realizado nos espaços livres do anexo do Museu.	110
Fig. 125. Espaço apresenta acesso garagem e guarita sem uso.	110
Fig. 126. Espaço de convívio A.	112
Fig. 127. Croqui com diretrizes para o campus do IMNS.	113
Fig. 128. Croqui diretrizes propostas para o campus do IMNS.	114
Fig. 129. Cobertura flexível proposta para o campus do IMNS.	114
Fig. 130. Proposta de cobertura flexível para o campus do IMNS.	115
Fig. 131. Proposta de infraestrutura, container para o campus do IMNS.	116
Fig. 132. Diretrizes propostas para o Espaço de convívio B.	117
Fig. 133. Dispositivos integrados, Espaço de convívio B.	117
Fig. 134. Espaço de convívio C.	118

Fig. 135. Diretrizes na fachada externa do campus, IMNS.	118
Fig. 136. Diretrizes para o Espaço de convívio C.	119
Fig. 137. Diretrizes para o Espaço de convívio D.	119
Fig. 138. Diretrizes para o Espaço de convívio F.	120
Fig. 139. Diretrizes propostas para o campus do IMNS.	121
Fig. 140. Diretrizes para o objeto de estudo através de croquis.	122
Fig. 141. Implantação com a proposta das diretrizes de intervenção.	123
Fig. 142. Croquis com o conceito da mandala.	124
Fig. 143. Croquis elaborados a partir do conceito da mandala.	125
Fig. 144. Croquis a partir do conceito da mandala.	126
Fig. 145. Croquis elaborados a partir do conceito.	127
Fig. 146. Setorização para o desenvolvimento da proposta projetual.	128
Fig. 147. Vista aérea do espaço livre E2.	129
Fig. 148. Proposta para o espaço E2, Banca de Qualificação.	130
Fig. 149. Proposta de intervenção, Banca de Qualificação.	131
Fig. 150. Corte esquemático do conjunto do museu.	132
Fig. 151. Perspectiva esquemática da área de intervenção.	132
Fig. 152. Proposta da Praça da Mandala (Proposta 01), Banca de Defesa.	133
Fig. 153. Proposta da Praça da Mandala (Proposta 01).	134
Fig. 154. Uso do Traçado Regulador no projeto (Proposta 01).	135
Fig. 155. Uso do Traçado Regulador no projeto (Proposta 02).	136
Fig. 156. Proposta da Praça da Mandala (Proposta 02), Banca de Defesa.	137
Fig. 157. Proposta projetual da Infraestrutura, E2.	138
Fig. 158. Proposta projetual da Loja Café, E1.	139
Fig. 159. Implantação, IMNS.	140
Fig.160. Implantação IMNS e Perspectiva da Praça da Mandala.	141
Fig. 161. Decreto 35.879 Capítulo I, Art.1º da Criação do IRPH.	146
Fig. 162. Decreto 35.879 Capítulo VI, Art.16 da Criação do IRPH.	147

Fig.163. Atividades terapêuticas realizadas nos espaços livres.	148
Fig. 164. Vista do Lago e Parque das Alienadas, 1928.	148
Fig.165. Registro do desfile do bloco Loucura Suburbana.	149
Fig.166. Implantação e o percurso para o Museu de Imagens do Inconsciente.	150
Fig.167. Visadas D, E, F, metodologia da Deriva.	151
Fig.168. Visadas G, H, I, J metodologia da Deriva.	151
Fig. 169. Visadas L, M, N, metodologia da Deriva.	152
Fig.170. Visadas O, P, Q, metodologia da Deriva.	152
Fig. 171. Visadas R, S metodologia da Deriva.	153
Fig. 172. Visadas T, U metodologia da Deriva.	153
Fig. 173. Prancha apresentada na disciplina Atributos Geométricos.	154
Fig. 174. Entrevista aplicada ao colaborador do MII.	155
Fig. 175. Entrevista aplicada ao museólogo do MII.	156
Fig. 176. Entrevista aplicada à visitante do IMNS.	157
Fig. 177. Mapa mental realizado pelo museólogo do MII	158
Fig. 178. Mapa mental realizado pela visitante do IMNS.	159
Fig. 179. Mapa mental realizado pela funcionária do IMNS.	160
Fig. 180. Mapa mental realizado pelo funcionário do MII.	161
Fig. 181. Fachada Principal do Museu.	162
Fig. 182. Bispo do Rosário.	162
Fig. 183. Reminiscências da Arquitetura da antiga Colônia Juliano Moreira.	163
Fig. 184. Vista aérea do Museu Bispo do Rosário, Colônia Juliano Moreira.	163
Fig. 185. Instalações do Museu.	164
Fig. 186. Diversificação de público.	164
Fig. 187. Hall de entrada do Museu e sala dedicada ao Bispo do Rosário.	164
Fig. 188. Espaço dedicado ao público infantil.	165
Fig. 189. Atividades socioculturais realizadas no Museu.	165
Fig. 190. Fachada Principal da Casa de Rui Barbosa.	166

Fig. 191. Vista aérea da Casa de Rui Barbosa.	166
Fig. 192. Jardins da Casa de Rui Barbosa.	167
Fig. 193. Sinalização na entrada do Museu.	167
Fig. 194. Jardins da Casa de Rui tem apropriação da população local.	167
Fig. 195. Espaços livres e a significância do lugar.	167
Fig. 196. Vista área do espaço público.	169
Fig. 197. Espaço público para respiro e sociabilidade do bairro haitiano.	168
Fig. 198. O círculo atua como uma rotatória e oferece atividades diversas.	170
Fig. 199. O círculo com apropriação e a fonte de água tratada.	171
Fig. 200. Apropriação do equipamento público pela população local.	171
Fig. 201. Croqui setorizando os usos da proposta.	172
Fig. 202. Conexão do MII com a Praça da Mandala através da rampa.	173

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATI (Academia da Terceira Idade)

CAPS (Centro de Atenção Psicossocial)

CPPII (Centro Psiquiátrico Pedro II)

CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social)

EAT (Espaço Aberto ao Tempo)

FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo)

GCP (Gerência de Gerência de Cadastro, Pesquisa e Proteção)

HPPII (Hospício de Pedro II)

IMAS (Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira)

IMNS (Instituto Municipal Nise da Silveira)

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)

IPUB (Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

IRPH (Instituto Rio Patrimônio da Humanidade)

MII (Museu de Imagens do Inconsciente)

PNE (Portador de Necessidades Especiais)

PROARQ (Programa de Pós Graduação em Arquitetura)

SAMII (Sociedade Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente)

STO (Seção de Terapêutica Ocupacional)

UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

UOP (Unidade de Ordem Pública)

UPA (Unidade de Pronto atendimento)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA METODOLÓGICA	29
2.1 Os Espaços Livres	30
2.1.1 As Praças	31
2.2 As Mandalas	33
2.3 Atributos da Forma	45
2.4 Materiais e Métodos	48
3. O CAMPUS DO INSTITUTO MUNICIPAL NISE DA SILVEIRA	59
3.1 Histórico	60
3.2 O IMNS e o contexto do entorno	69
3.3 Os espaços livres do IMNS	74
4. MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE: A ANÁLISE DA FORMA E OS ESPAÇOS LIVRES	84
4.1 Análise da Forma das edificações do Museu	86
4.2 Espaços livres do entorno do Museu	99
5. A PROPOSTA	111
5.1 Diretrizes para os espaços livres do IMNS	112
5.2 Projeto de Intervenção para os espaços livres do entorno do MII	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144
ANEXOS	136
ANEXOS A Decretos	146
ANEXOS B Fotografias	148
APÊNDICES	149
APÊNDICE A Registro das práticas culturais no IMNS	149
APÊNDICE B Aplicação das metodologias	150
APÊNDICE C Referências de Projeto: Conceitual e Projetual	162
APÊNDICE D Elaboração de Croquis	173

1. INTRODUÇÃO



Obra de Fernando Diniz.

“Saber não se retém, saber se difunde.” (SILVEIRA, Nise da, 2008, p.325).

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação consiste em analisar os espaços livres do Instituto Municipal Nise da Silveira, antigo Centro Psiquiátrico Pedro II, situado no bairro do Engenho de Dentro, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, foram elaboradas diretrizes projetuais para os espaços abertos existentes no campus do complexo hospitalar, sendo selecionados dois destes ambientes para a proposta de intervenção: os espaços livres do entorno imediato do Museu de Imagens do Inconsciente.

O Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS) tem origem a partir da transferência dos pacientes internos do Hospício de Pedro II (HP II), primeira instituição psiquiátrica do Brasil, localizada na Praia Vermelha, no bairro da Urca, para a Colônia de Alienados do Engenho de Dentro, inaugurada em 1911; a Colônia implantava atividades agrícolas para os internos com o intuito terapêutico, e após o golpe militar de 1964, passa a ser chamado de Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII). De acordo com o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), O Instituto Municipal Nise da Silveira, foi uma das instituições sucessoras do antigo Hospício de Pedro II que prosseguiram com as metodologias relacionadas ao campo da saúde mental. Mais tarde, com a desativação das instalações do Hospício da Praia Vermelha, passou a ser ocupado pela Universidade do Brasil, hoje Palácio Universitário, que abriga o Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O campus do Instituto ocupa uma área de 80.000m² correspondente a quatro quadras do bairro, como espaço institucional, abriga diversas organizações, dentre elas o conjunto do Museu de Imagens do Inconsciente (MII), localizado na Rua Ramiro Magalhães nº 521, no bairro do Engenho de Dentro, que pertence a XIII Região Administrativa, na Área de Planejamento 3 (AP-3) do Município do Rio de Janeiro.

O complexo psiquiátrico é situado numa região densa e com predomínio residencial, próxima à linha férrea, a Estação Olímpica do Engenho de Dentro e a Linha Amarela, importante via expressa de ligação entre os bairros da Barra da Tijuca e Centro da cidade do Rio de Janeiro. A concentração comercial está localizada na Rua Borja Reis, que possui uma grande circulação de veículos e oferece diversas opções de linhas de transporte público e tem ligação direta à Rua Dias da Cruz, principal via de comércio do bairro do Méier. O entorno com predomínio residencial, apresenta edificações de até quatro pavimentos na sua maioria, e alguns edifícios que chegam a obter o gabarito com 30 metros de altura, entre 10 a 12 pavimentos, instaladas tanto no interior do campus, quanto nos arredores do complexo hospitalar, conforme destacada na imagem mais adiante.

Raquel Xavier Laffite

Por não se conformar com os métodos convencionais da psiquiatria, surgidos na década de 1940 no Brasil, Nise da Silveira, médica psiquiátrica alagoana, é transferida para a Seção de Terapêutica Ocupacional (STO) do Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII) em 1946, e insere as artes plásticas como procedimento terapêutico, buscando a reestruturação psíquica e a reintegração social dos pacientes com esquizofrenia. As atividades desenvolvidas na STO buscavam estimular a criatividade dos pacientes, como pintura e modelagem, que ganharam grande destaque. A partir da grande produção plástica produzida nos ateliês, tornou-se necessário abrigar e preservar estas obras, que representavam importância científica, além de artística. Assim, em 1952, foi criado o Museu de Imagens do Inconsciente, implantado pela Dr.^a Nise, visando à inserção de novos métodos terapêuticos por meio da arte, procedimento considerado pioneiro no Brasil.

A produção do atelier era muito grande, aumentando cada dia. O agrupamento em séries das pinturas levantava interrogações no campo da psicopatologia. Começou-se a falar em Museu, como um órgão que reunisse todo esse volumoso material de importância científica e artística. E assim, foi inaugurado no dia 20 de maio de 1952 o Museu de Imagens do Inconsciente, cujas raízes estavam nos ateliês de pintura e de modelagem de uma modesta seção de terapêutica ocupacional. Atualmente este museu é um centro vivo de estudo e pesquisa. (SILVEIRA, Nise da, 1982, p.16).

O Museu de Imagens do Inconsciente possui o acervo composto de mais de 400 mil obras de artes, apresentando a maior coleção do gênero no mundo, com as principais coleções tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), além do acervo pessoal da sua fundadora, Nise da Silveira, reconhecido no Programa Memória do Mundo pela UNESCO, em virtude da autenticidade e integridade da sua obra. O Museu é um acervo vivo de investigações e pesquisa sobre o universo interior do ser humano (SILVEIRA, Nise da, 2008). Trata-se de um centro vivo de estudos e pesquisas relacionadas a questões psíquicas, onde preserva as obras produzidas nos ateliês terapêuticos e abriga seus clientes¹ acompanhando a leitura em série das imagens oriundas do inconsciente.

1. Tratamento dado pela Dr.^a Nise da Silveira aos pacientes internos do Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII), frequentadores dos ateliês de pintura e modelagem entre outras atividades, da Seção de Terapia Ocupacional (STO).

Os ateliês terapêuticos de pintura e de modelagem eram conhecidos também como “Escolas Vivas”, como consta neste pequeno trecho do livro *Imagens do Inconsciente*, publicado por Nise da Silveira, no ano de 1982.

Na Escola Viva que eram os ateliers de pintura e de modelagem, a escola que eu frequentava cada dia, constantemente levantavam-se problemas. Dificuldades que conduziam a estudos apaixonantes e muitas vezes tornavam necessária a procura de ajuda fora do campo da psiquiatria, na arte, nos mitos, religiões, literatura, onde sempre encontraram formas de expressão as mais profundas emoções humanas. (SILVEIRA, Nise da, 1982, p.11).

A iniciativa da criação do Museu levantou importantes discussões no campo da saúde mental e da reforma psiquiátrica do país, além de influenciar na implantação de instituições, museus, centros culturais, no Brasil e no exterior.

Embora Nise da Silveira tenha sido precursora na metodologia terapêutica no Brasil, tornando uma grande referência no campo da psiquiatria, o Museu de Imagens do Inconsciente não possui a visibilidade que lhe deveria ser atribuído. O Museu está situado dentro do campus, o Instituto Municipal Nise da Silveira, cercado por muros e gradis, resquícios dos antigos moldes de isolamento e de segregação social das instituições psiquiátricas, que a partir da década de 1970, com a luta antimanicomial², passaram a adotar medidas mais flexíveis e de regime semiaberto. Eis um relato de um antigo interno do Engenho de Dentro, em que fala sobre o muro do hospital, e, em seguida, a ilustração que reafirma este desabafo (figura 01).

2. Luta Antimanicomial, a partir da década de 1970 surgem às clínicas dia, quando são criados os Centros de Apoio Psicossocial (CAPS) sob a lei nº 10.216, Lei da Reforma Psiquiátrica ou Antimanicomial de 06 de abril de 2001, substituindo o regime de manicômios por hospitais-dia e por procedimentos terapêuticos.

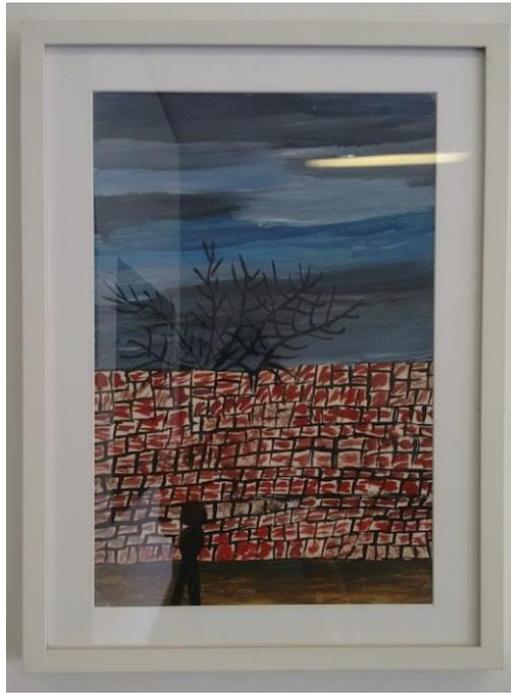


Fig.01 Obra de Octávio Ignácio. Fonte: R.Laffite, 2019.

O muro é muito bonito para quem passa do lado de fora. É bem feito, bem arrumado. Mas para quem está aqui dentro é horrível. O muro não deveria ser assim, deveria ter algumas aberturas.

Este muro serve para fechar a nossa vista para o lado de fora... Nós nunca podemos ser considerados gente com um muro deste tampando nossa visão. (SILVEIRA, Nise da, 1982, p.34).

Além disso, o equipamento cultural é desprovido de sinalização e tem o acesso restrito aos clientes terapêuticos e funcionários, pela Rua Bernardo, enquanto que o acesso principal e único é pelo Instituto Municipal Nise da Silveira, localizado na Rua Ramiro Magalhães (figuras 02 e 03), a partir do qual, os visitantes precisam percorrer um longo caminho sem placas indicativas para acesso do Museu. Outro fator presenciado refere-se à ausência dos equipamentos urbanos, o que impossibilita a permanência e a atratividade do lugar por parte da população, por estar situado no subúrbio da cidade, geralmente são precários os recursos destinados aos espaços públicos e de lazer. Por outro lado, considerando que já existem manifestações culturais espalhadas pela Instituição e sendo os seus espaços livres desprovidos de mobiliário urbano e com infraestrutura precária, caberia implantar nas áreas descobertas, equipamentos públicos básicos que oferecessem condições indispensáveis para que estes eventos sejam realizados de forma apropriada e mais explorados pelos usuários da Instituição e pelos moradores do bairro.

Enquanto Centro Psiquiátrico Pedro II, a Seção de Terapia Ocupacional ministrada pela Dr.^a Nise, contavam com atividades terapêuticas desenvolvidas nos jardins, o que muitas vezes despertava a produção de obras espontâneas inspiradas na paisagem do complexo psiquiátrico, porém, hoje estas práticas se restringem ao interior do Museu de Imagens do Inconsciente. O trecho a seguir descreve uma passagem em que as práticas terapêuticas de pintura não se desenvolviam apenas nos ateliês, mas também ao ar livre, em um dos espaços abertos do campus a ser visto mais à frente (Capítulo 03).

Na intenção de atrair nossos doentes do sonho para a realidade externa, uma vez por semana, a monitora do atelier de pintura os conduzia a um pequeno morro situado no terreno que cerca o hospital. Ali a natureza é muito bela e árvores acolhedoras dão sombra e frescura. Nesse lugar, vários esquizofrênicos espontaneamente pintaram telas inspiradas na paisagem que os cercava, algumas bem próximas da realidade externa acrescida de contribuições subjetivas maiores ou menores. (SILVEIRA, Nise da, 1982, p.110).

O projeto, no entanto, compreende a valorização do patrimônio cultural e científico do Museu de Imagens do Inconsciente, o incentivo à sociabilidade e a apropriação dos seus espaços livres, fundamentado nos princípios de Nise da Silveira, em referência ao seu trabalho singular, de caráter humanista e a favor da reinserção social.

Esta dissertação tem como objetivo principal desenvolver um projeto de intervenção para os espaços livres do entorno imediato do Museu de Imagens do Inconsciente com a finalidade de proporcionar o uso mais intensivo destes espaços abertos e que seja integrado à população local. Desta forma, é necessário compreender o desempenho destes espaços livres de edificação para que seja elaborada uma proposta pertinente e de aceitação dos moradores locais, tornando-se um equipamento público sociocultural, com apropriação dos habitantes, dotado de qualidade paisagística e de conexão com o seu entorno.

Como objetivos específicos destaca-se dar visibilidade ao Museu, requalificar os espaços livres do campus e, em particular, os espaços abertos do entorno do Museu de Imagens do Inconsciente, dotando-o de um espaço que vá além de exposições das obras, mas de um local que proporcione a inserção social e a troca de experiências, sendo incorporado como opção de lazer pela comunidade, promovendo inclusão,

pelo fato de propor atividades socioculturais e de exposição das artes, voltados tanto aos usuários e residentes da Instituição quanto para a comunidade. Desta forma, o Museu de Imagens do Inconsciente busca difundir o conhecimento e a arte em geral, conectando diferentes tipos de pessoas por meio da inserção de práticas culturais, não apenas no intuito educativo, mas que favoreça a sociabilidade. Além disso, o projeto busca criar percursos no interior do campus com prioridade para o uso do pedestre, bem como criar instalações interativas nos espaços livres do campus, para estímulo aos usuários a explorar com mais intensidade os espaços a céu aberto da Instituição.

O Instituto Municipal Nise da Silveira é um órgão da Secretaria Municipal de Saúde, e desde a década de 1990, passa por um constante processo de desinstitucionalização, que se intensificou no ano de 2000, quando a instituição passou a ser municipalizada, recebendo o nome em homenagem à renomada e revolucionária psiquiatra brasileira, Nise da Silveira. Como processo da desconstrução do sistema manicomial, a instituição passou a implantar serviços assistenciais extra-hospitalares, em prol da reinserção social.

Vale ressaltar, que Nise da Silveira já realizava na década de 1940, atividades culturais como procedimento terapêutico para seus clientes, por meio da implantação dos ateliês de pintura e de modelagem, dentre outras atividades, da antiga Seção de Terapêutica Ocupacional (STO).

O hospital psiquiátrico é frio, é feio. A estrutura das enfermarias, os métodos de tratamento usados desagradavam-me excessivamente. Mas, na posição que eu ocupava dentro da hierarquia médica, não havia para mim possibilidade de ali introduzir as inovações que me pareciam tão evidentemente necessárias. Dediquei-me então, desde 1946, à terapêutica ocupacional na intenção de produzir mudanças no ambiente hospitalar, pequenas que fossem, por intermédio da terapêutica ativa. (SILVEIRA, Nise da, 1982 p.66).

O Instituto Nise da Silveira abriga pacientes que se encontram ainda sob o regime de isolamento, quando em casos mais complexos, e pacientes internos que circulam livremente pelo campus, apropriando-se dos espaços abertos, além dos pacientes externos que frequentam os diversos equipamentos oferecidos pela Instituição.

As atividades terapêuticas desenvolvidas no Instituto contribuem para a transformação do preconceito da loucura em admiração e respeito, bem como na ressocialização dos pacientes. Estas práticas culturais reforçam a proposta projetual de incentivo ao uso dos espaços livres do complexo por meio da proposição de atividades, equipados de infraestrutura e de sinalização (comunicação visual e padronizada), para que possa ser apropriado pela comunidade, atuando como equipamento público e de integração com o entorno, além de assumir um importante desempenho social e de proporcionar a qualidade da paisagem urbana do bairro, por ser carente de áreas de respiro e de espaços públicos.

O campus do Instituto Municipal Nise da Silveira é composto por uma grande concentração de massa arbórea e atua como um “pulmão” para o bairro do Engenho de Dentro. Portanto, a requalificação dos espaços livres do Museu de Imagens do Inconsciente tende a potencializá-lo como um equipamento urbano para a localidade que é predominantemente residencial, consolidada e desprovida de espaços de cultura e de lazer. A partir da utilização dos seus espaços livres com a inserção de manifestações culturais, oferecidas tanto aos clientes da Instituição quanto à população em geral, buscará a inserção social, a sociabilidade e a conexão com o entorno imediato, constituído com mobiliário urbano, elementos de sinalização, possibilitando a facilidade do acesso e de prioridade ao pedestre.

A dissertação tem como base conceitos de espaços livres, praça, mandala, atributos da forma, fundamentada por referenciais teóricos e tendo como metodologia os percursos de observação, conhecida pelo método da Deriva, que se caracteriza pela subjetividade, e que tem como papel a realização de percursos espontâneos e não definidos. O método da Deriva foi aplicado nas visitas de campo em dias e horários distintos, para melhor compreensão dos usos observados no complexo hospitalar, e, particularmente, no entorno do Museu. Complementam as visitas “in loco”, a elaboração de mapas cognitivos ou mapas mentais, o registro iconográfico, além de entrevistas informais e questionários aplicados à população do entorno, usuários da Instituição, funcionários e visitantes do Museu de Imagens do Inconsciente. Foi também considerado o estudo do lugar, analisando as características geométricas, a composição da forma e os princípios de ordem, tais como simetria, ritmo, linearidade entre outros, atribuído ao projeto de intervenção do mestrado profissional, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro PROARQ | FAU | UFRJ.

Em relação ao contexto, são apresentados a seguir, os mapas com a localização do Museu de Imagens do Inconsciente, os principais pontos de referência e a vista aérea do Instituto Municipal Nise da Silveira, elaborados pelo presente autor.



Fig. 02 Vista aérea do Museu de Imagens do Inconsciente e o seu contexto.
Fonte: IRPH adaptado pelo autor.

- Legenda:
- IMNS (Instituto Municipal Nise da Silveira) Área de intervenção Linha Amarela
 - ➔ Acesso Principal ➔ Acesso Restrito (clientes e funcionários do MI)
 - ➔ Acesso Carga Descarga ➔ Acesso Escola Municipal



Fig. 03 Contexto do Museu e a área de intervenção. Fonte: IRPH adaptado pelo autor.
 Legenda: Objeto de Estudo ➔ Acesso Principal ➔ Acesso Restrito
— Edificações com gabarito de até 12 pavimentos

A dissertação está estruturada em cinco capítulos. No início de cada capítulo, consta uma obra plástica produzida por clientes dos ateliês terapêuticos, no período quando ministrado pela Dr.^a Nise da Silveira, na Seção de Terapia Ocupacional, sendo eles: Fernando Diniz, Carlos Pertuis e Emygdio de Barros. O Capítulo 2 trata da Fundamentação Teórica Metodológica, expondo os principais conceitos aplicados na pesquisa e os respectivos teóricos como fundamento da dissertação, além das metodologias adotadas e os meios para a sua realização. O Capítulo 3 descreve o Campus do Instituto Municipal Nise da Silveira, por meio de um contexto histórico, incluindo o processo evolutivo da quadra e o tombamento, além de identificar os espaços livres do complexo psiquiátrico. O Capítulo 4, Museu de Imagens do Inconsciente, Análise da forma e os espaços livres; faz à sucinta descrição das edificações que o constituem, o estudo da forma e as análises dos espaços livres de proximidade com o Museu, objeto de estudo do trabalho em pauta. E no Capítulo 5, A Proposta, são desenvolvidas as diretrizes de intervenção do projeto, com base nas observações que foram elencadas e por meio da metodologia aplicada durante as visitas de campo. E, por último, fechando a dissertação, são apresentadas as Considerações Finais, contextualizando todo o processo de desenvolvimento da pesquisa e a sua finalidade, de forma a contribuir não apenas no intuito acadêmico, mas estando aberto para um maior aprofundamento, bem como dando continuidade, numa possível tese de doutorado.

Raquel Xavier Laffite

CAPÍTULO 2



Obra de Carlos Pertuis.

“Para navegar contra a corrente, são necessárias algumas qualidades raras: espírito de aventura, coragem, perseverança e, sobretudo, paixão.” (SILVEIRA, Nise da, 2008, p.83).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA METODOLÓGICA

Neste capítulo serão destacados os conceitos de Espaços Livres, Praça e a Mandala, utilizados na pesquisa, e, apresentados os atributos da forma arquitetônica considerados no projeto de intervenção. Também serão descritas as metodologias e os meios aplicados para realização da pesquisa, e que contribuirão, para melhor compreensão da proposta. Dentre os procedimentos utilizados, destaca-se a metodologia da Deriva. Complementando este método, foram elaborados os mapas cognitivos, realizados durante as visitas de campo, que trata dos espaços livres do Instituto Municipal Nise da Silveira, e, mais especificamente, voltado aos espaços abertos do entorno do Museu de Imagens do Inconsciente. Assim, com o uso das metodologias aliadas ao recurso de registro iconográfico, foi possível compreender a leitura do lugar como embasamento da proposta projetual, detalhada no Capítulo 5.

2.1 Os Espaços Livres

Os espaços livres, segundo definição de Miranda Magnoli (1982), são os espaços “livres de edificação”, ou seja, espaços descobertos sejam eles urbanos ou não, vegetados ou pavimentados, públicos ou privados. Desta maneira, o estudo dos sistemas de espaços livres vai muito além das áreas verdes, dos espaços vegetados, dos espaços públicos, ao envolver todos os espaços livres.

Silvio Macedo (1995) define espaços livres como todos aqueles não contidos entre as paredes e tetos dos edifícios construídos pela sociedade para sua moradia e trabalho. “No contexto urbano tem-se como espaços livres todas as ruas, praças, largos, pátios, quintais, parques, jardins, terrenos baldios, corredores externos, vilas, vielas e outros [...]”. Neste sentido, serão abordados dois espaços livres que constituem o objeto de estudo da dissertação.

De acordo com Tângari e Silva (2010) os espaços livres no meio urbano são um conjunto de espaços não edificados, descobertos, inseridos na malha urbana, de porte significativo no tecido da cidade. O sistema de espaços livres pode ser de propriedade pública ou privada, e aliada à arquitetura, permite a composição da paisagem urbana. Pela definição de Lynch (1991), os espaços abertos urbanos, como ruas, praças e parques, são espaços dotados de acessibilidade pública, designados, construídos ou apropriados para realizar atividades funcionais, sociais ou de recreação. Portanto, formam o palco para a realização de diversas atividades: circulação, comércio, passeio, recreação, contato com a natureza, socialização ou simplesmente para

observar a vida que neles acontece. E é basicamente através destas manifestações comportamentais, que ocorre a apropriação destes espaços, e conseqüentemente da cidade (LYNCH, 1985; LANG, 1994).

Os espaços livres desempenham um importante papel no contexto da cidade, uma vez que se integra à malha urbana e oferece diversos tipos de uso, incentivando à prática coletiva e a possibilidade de uma maior vivência do lugar, contribuindo para a qualidade de vida da população e o incentivo ao convívio social para aqueles que usufruem dos diversos espaços a céu aberto.

2.1.1 As Praças

Neste tópico, analisamos o conceito de praça e o seu significado, que consiste em um tipo de espaço livre, fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, tendo em vista, que integra a proposta de criação em um dos espaços livres de proximidade com o Museu de Imagens do Inconsciente.

As definições referentes ao termo praça são numerosas, mas de um modo geral, é conceituada como um espaço público e urbano. Segundo Macedo e Robba (2010, p.15) a praça sempre foi celebrada como um espaço de convivência e de lazer dos habitantes urbanos. E ainda de acordo com os autores, a praça pode ser definida, como espaços livres de edificação, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos (MACEDO; ROBBA, 2010, p.17). De acordo com Lamas (apud de Angelis 2005, p.2), [...] “a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações da vida urbana e comunitária, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”.

O projeto de intervenção tem a proposta de implantar atividades socioculturais voltadas tanto aos usuários do Museu e da Instituição quanto à comunidade, a fim de estimular o convívio social, a troca de experiências, permitindo uma maior vivência do lugar; tornando-o um equipamento público de uso mais intensivo dos moradores, permitindo não apenas na divulgação das suas obras, mas como um ambiente de caráter social, frequentado por diversos grupos da sociedade. Um espaço cultural de referência para a região, integrado ao contexto urbano e às demandas do entorno, de portas abertas, permitindo o fácil acesso e dando prioridade ao pedestre, extrapolando os tradicionais métodos educacionais, ampliando para princípios fundamentados por Nise da Silveira, de intuito mais inclusivo e humanista.

A praça considerada como espaço público proporciona o convívio social, a transição de pessoas, atua como opção de lazer, provoca o encontro, proporciona a prática de atividades e de manifestações culturais, ou simplesmente, induz o usuário à contemplação. Além disso, promove a socialização entre as pessoas de diferentes culturas, gêneros e condições econômicas, a partir da introdução dos usos diferenciados. E uma vez que a praça é carregada de aspectos significativos, integrada à malha urbana e atende as necessidades dos moradores locais, tem como resultado favorável o uso do lugar, que se faz refletir na qualidade do espaço urbano e, conseqüentemente, na valorização da região.

Para Macedo e Robba (2010, p.37), a função da praça depende da área em que a mesma está inserida. Em áreas centrais, as praças geralmente auxiliam na diminuição das condições climáticas, insolação e no aumento da qualidade do ar; em áreas habitacionais, passa a ser local de lazer passivo e ativo, atraindo moradores da região. Neste sentido, vale ressaltar que o objeto de estudo, está inserido dentro de um campus fechado, numa área predominantemente residencial, cujo papel é funcionar como equipamento público, integrado ao contexto da região e reconhecido pela comunidade.

O projeto da Praça da Mandala, embora situado dentro de uma quadra fechada, está inserido numa grande área verde, relevante para o bairro do Engenho de Dentro, que caracteriza por ser uma região adensada e com pouca concentração de massa arbórea. Daí a importância da requalificação dos espaços livres do campus, bem como da preservação da vegetação, proporcionando o conforto térmico dos usuários como para o clima da região; além de contribuir para a redução da poluição atmosférica e possibilitar a qualidade paisagística e de vida para quem o desfruta.

A Praça da Mandala integrada ao Museu de Imagens do Inconsciente compreende não apenas o respeito e a valorização do patrimônio cultural, como também seus espaços livres, tornando-os mais atrativos e favorecendo o convívio social. Além disso, a praça desempenha um importante papel social, significativo para o desenvolvimento da cidade e para a prática da cidadania, promovendo a diversidade cultural e a integração da sociedade. A partir da introdução das atividades culturais, dotada de diversas funções, amplia-se o campo de percepção do lugar e estimula a novas formas de apropriação do espaço público, e tendo a aceitação dos moradores pelo equipamento urbano, o local torna-se reconhecido pela população.

2.2 As Mandalas

Partimos inicialmente em compreender o conceito de Mandala, que em sânscrito, língua falada na Índia antiga, significa círculo. Porém há outros significados atribuídos a mandala, como círculo mágico ou concentração de energia, e de modo universal, caracteriza-se como símbolo da integração e da harmonia. Por muitos anos, a mandala foi presenciada através da expressão artística e religiosa, presente em pinturas rupestres, no símbolo chinês Yin e Yang, nos rituais de cura, na arte indígena e na arte sacra. Sua história iniciou no século VIII A.C. e tem relação direta com o budismo, muito tradicional no Japão, e às práticas culturais e religiosas no Tibete.

A mandala é uma espécie de *iantra*¹, e geralmente encontrada na forma de diagramas geométricos (figura 04), que podem dar ideia de movimento ou sentido estático, sendo utilizada como instrumento de concentração e adotado por diversas culturas antigas. A representatividade da mandala nas culturas oriental e ocidental está associada às ideias de cura, harmonia, cooperação, integração e da totalidade.

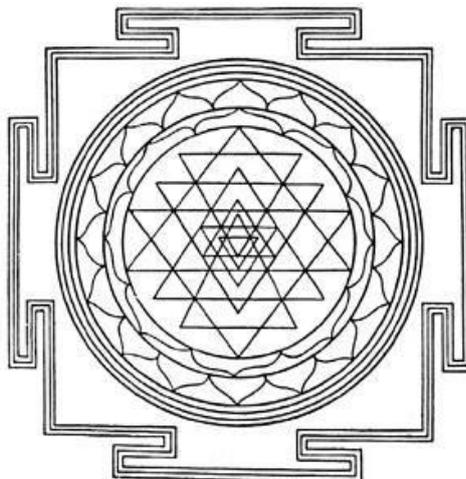


Fig. 04 lantra (um tipo de mandala) composto de nove triângulos unidos.

Fonte: O Homem e os seus símbolos, 1964.

1. lantra são diagramas rituais comuns no hinduísmo e no tantrismo e são usados para meditar ou desempenhar uma função iniciática. Um lantra é considerado uma representação do Divino e pode ser considerada uma expressão física de um mantra: o mantra representa um aspecto do divino na forma de um som, enquanto o lantra está na forma de uma figura geométrica. Fonte: <https://educalingo.com/pt/dic-de/yantra> Acesso em: 19/03/2019.

O Símbolo da mandala, amplamente difundido, é aplicado na cultura, religião, ciência, e psicologia como forma de tratamento. É utilizada em práticas de Yoga, servindo de

apoio para a meditação ou como imagem para ser visualizada mentalmente, sendo capaz de organizar as energias e forças internas. De acordo com o psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung, pioneiro no estudo das mandalas, e que Nise da Silveira terá como referência, relaciona a mandala como simbologia universal do círculo e da representação da psique com as funções de conservação da ordem psíquica, tomada de consciência, integridade e criação. As mandalas podem também ser encontradas na arquitetura, como forma de traçado das civilizações antigas (figuras 05 e 06), em centros budistas, mesquitas muçulmanas (figura 07) e catedrais cristãs constituídas de elementos compositivos (figuras 08 e 09).

“Na arquitetura a mandala também ocupa um lugar relevante, embora às vezes passe despercebido. Constitui o plano básico das construções seculares e sagradas de quase todas as civilizações; figura no traçado das cidades antigas, medievais e mesmo moderna”. (JAFFÉ, Aniela, 1964, p.237).



Fig. 05 Palmanova, Itália. Fonte: O Homem e os seus símbolos, 1964.

Fonte: <https://conhecimentocientifico.r7.com/palmanova-cidade-estrela-italia>



Fig. 06 Praça de Étoile, Paris. Fonte: O Homem e os seus símbolos, 1964.

Fonte: <http://blog.lodgis.com/en/5-must-see-places-in-paris>

Carl Jung em estudo sobre a simbologia das mandalas e, na busca de conhecimentos referentes a costumes e crenças religiosas, realiza viagens ao extremo Oriente. Em

visita a uma mesquita, observa características semelhantes a da mandala na edificação, confirmando este símbolo manifestado na arquitetura islâmica. A Mesquita Ahmad Ibn Tulun (figura 07), localizada no Egito, pode ser considerada como exemplo arquitetônico que configura uma mandala perfeita. O projeto da mesquita é baseado na superposição de dois retângulos sobre um quadrado. No centro da edificação há um grande pátio aberto (1) e a parte interna é constituída de uma paginação de conformação radial (2), conduzindo ao centro do pátio (3).

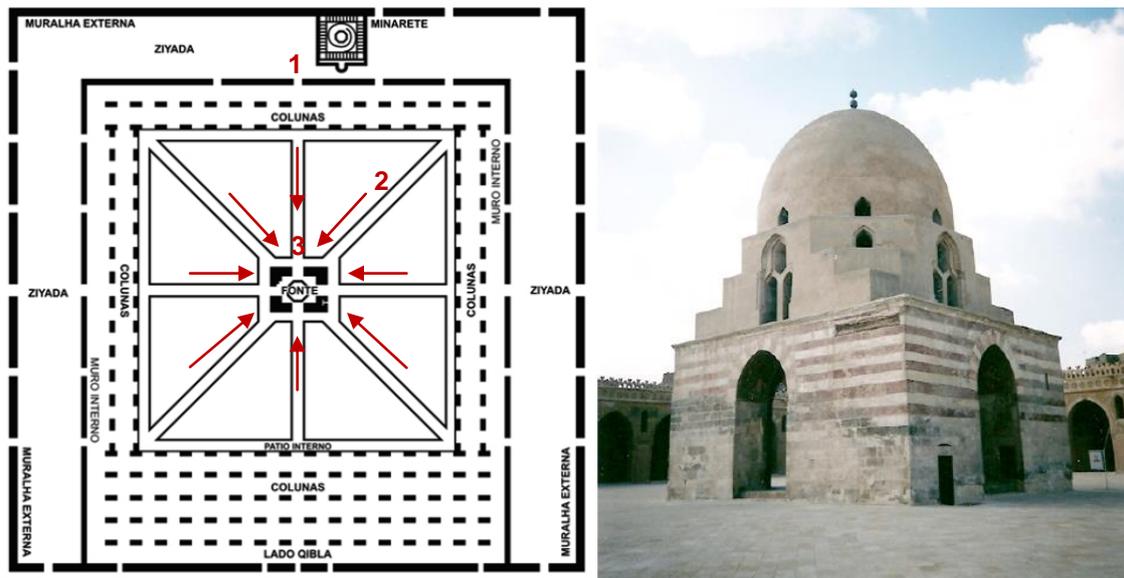


Fig.07 Planta Baixa e a Mesquita Ahmad Ibn Tulun (Egito).

Fonte: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Readaptado pelo autor.

Legenda:  Sentido radial

A simbologia da mandala pode ser encontrada nas igrejas cristãs, compostas pelas rosáceas, ornamento de forma circular, constituídos por vitrais coloridos, utilizados durante o período gótico, e que através da luz e da cor dos vitrais, se relacionam com a espiritualidade e o sagrado. A seguir, como exemplo, a Igreja de Notre Dame em Paris (figuras 08 e 09), que apresenta as rosáceas nas suas fachadas.



Fig. 08 Catedral de Notre Dame após o incêndio.

Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional> Data: 16/04/2019

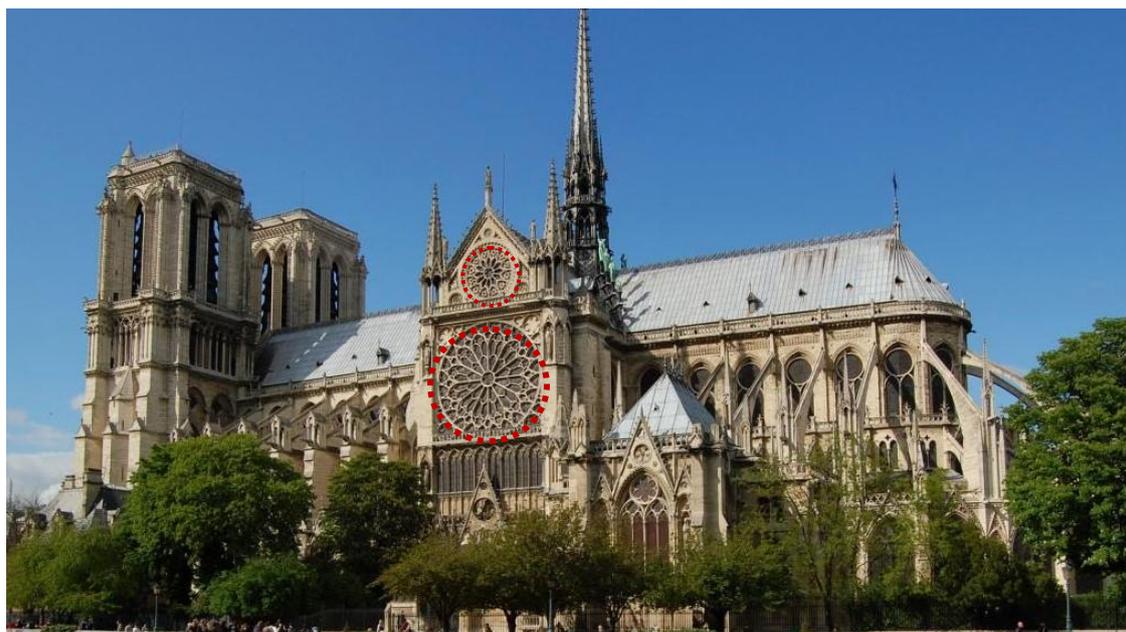


Fig. 09 Vista da Igreja de Notre Dame e a rosácea, antes do incêndio.

Fonte: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/arquitetura-gotica>

De acordo com Nise da Silveira, a mandala pode surgir como fenômeno psicológico, “[...] aparecem espontaneamente em sonhos, em certas situações de conflito e em casos de esquizofrenia”. (SILVEIRA, Nise da, 1982, p. 54).

Nise da Silveira identificou um padrão de imagens circulares desenvolvidas espontaneamente pelos frequentadores dos ateliês de pintura, e o associou às mandalas referidas pelo psiquiatra Carl Jung em sua obra. “Aqueles imagens seriam mesmo mandalas? E, em caso afirmativo, como interpretá-las na pintura de esquizofrênicos?” (SILVEIRA, Nise da, 1982 p. 51). Assim, Nise reúne algumas das representações de mandalas, e as envia junto a uma carta para Jung, por ser discípula do seu trabalho e adepta à psicologia junguiana². “Ousei então escrever uma carta ao próprio C.G. Jung, enviando-lhe algumas fotografias de mandalas brasileiras.” (SILVEIRA, Nise da, 1982 p. 51). Posteriormente estava confirmado que as imagens enviadas por Nise da Silveira a Jung eram mandalas. “Assim, as imagens do círculo pintadas em Engenho de Dentro eram realmente mandalas. E davam forma a forças do inconsciente que buscavam compensar a dissociação esquizofrênica” (SILVEIRA, Nise da, 1982 p. 52).

Ainda de acordo com a autora, [...] “a configuração de mandala harmoniosa dentro de um molde rigoroso, denotará intensa mobilização de forças autocurativas para compensar a desordem interna”. E segundo Carl Jung, descreve que estas formas, referindo-se as mandalas enviadas pela Dra. Nise, demonstram que a psique perturbada e fragmentada, possui um potencial reorganizador e autocurativo que se configura sob a forma de imagens circulares denominadas mandalas.

O estudo das mandalas não é uma especulação teórica. Depois que comecei a entender suas significações, ajudaram-me enormemente na compreensão dos casos clínicos. A primeira indicação que trazem ao psiquiatra refere-se à intensidade das forças instintivas cuja função é compensar a desordem psíquica. (SILVEIRA, Nise da, 1982, p. 55).

2. Psicologia Analítica ou junguiana engloba todo o arcabouço teórico criado por Carl Gustav Jung, um trabalho denso e essencial para a compreensão da mente humana. Muitos dos temas desenvolvidos por Jung brotaram de suas próprias experiências pessoais. O psiquiatra suíço vivenciou constantemente sonhos marcantes e a visão de imagens mitológicas e espirituais, passando então a nutrir um grande interesse por mitos, sonhos e religiões, do ponto de vista psicológico. Fonte: <https://www.infoescola.com/psicologia/psicologia-analitica> Acesso em: 19/03/2019.

Para Carl Gustav Jung, a mandala é a representação simbólica da totalidade e da integração psíquica entre os conceitos de ego e *self*, desenvolvidos por ele. “Este é um gesto que por assim dizer resume a Psicologia Junguiana: apontar para o centro, o *self*, simbolizado pela mandala. O *self* é o princípio e arquétipo da orientação e do sentido: nisso reside sua função curativa.” (JUNG, C.G. 1982, p. 53), demonstrado (figura 10).



Fig. 10 Gesto de Carl Jung resume sobre a psicologia junguiana.

Fonte: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/jung/>



Fig. 11 e 12 Nise da Silveira e Jung na exposição do MII. Jung apontando para o centro da mandala.
no II Congresso Internacional de Psiquiatria, Zurique, 1957.

Fonte: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/jung/>

Deste modo, os autores (Nise e Jung) relatam a importância da representação das mandalas e sua função harmônica e terapêutica por meio da produção de arte espontânea, em contraposição ao pensamento fragmentado e complexo dos esquizofrênicos.

As imagens circulares, ou próximas ao círculo, dão forma aos movimentos instintivos de defesa da psique, aparecendo de ordinário logo no período agudo do surto esquizofrênico, desde que o doente tenha oportunidade de desenhar e pintar livremente num ambiente acolhedor. (SILVEIRA, Nise da, 1982, p. 55).

A representação da mandala pode também ser presenciada no próprio logotipo do Museu de Imagens do Inconsciente (figura 13), mediante a tamanha significância que o símbolo representa para o museu. O logotipo foi inspirado na obra de Carlos Pertuis, (figura 14) um dos clientes frequentadores da Seção de Terapia Ocupacional. Em relação a esta simbologia, Nise da Silveira menciona sobre as mandalas que são constituídas de pontas e descreve o seu significado.

São ainda frequentes na esquizofrenia as mandalas providas de pontas no seu contorno, espécie de autoproteção contra ameaças do mundo externo ou defesa para impedir que forças dissociativas e conteúdos perigosos do mundo interno se apoderem de todo o espaço psíquico. (SILVEIRA, Nise da, 1982, p. 63).



Figs. 13 e 14 Logotipo do MII inspirada na obra de Carlos Pertuis (à direita).

Fonte: <http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br> Acesso: 20/03/2019

Ainda sobre o estudo das mandalas, Nise da Silveira descreve sobre o significado das imagens do inconsciente e a forma que predominava na produção dos ateliês de pintura do hospital psiquiátrico, como na imagem abaixo, que apresenta as mais diversas tipologias de mandalas (figura 15).

No atelier do hospital, o geometrismo mostrou-se significativo de esforços instintivos para apaziguar tumultos emocionais e busca de refúgio em construções estáveis. A imagem geométrica mais frequentemente encontrada na pintura dos esquizofrênicos é o círculo, em múltiplas variações e irregularidades. (SILVEIRA, Nise da, 1982, p. 25).



Fig. 15 Mandalas realizadas espontaneamente pelos clientes dos ateliês terapêuticos.
Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/mandalas.php> Acesso: 20/03/2019.

A concepção e a forma da Mandala são atributos relevantes a serem aplicados ao projeto de intervenção da dissertação do mestrado profissional, tendo como base a forma geométrica, que se caracteriza de predominância circular, e a referência ao simbolismo que a mandala representa para o Museu de Imagens do Inconsciente, presenciada não somente no grande volume de obras produzidas nos ateliês terapêuticos, como expressa nas fachadas das edificações, nos muros e nos arredores do campus psiquiátrico. A proposta tem como referência as mandalas produzidas por alguns dos clientes que se destacaram na produção espontânea dos ateliês de pintura, da Seção de Terapêutica Ocupacional, sendo eles: Fernando Diniz, Carlos Pertuis e Emydio de Barros.

A obra de Fernando Diniz representada a seguir (figura 16) é aplicada para a base do projeto e composição arquitetônica, onde na grande mandala é criado um anfiteatro seguindo a forma circular; as cores e as texturas (espiral e listras) são aplicadas como paginação para um dos espaços livres, a ser detalhada no capítulo 5, A Proposta.



Fig.16 Obra de Fernando Diniz, um dos frequentadores dos ateliês terapêuticos.

Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/mandalas.php>



Fig.17 Croqui Paginação. Fonte: Elaborado pelo autor

Outras mandalas com forma circular e labiríntica, desempenham a função de instalações interativas, sendo implantadas nos espaços abertos do campus, buscando estimular a criatividade dos visitantes e incentivar o uso destes espaços livres. O significado da mandala, também é aplicado à proposta do projeto, que tem como intuito terapêutico, agregar princípios relacionados à harmonia, totalidade e integração, sendo esta, a de maior relevância para a pesquisa, já que visa integrar o Museu com o seu entorno.

A procura de um ponto central nas tentativas instintivas de reconstrução da personalidade cindida faz-se de maneiras variadas. Algumas vezes a busca do centro é um complicado percurso labiríntico ou um caminho em forma de espiral. (SILVEIRA, Nise da, 1982, p. 64).



Fig. 18 Obra inspirada para a criação da instalação interativa "Labirinto".
Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/mandalas.php>

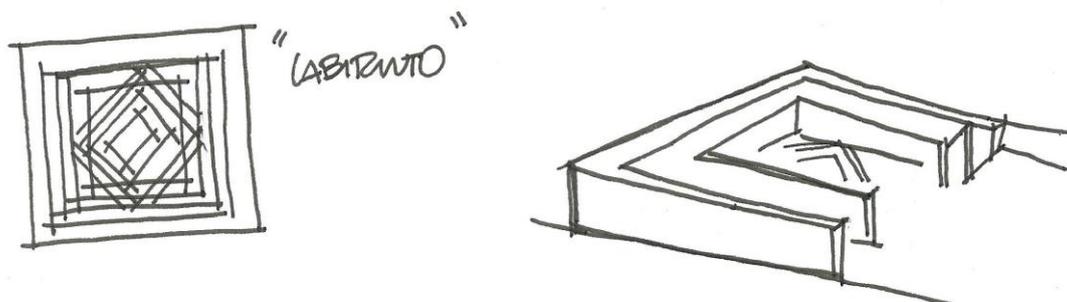


Fig.19 Croqui "Labirinto". Fonte: Elaborado pelo autor.



Fig. 20 Obra inspirada para a criação da instalação interativa “Painéis Giratórios”.
Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/mandalas.php>

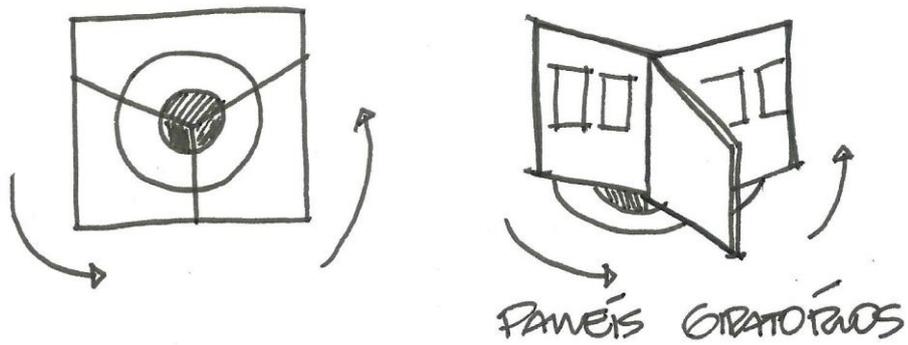


Fig.21 Croqui “Painéis Giratórios”. Fonte: Elaborado pelo autor.



Figs. 22 e 23 Obra inspirada para a criação das instalações interativas “Blocos Móveis” e Gira gira”.
 Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/mandalas.php>

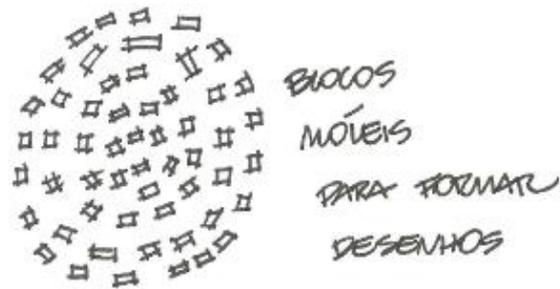


Fig.24 Croqui “Blocos Móveis”. Fonte: Elaborado pelo autor.

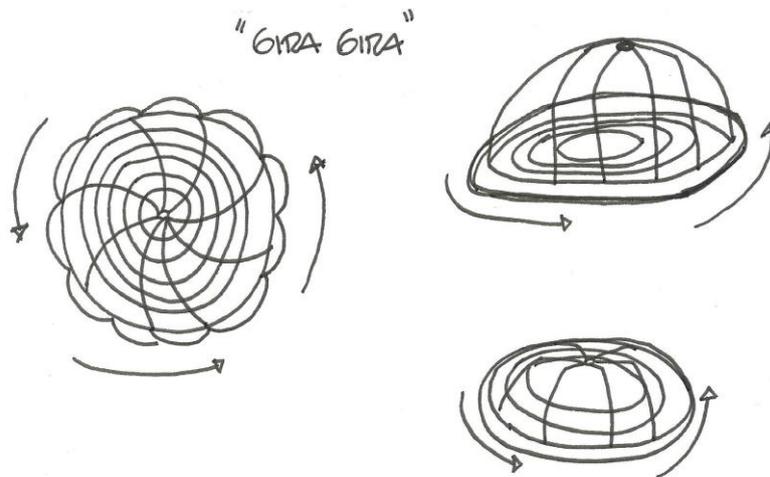


Fig.25 Croqui “Gira gira”. Fonte: Elaborado pelo autor.

2.3 Atributos da Forma

Os conceitos relacionados à composição da forma arquitetônica: categorias geométricas, princípios de ordem, traçado regulador e o retângulo áureo, foram aplicados na concepção da proposta de intervenção dos espaços livres do entorno imediato do Museu de Imagens do Inconsciente, e fazem parte dos estudos da pesquisa A Educação do Olhar: atributos geométricos da forma dos lugares, desenvolvida no PROARQ.

A forma arquitetônica é o ponto de contato entre massa e espaço... Formas arquitetônicas, texturas, materiais, modulação de luz e sombra, cor, tudo se combina para injetar uma qualidade ou espírito que articula espaço. A qualidade da arquitetura será determinada pela habilidade do projetista em utilizar e relacionar esses elementos, tanto nos espaços internos quanto nos espaços ao redor dos edifícios.

(BACON, Edmund, The Design of Cities, 1974)

Nas categorias geométricas, destacamos os elementos primários que foram observados nas edificações do museu e seus anexos: ponto, reta, plano (polígono) e volumes.

Os princípios de ordem: eixo, simetria, hierarquia, ritmo/repetição, foram observados, na inserção no conjunto de formas e no seu contexto.

...A ordem se refere não apenas à regularidade geométrica, mas sim a uma condição em que cada parte de um todo está apropriadamente disposta com referência a outras partes e ao seu propósito, de modo a conseguir um arranjo harmonioso.

(CHING, Francis D.K., Arquitetura, Forma e Espaço, 2008)

O Traçado Regulador consiste em um traçado geométrico, e atua como uma malha imaginária, organizando os elementos de uma composição arquitetônica, para apoio no desenvolvimento de projetos de design e de obras plásticas. Porém, não se trata de um sistema rígido, possibilitando a livre criação do projetista. Segundo Le Corbusier, o traçado regulador era “uma garantia contra o arbitrário”. E defendia o emprego desta metodologia por ser um recurso que possibilita uma melhor composição e harmonia nas projeções arquitetônicas, como na seguinte citação:

O traçado regulador é uma satisfação de ordem espiritual que conduz à busca de relações engenhosas e de relações harmoniosas [...] que traz essa matemática sensível que dá a agradável percepção da ordem. A escolha de um traçado regulador fixa a geometria fundamental da obra; ele determina então uma das impressões fundamentais. A escolha de um traçado regulador é um dos momentos decisivos da inspiração, é uma das operações capitais da arquitetura. (CORBUSIER, 1923)

A seção áurea é reconhecida como agradável, e até divina, desde a época da civilização grega, por possuir uma harmonia visual intrínseca. Alguns experimentos científicos, no sec. XIX revelaram a preferência das pessoas pelos retângulos com proporções da seção áurea.

A Secção Áurea tem algumas propriedades geométricas e algébricas notáveis que explicam a sua existência na arquitetura, assim como a estrutura de muitos organismos vivos... (CHING, Francis D.K., Arquitetura, Forma e Espaço, 2008).

Em seguida, um exemplo de construção do retângulo ABCD (figura 26). Inserir o quadrado ABFE, com o menor lado do retângulo, determinar o ponto médio M do lado AE, centrar em M e com a abertura MF, descrever um arco até encontrar o prolongamento de AE e determinar o ponto D. Então, ABCD, será um retângulo áureo.

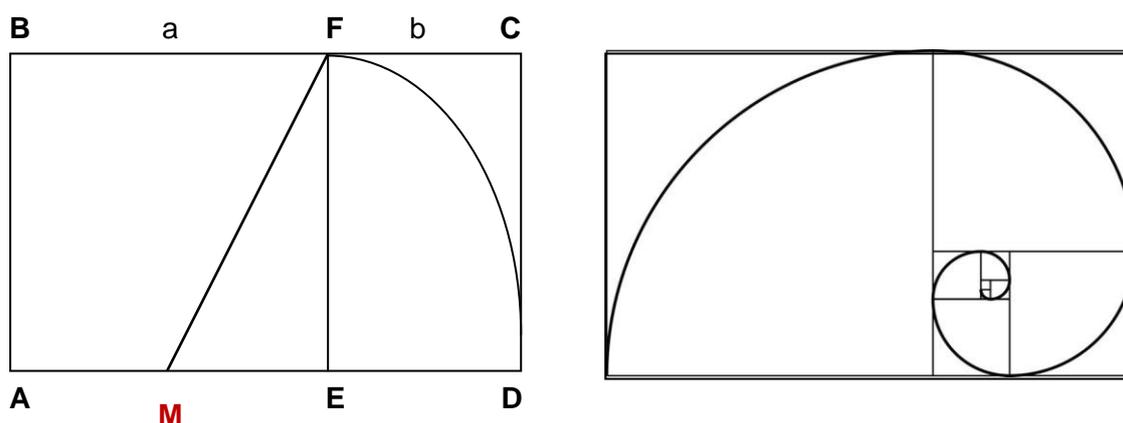


Fig. 26 Construção do Retângulo áureo. Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nos princípios de composição e do estudo da forma, complementado ao uso do traçado regulador, foi possível desenvolver o projeto da Praça da Mandala, um dos espaços livres do entorno imediato do Museu de Imagens do Inconsciente (ver Capítulo 5).



Fig. 27 Aplicação do Retângulo áureo sobre a obra e como base do projeto de intervenção.
Fonte: Elaborado pelo autor.

2.4 MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento e a fundamentação da proposta de intervenção, foram adotadas as metodologias de Deriva, a análise da forma, assim como foram elaborados mapas cognitivos ou mentais, além da aplicação de entrevistas e de questionários. Dentre as estratégias utilizadas, optou-se inicialmente pelo método da Deriva, que consiste no percurso de observação de forma espontânea. As observações foram realizadas durante as visitas de campo, aos espaços livres do Instituto Municipal Nise da Silveira, e em particular, ao entorno imediato do Museu de Imagens do Inconsciente, nomeados de espaços livres E1 e E2 (ver Capítulo 04), o objeto de estudo da presente dissertação.

A metodologia da Deriva, que se caracteriza por um procedimento subjetivo, compreende em registrar as percepções do lugar por meio de percursos espontâneos ou não definidos, que no sentido literário da palavra significa “se deixar levar”. Este método contou com a elaboração de croquis mediante as observações de maior relevância elencadas e por meio de experimentações espaciais. Além disso, complementam a este método, os registros iconográficos das apropriações dos usuários nos espaços abertos da Instituição, realizados em dias e horários distintos, o que possibilita compreender a dinâmica do campus.

A Teoria da Deriva foi criada em 1958, liderada pelo pensador situacionista¹ Guy Debord, desenvolve-se a partir da psicogeografia, que analisa as interações entre humanos e o contexto ambiental. Este método avalia também as relações sociais e os sistemas perceptivo e cognitivo dos indivíduos, resultando na leitura poética do lugar abordado. Segundo Guy Debord, a Deriva “[...] é como uma passagem rápida por diversos ambientes, utilizada para a exploração de paisagens e fenômenos psicogeográficos, mediante a uma conduta lúdico-construtiva”. “E é preciso desligar-se para saborear melhor a proximidade das coisas” (MAFFESOLI, 2000).

Com base no conceito de Deriva, foram registradas espontaneamente as percepções do lugar ao longo do percurso de acesso ao Museu de Imagens do Inconsciente, situado no IMNS, realizadas em novembro de 2017 e no mês de outubro de 2018.

1. Situacionismo é um movimento europeu de crítica social, cultural e política que reúne poetas, arquitetos, cineastas, artistas plásticos e outros profissionais. Seu início data de julho de 1957, com a fundação da Internacional Situacionista, em Cosio d'Aroscia, Itália. O grupo se define como uma "vanguarda artística e política", apoiada em teorias críticas à sociedade de consumo e à cultura mercantilizada.

Durante a visita de campo ao Instituto Municipal Nise da Silveira, foi observado que parte da instituição é cercada por muros que recebem arte, atuando como grandes murais a céu aberto para quem transita pelo local, visto que o complexo psiquiátrico é constituído por uma ciclofaixa (1) em todo o entorno, e a população é atraída para o lugar, pois identifica o perímetro do campus como opção de lazer ou de prática esportiva. Dando continuidade ao percurso, foi notado que parte do trecho é feito por vielas, dotadas de expressões artísticas nos muros, como presenciadas nos arredores da Instituição, o que pode associar o campus a uma galeria de arte ao ar livre.

Outro elemento predominante observado no decorrer da visita *in loco*, referem-se à abundante exibição da mandala, expressa nas mais diversas representações artísticas, presente nos muros e nas fachadas (figuras 28 a 31) de algumas edificações do complexo ou como um elemento geométrico (figura 32) instalado na entrada da Instituição. A escultura foi desenvolvida pela artista plástica Mazeredo, inspirada na obra de Fernando Diniz, um dos frequentadores dos ateliês terapêuticos, ministrados por Nise da Silveira.



Fig.28 Arte nos muros do IMNS. Foto: R. Laffite Data: Outubro de 2018.



Fig.29 Arte nos muros em um dos acessos para o Museu.
Foto: R. Laffite Data: Outubro de 2018.



Fig.30 Arte da mandala em predominância nos muros do Museu.
Foto: R. Laffite Data: Outubro de 2018.



Fig.31 Representação da Mandala em uma das edificações do IMNS.
Foto: R. Laffite Data: Outubro de 2018.



Fig.32 Elemento geométrico marcante na entrada do Instituto.
Foto: R. Laffite Data: Outubro de 2018.

Ao longo das visitas de campo, percebeu-se à realização de manifestações culturais, ocorridas em um dos espaços de convívio do Instituto, voltadas tanto aos pacientes internos quanto ao público em geral, porém, estes ambientes desprovidos de equipamentos urbanos, não favorecem a acomodação dos seus espectadores, como não proporcionam a realização dos eventos de forma adequada (figuras 33 e 34).



Fig.33 Atividade cultural em um dos espaços de convívio, IMNS.

Foto: R. Laffite Data: Outubro de 2017.



Fig.34 Intervenção cultural em um dos espaços de convívio, IMNS.

Foto: R. Laffite Data: Outubro de 2018.

Em relação à análise da forma, notou-se que a arquitetura predominante encontrada no campus da Instituição, caracteriza-se do tipo modernista, apresentando a volumetria simples, sem ornamentos e algumas compostas por pilotis. Além disso, foi observado, que muitas edificações apresentavam um movimento na cobertura e ritmo na composição da fachada (figuras 35 e 36).



Fig.35 Vista de uma das edificações do Instituto com cobertura inclinada.
Foto: R. Laffite Data: Outubro de 2018.



Fig.36 Edificação apresenta ritmo na cobertura e na fachada.
Foto: R. Laffite Data: Outubro de 2018.

Além de registrar as percepções do lugar, seja por meio de percursos espontâneos ou pelos recursos utilizados por fotografias ou croquis, em outubro de 2018, foram realizadas entrevistas informais para um quantitativo de 10 pessoas (homens e mulheres) que circulavam pelo entorno da quadra (figura 38).

O foco das questões foi se o entrevistado tinha conhecimento da existência do Museu de Imagens do Inconsciente e da sua localização, por estar situado dentro da quadra, o que poderia dificultar a sua percepção, e o que poderia torná-lo um equipamento mais convidativo. Com base nos dados coletados, obteve-se na sua grande maioria como resposta o desconhecimento do Museu, e, conseqüentemente a sua localização; os poucos que conheciam, nunca haviam visitado, justificando-se à falta de divulgação do espaço e a ausência de placas de identificação do equipamento cultural. Como sugestão para tornar o Museu mais atrativo, opinaram em uma comunicação visual mais legível, com a introdução de placas indicativas no acesso para o Museu, além da realização de eventos para a ocupação do espaço e da participação da comunidade, bem como servir de espera e como opção de lazer, o que possibilita a interação entre as pessoas e o reconhecimento do equipamento público por parte dos locais.



Fig.38 Pessoas caminham no entorno do Instituto Municipal Nise da Silveira.

Foto: R. Laffite Data: Outubro de 2018.

Em abril de 2019, foi elaborado um questionário com a finalidade de conceituar a qualidade do espaço urbano e identificar os elementos mais significativos ou não do campus; questionando sobre “o que mais gosta e o que menos gosta do lugar.” Além disso, os entrevistados realizaram os mapas mentais, compostos por desenhos do imaginário, que demonstrassem o que mais de significativo representava o lugar. Estas dinâmicas foram aplicadas para um quantitativo de 10 pessoas, entre homens e mulheres, compreendendo: visitantes, clientes e funcionários do Museu, como da Instituição. As imagens a seguir, (figuras 39 e 40) demonstram o produto da pesquisa, realizado por um dos clientes frequentadores dos ateliês de pintura, e por um colaborador do MII, os demais resultados estão ilustrados no (Apêndice B).



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-graduação em Arquitetura
Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio

Projeto e Patrimônio
MESTRADO PROFISSIONAL

Pesquisa: Os jardins da mandala
Integração com o entorno do Museu de Imagens do Inconsciente

Aluna: Raquel Laffite Ano: 2019

O que mais gosto e o que menos gosto

Nome: JOSE (CLIENTE DO MUSEU)
Idade: 50 Data: 04/04/2019

O QUE MAIS GOSTO

A ENERGIA DO UGARU

OBJETIVA A OPORTUNIDADE DE MOSTRAR
"PANTANILHA", POR EXEMPLO"

VASTO CAMPO

TEM A OPORTUNIDADE DE EXPOSIÇÃO
PARA O PÚBLICO EXTERNO CONHECER
AS ÁRVORES → AS ÁRVORES
GOSTA DOS ANIMAIS "COTERAPÊNTA"

O QUE MENOS GOSTA

A DISCRIMINAÇÃO

"QUEM GOSTA DE SER TRATADO COMO BICHO?"

COMPORTAMENTO DOS FUNCIONÁRIOS

FALTA DE TRANSPARÊNCIA

MAUS TRATOS AOS ANIMAIS

Fig.39 Entrevista aplicada ao cliente do MII.

Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Abril de 2019.



Pesquisa: Os jardins da mandala
Integração com o entorno do Museu de Imagens do Inconsciente

Aluna: Raquel Laffite Ano: 2019

Mapa cognitivo ou Mapa mental

Nome: OTÁVIO (MONITOR DO ATELÊ TERAPEÚTICO)
Idade: _____ Data: 04/04/2019

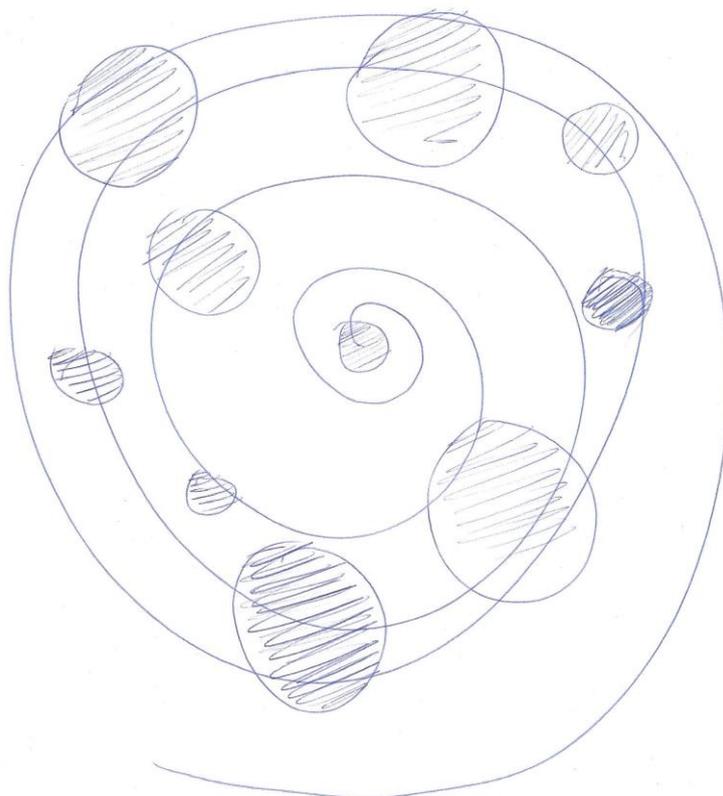


Fig.40 Mapa mental realizado pelo colaborador do MII.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Abril de 2019.

Como resultado da pesquisa, obteve-se como resposta na sua grande maioria, relacionado ao que “mais gosta do lugar”, à grande quantidade arbórea que o campus possui, além dos importantes projetos culturais que o IMNS abriga, e são oferecidos tanto para os pacientes como para a população do entorno.

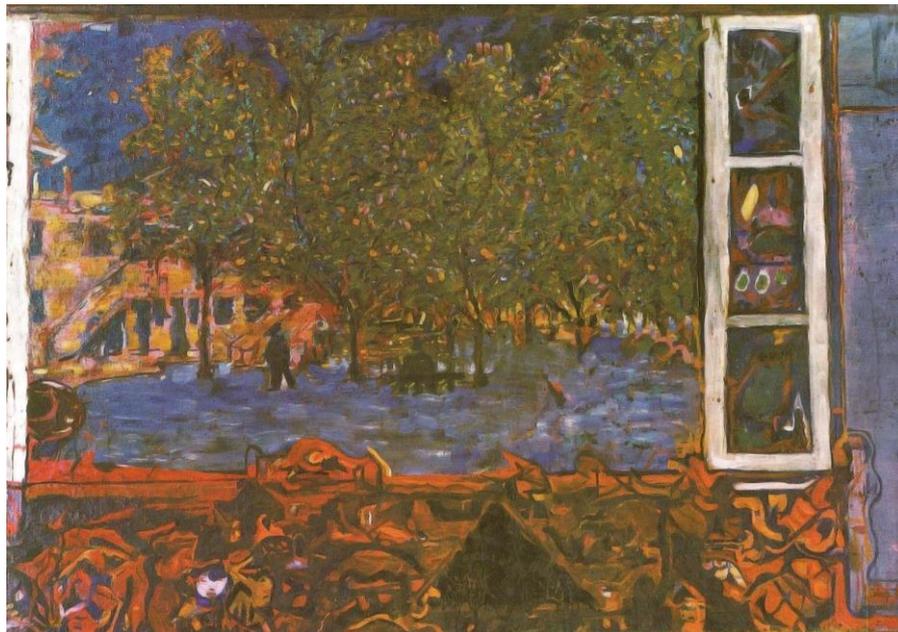
Como fator “menos gosto do lugar”, a palavra mencionada em predominância, é o abandono do campus e a precariedade dos equipamentos urbanos, decorrentes da falta de infraestrutura, de pintura, de iluminação, além da deterioração do solo, que é excessivamente constituída por pavimentação asfáltica. Em relação aos mapas mentais, o desenho que mais predominou, foi o geometrismo, principalmente relacionado ao simbolismo da mandala.

Foram também consideradas as pesquisas de referências de projetos (Apêndice C), que apresentam particularidades arquitetônicas e conceituais próximas a da proposta de intervenção, como fundamento e justificação do projeto.

Desta forma, as metodologias adotadas para esta pesquisa, foram baseadas nas apresentações das disciplinas do mestrado profissional e por meio da leitura de dissertações, artigos, assim como pela divulgação dos métodos desenvolvidos pelos grupos de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro PROARQ | FAU | UFRJ.

Os recursos utilizados, possibilitaram uma melhor percepção e leitura do lugar, além de servir de direcionamento na elaboração das diretrizes projetuais, que para este caso, são aplicadas para os espaços livres do complexo hospitalar, e mais especificamente, voltadas para o entorno imediato do Museu de Imagens do Inconsciente, visando tornar um equipamento urbano mais adequado para o uso, e com o propósito de atender as demandas da população local.

CAPÍTULO 3



Obra de Emygdio de Barros.

“Foi observando os pacientes e as imagens que configuravam, que aprendi a respeitá-los como pessoas, e felizmente desaprendi muito do que havia aprendido na medicina tradicional. Minha escola foram os ateliers da STO.” (SILVEIRA, Nise da, 2008, p.323).

3.1 Histórico

O local hoje ocupado pelo Instituto Municipal Nise da Silveira, foi inaugurado em 1911, como Colônia de Alienadas do Engenho de Dentro, conforme consta no decreto de nº. 8.834, de 11/6/1911 (IRPH, GCP, 2014), situado no bairro do Engenho de Dentro, conhecido como o “bairro das oficinas” (figura 41).

No período do século XVIII, a região era conhecida pelo cultivo da cana-de açúcar na antiga fazenda do Engenho de Dentro.

“[...] “historiadores e estudiosos apontam ocupações relacionadas à cultura da cana-de-açúcar, forte no local até o início do século XIX, de onde se origina o nome do bairro: Engenho de Dentro”. (IRPH, GCP, 2014).

“[...] “Mas o realce do futuro bairro deveu-se mesmo com a chegada da Estrada de Ferro D. Pedro II, em 1858, a terceira estrada de ferro do Brasil” (FRAIHA; LOBO, 1999, p.28), o que resultou no aceleração das atividades ferroviárias, e, por conseguinte, em 1869, na construção de novas oficinas, instaladas no antigo engenho, refletindo no aumento da população. “O ritmo das atividades ia tornando o local de tal modo povoado que, em 11 de novembro de 1871, a Estação de Engenho de Dentro foi oficialmente inaugurada”. (FRAIHA; LOBO, 1999, p.30). As oficinas realizavam a manutenção e a construção das locomotivas, além de pontes e viadutos, sendo consideradas as mais importantes da América do Sul, movimentando o “bairro das oficinas”, até a década de 1970.

Além das oficinas desenvolverem a manutenção e a montagem das locomotivas, fabricavam estruturas de pontes e viadutos. “Eram consideradas então as melhores da América do Sul, e estava sob a direção do engenheiro Carlos Conrado Niemeyer”. (FRAIHA; LOBO, 1999, p.29).

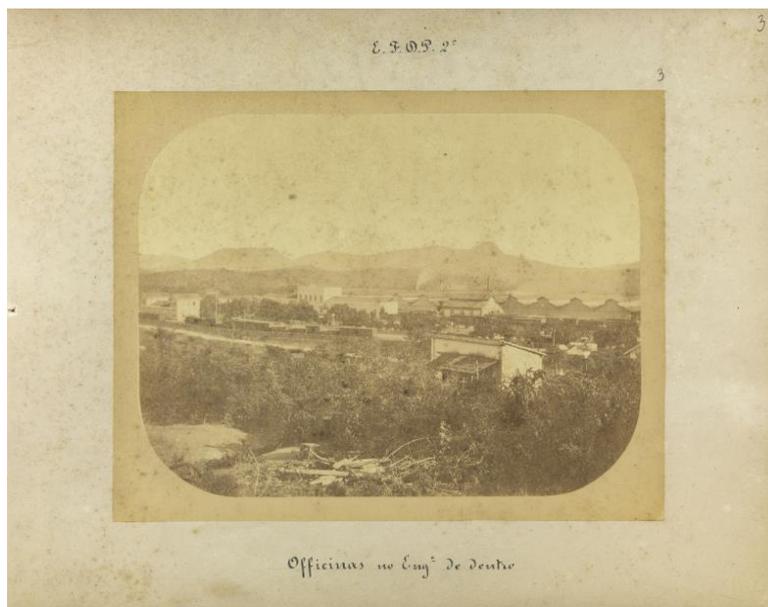


Fig. 41 Bairro do Engenho de Dentro, o “bairro das oficinas”.
Fonte: IRPH (Instituto Rio Patrimônio da Humanidade)

A Colônia de Engenho de Dentro utilizava a prática agrícola como forma de tratamento mental (figura 42) para as mulheres internas, transferidas do Hospício de Pedro II, primeiro hospício do Brasil, inaugurado em 1852, localizado na Praia Vermelha, no bairro da Urca; hoje ocupado pelo Palácio Universitário, pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.

“O Instituto Municipal Nise da Silveira [...] foi uma das instituições que sucederam o Hospício de Pedro II, herdando as práticas médicas no que se relaciona à saúde mental, tendo vivido e registrado, através de suas edificações e demais espaços construídos, a transformação ocorrida no mundo todo no que se relaciona ao tratamento dado à loucura”. (IRPH, GCP, 2014).



Fig. 42 Colônia de Alienados do Engenho de Dentro.
Fonte: PCRJ/GP/IRPH/Gerência de Cadastro, Pesquisa e Proteção | março 2014.

Em 1927, o complexo hospitalar recebeu o nome de Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, de acordo com o Decreto de nº17. 805 de 23/05/1927, e, em 1944, passa a ser chamado Centro Psiquiátrico Nacional. Mais tarde, no período após o golpe militar de 1964, o equipamento ficou conhecido como Centro Psiquiátrico Pedro II (IRPH, GCP, 2014).

A imagem a seguir, apresenta as principais edificações do antigo Centro Psiquiátrico Nacional, dentre elas, o antigo Pronto Socorro Psiquiátrico, hoje ocupado pelo Museu de Imagens do Inconsciente (figura 43).



Fig. 43 Cartão Postal quando Centro Psiquiátrico Nacional.
Fonte: PCRJ/GP/IRPH/Gerência de Cadastro, Pesquisa e Proteção | março 2014.

Nise da Silveira, psiquiatra alagoana, é transferida para a Seção de Terapêutica Ocupacional (STO) em 1946, no antigo Centro Psiquiátrico Pedro II (CPPII), por não se conformar com os métodos agressivos, surgidos no Brasil em 1940, tais como: a lobotomia, o coma insulínico e o eletrochoque.

“O eletrochoque é uma espécie de tortura. Pessoas têm morrido deste tratamento. Algumas aguentam outras não. Após meu retorno ao hospital, não aplica-lo foi minha primeira rebeldia.”
(SILVEIRA, Nise da, 2008, p.87).

Desta forma, Nise da Silveira, inseriu novas formas de tratamento terapêutico, em prol da reestruturação psíquica e da reintegração social, por meio da implantação dos ateliês de pintura e de modelagem, dentre outras atividades (figuras 44 e 45), sobretudo para os pacientes com esquizofrenia, do antigo CPPII, por ela cuidadosamente chamados de “clientes”; tornando-se pioneira no processo da Reforma Psiquiátrica no Brasil.

Em virtude do grande volume das obras produzidas pelos frequentadores dos ateliês, e da tamanha importância da sua preservação, foi fundado o Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952, tornando-se patrimônio cultural e científico reconhecido mundialmente.



Fig. 44 Atividades terapêuticas desenvolvidas por Nise da Silveira na Seção de Terapêutica Ocupacional.
Fonte: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira>

A obra de Nise da Silveira se estruturava no amor; e tinha como principais conceitos: a emoção de lidar, o afeto catalisador, o animal coterapeuta e a reinserção social, proporcionando ao indivíduo a sua autonomia, reafirmado em suas frases “O que cura é o afeto. O que cura é a ausência de preconceito” (SILVEIRA, Nise da, 2008, p. 340).



Fig. 45 Nise acompanhando seus clientes na STO e o gato como coterapeuta.

Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/fotobiografia-traz-sintese-do-arquivo-pessoal-de-nise-da-silveira>.

São apresentados, a seguir, os mapas com algumas das etapas do processo de evolução da quadra, que vai do período da cultura agrícola, até tornar-se complexo psiquiátrico. Na planta denominada Villa Thereza (figura 46), de 1880, são registradas as instalações que existiram antes do complexo hospitalar, dentre elas: casa de moradia, capela, cocheira, enfermaria, fábrica de aguardente, carvão e telhas, além de armazéns.

“Foi ao lado das primeiras oficinas e vilas que o futuro bairro presenciou também surgirem fábricas como a de carvão,... Ou a fábrica de vidro que o governo federal transformaria em hospital de emergência,... Esse hospital depois se ampliaria recebendo os internos do antigo Hospício Pedro II da Praia Vermelha. Na década de 1940 passaria a ser conhecido como Hospital Nacional dos Alienados, depois Hospital Psiquiátrico Pedro II”.

(FRAIHA; LOBO, 1999, p.33).

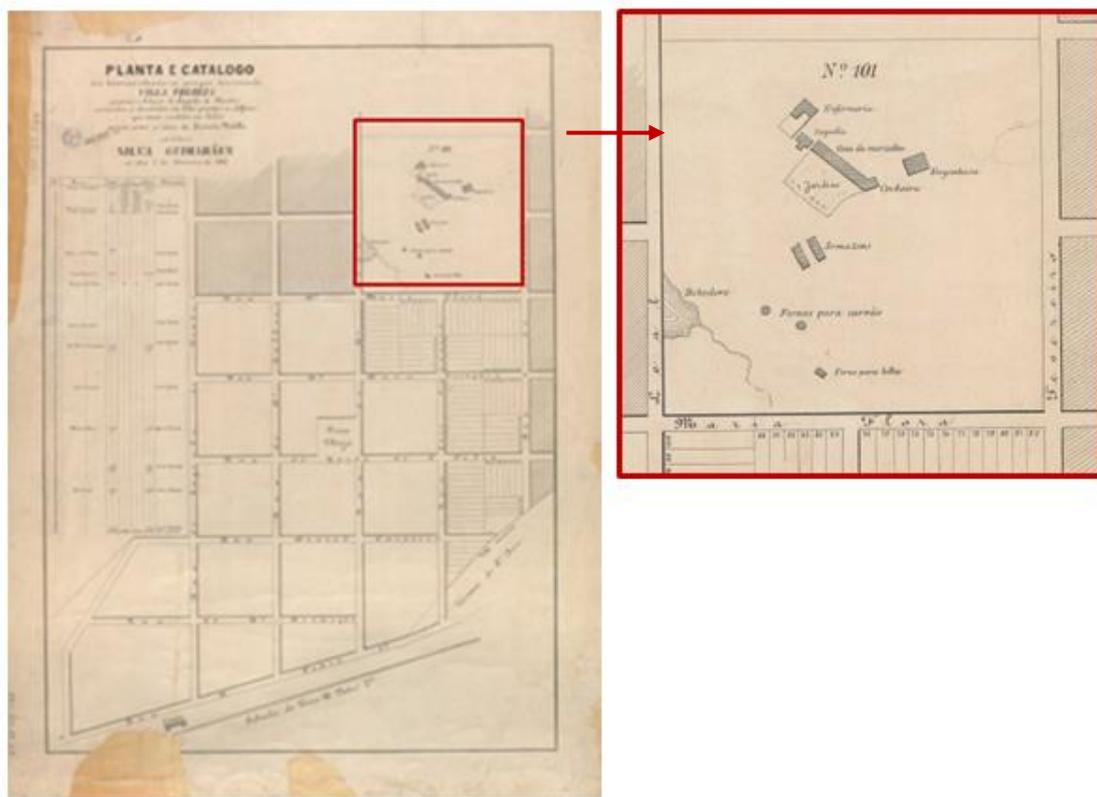


Fig. 46 Mapa da Villa Thereza, antigo engenho, 1880.
Fonte: PCRJ/GP/IRPH/Gerência de Cadastro, Pesquisa e Proteção | março 2014.



- | | | | |
|----------------|-----------------------|----------|-------------------|
| A | ADMINISTRAÇÃO | K | DEPÓSITO E GALPÃO |
| B | OFICINA DE COSTURAS | L | COCHEIRA |
| C, F, G | DORMITÓRIOS | M | OFICINAS |
| D | REFEITÓRIO E COZINHA | N | CAIXA D'ÁGUA |
| E | LAVANDERIA E MACHINAS | O | GALINHEIRO |
| H | DESPENSA | P | ESTÁBULO |
| I | LABORATÓRIO | Q | NECROTÉRIO |
| J | ENFERMARIA | R | POCILGA |

Fig. 47 Planta da Colônia de Alienadas, 1915.

Fonte: PCRJ/GP/IRPH/Gerência de Cadastro, Pesquisa e Proteção | março 2014. Adaptado pelo autor.

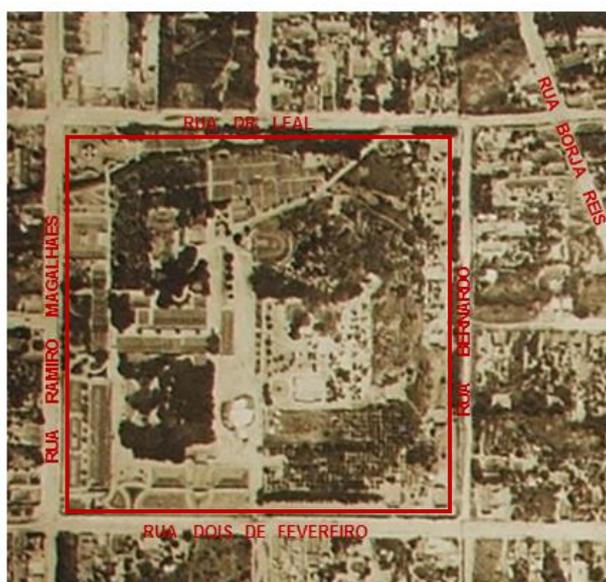


Fig. 48 Aerofoto da quadra, executado durante o Plano Agache, 1928.

Fonte: PCRJ/GP/IRPH/Gerência de Cadastro, Pesquisa e Proteção | março 2014. Adaptado pelo autor.

Legenda: — Quadra (atual IMNS)

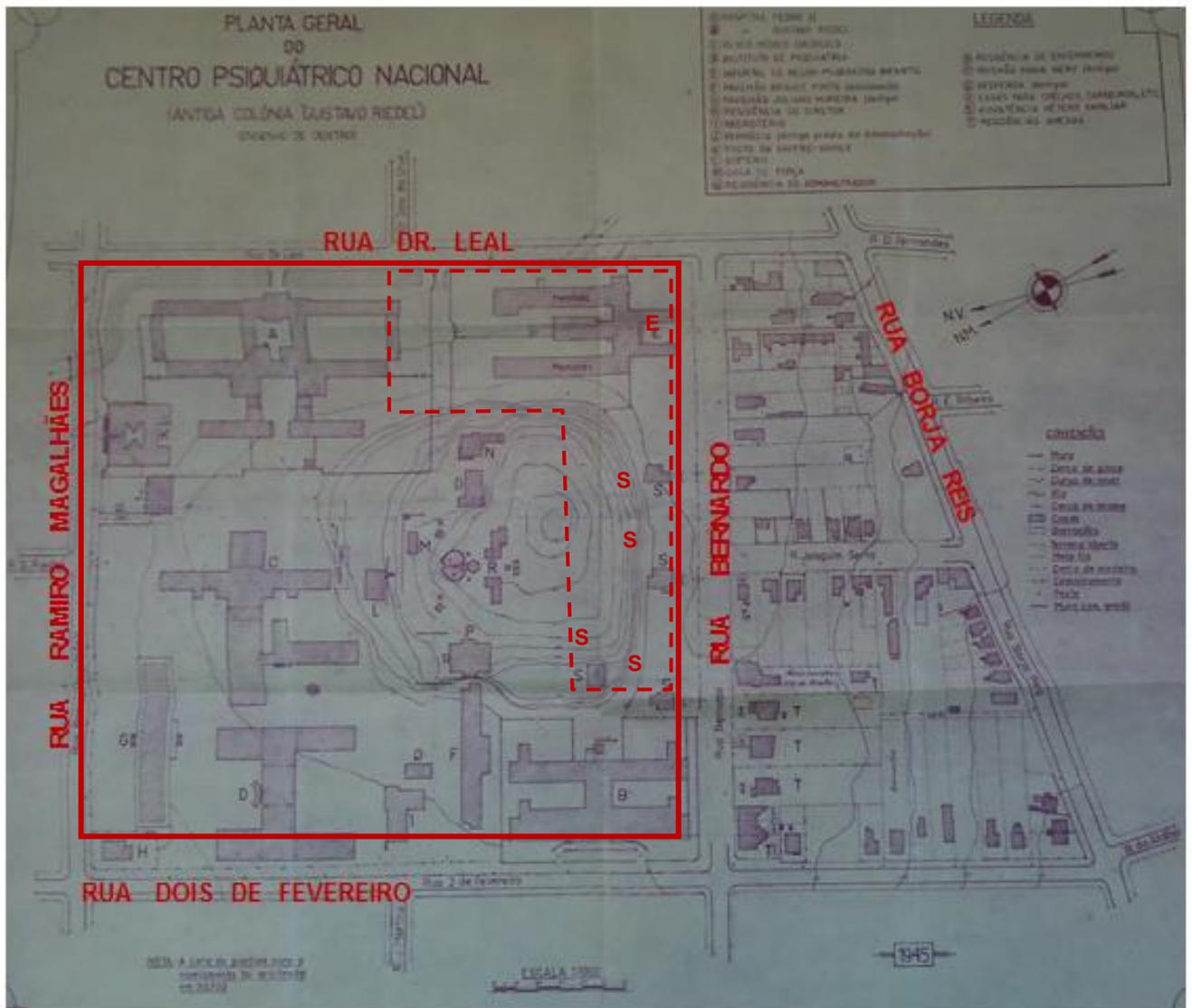


Fig. 49 Planta do Centro Psiquiátrico Nacional, 1945.
 Fonte: PCRJ/GP/IRPH/Gerência de Cadastro, Pesquisa e Proteção | março 2014.
 Adaptado pelo autor.

Legenda: — Quadra (atual IMNS) - - - Área de intervenção.

E Hospital de Neuropsiquiatria Infantil (demolido em 2010)

S Assistência Hétero Familiar (Hoje ocupada pelo Ateliê Fernando Diniz, MII).

O processo de tombamento, inicialmente, foi aplicado ao patrimônio imaterial do Museu de Imagens do Inconsciente, nas principais coleções do seu acervo, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), inscrito no Livro do Tombo Histórico, em fevereiro de 2005, sob o número do processo: 1507-T-2003 (Fonte: Secretaria de Estado de Cultura).

Mais tarde, surge a indicação para o tombamento e a preservação de algumas edificações da Instituição. O processo iniciou quando houve o interesse à proteção da Paisagem Cultural como Patrimônio da Humanidade, e de ampliar a proteção da paisagem carioca em outras áreas da cidade, como é o caso do bairro do Engenho de Dentro, de acordo com o Decreto de nº 35.879 de 05/07/2012, Capítulo VI, Art.16 (Ver em Anexo A). O interesse pela região é decorrente da sua posição geográfica, por estar situada em proximidade com o Parque Nacional da Tijuca, área de interesse de preservação do IRPH (Instituto Rio Patrimônio da Humanidade), órgão de Patrimônio Cultural Municipal (figura 50). Diante disto, uma equipe de arquitetos da Gerência de Cadastro, Pesquisa e Proteção (GCP), pertencentes ao IRPH, realizaram o inventário do patrimônio edificado do complexo hospitalar em abril de 2014, objetivando avaliar as edificações e indicá-las à preservação e ao tombamento, dentre elas, as do Museu de Imagens do Inconsciente, em virtude da importância histórica, da composição arquitetônica e volumétrica do Museu.



Fig. 50 Mapa com a localização da área de interesse do IRPH. Fonte: Google maps adaptado pelo autor.

Legenda: — Bairro do Engenho de Dentro — Área de interesse de preservação pelo IRPH



Localização do Museu de Imagens do Inconsciente (IMNS).

Existe uma proposta de criação do Parque Nise da Silveira, a ser instalado no complexo psiquiátrico do Engenho de Dentro, de acordo com o Decreto de nº 35.879 de 05 de julho de 2012, que cria o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), com o intuito de ampliar e fortalecer a proteção da paisagem carioca como Patrimônio da Humanidade e conforme mencionado no relatório de Gestão (2009-2016) do IRPH (figuras 51 e 52). Diante disto, o projeto do Parque tem como objetivo a valorização do entorno, a preservação da memória e o apoio à saúde mental. Segundo o ofício estabelecido pelo IRPH de 29 de dezembro de 2016, a proposta compreende a setorização e usos do parque, de paisagismo e a proteção das edificações, porém o presente autor não obteve acesso ao projeto.

De acordo com o órgão de patrimônio municipal, o IRPH, está previsto no Plano Estratégico (2017- 2020) como parte da iniciativa Rio Capital dos Parques, ampliar em até 30% a área de parques urbanos, sendo dois deles na zona norte da cidade.

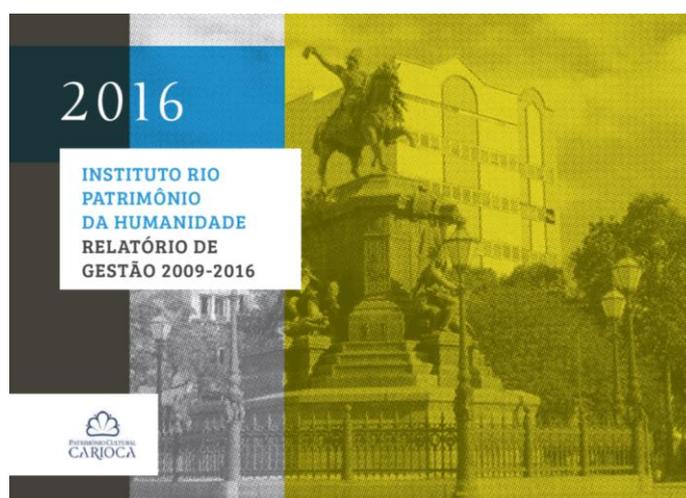


Fig. 51 Capa do Relatório de Gestão 2009 a 2016, IRPH.
 Fonte: www.rio.rj.gov.br Acesso out/2018.



Fig. 52 Criação do Parque Nise da Silveira, previsto no decreto 35.879/2012.
 Fonte: Relatório de Gestão 2009-2016 IRPH.

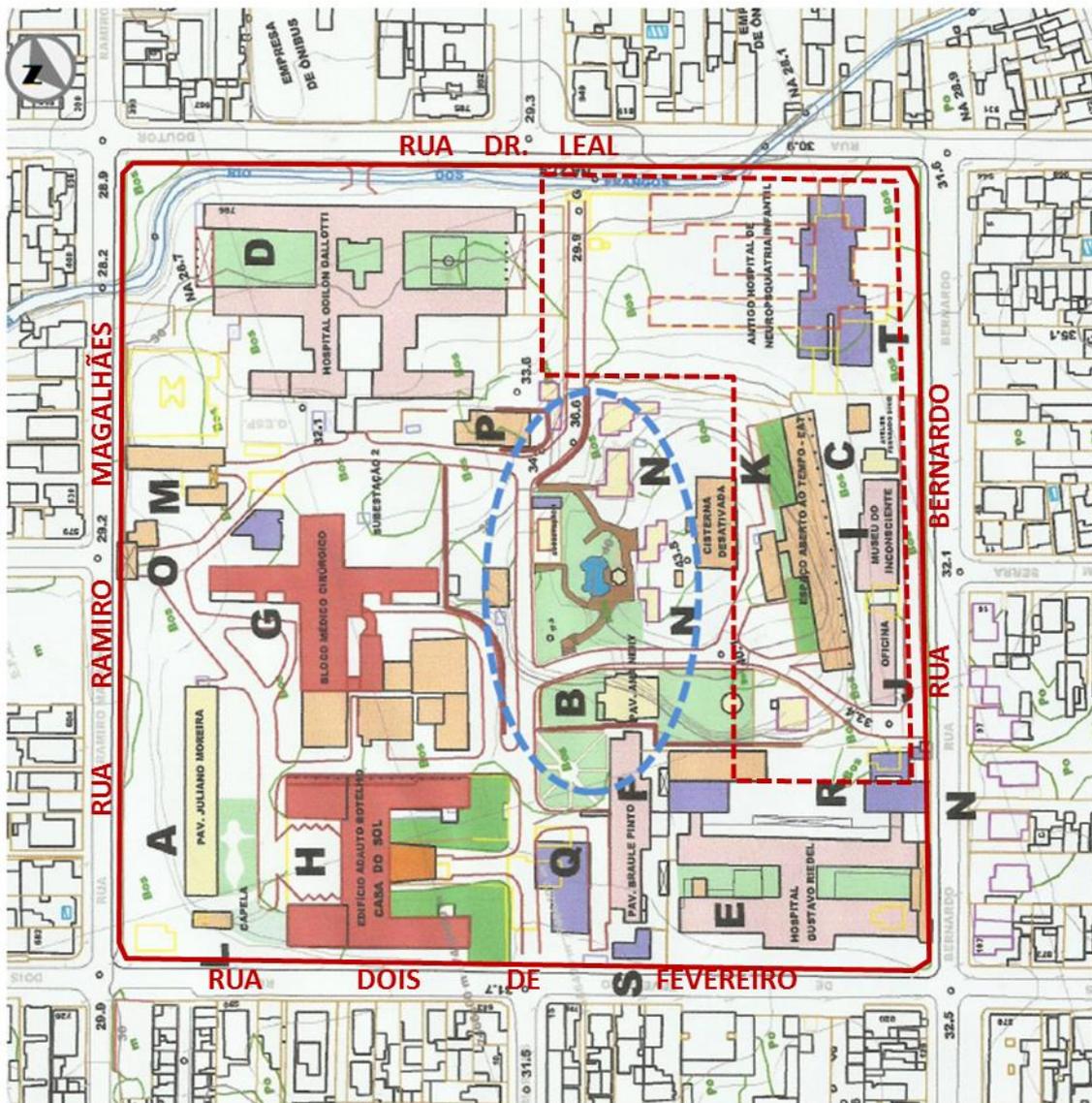
Legenda:  Área de intervenção (Objeto de estudo)

3.2 O IMNS e o contexto do entorno

Em 2000, o Instituto Municipal Nise da Silveira foi municipalizado, recebendo o nome em homenagem a renomada psiquiatra brasileira, Nise da Silveira. A planta baixa a seguir, setoriza as edificações do complexo psiquiátrico, quando chamava IMAS, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (figura 53).

A instituição psiquiátrica, desde os anos de 1990, passa por um constante processo de desinstitucionalização, e, como processo da desconstrução do sistema manicomial, o Instituto passou a implantar serviços assistenciais extra-hospitalares, voltados tanto para os usuários internos quanto para o público do entorno, como o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)³, vinculado ao SUS (Sistema Único de Saúde) e vários dispositivos em prol da reinserção social, oferecendo atividades culturais e artísticas integrativas, abertas ao público em geral, tais como: o Espaço Travessia: Núcleo de Cultura ,Ciência e Saúde, Centro de Convivência e Cultura Trilhos do Engenho e o Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia, juntamente com a criação do bloco carnavalesco Loucura Suburbana (ilustrado no Apêndice A), que percorre as ruas do bairro, criando um movimento de conexão com a comunidade. Além disso, como espaço multifuncional, o Instituto abriga: Espaços de saúde (ambulatório e enfermaria), Residências que abrigam os internos, Capela, Centro de Documentação e Memória, Biblioteca, Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Escola Especial Municipal Dr. Ulisses Pernambucano, Proteção e Defesa dos Animais, Unidade de Ordem Pública (UOP), Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e o conjunto do Museu de Imagens do Inconsciente (MII).

3. O CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) é um serviço de saúde aberto e comunitário do Sistema Único de Saúde (SUS). Ele é um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor de vida. O objetivo dos CAPS é oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, realizando o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares e comunitários. É um serviço de atendimento de saúde mental criado para ser substitutivo às internações em hospitais psiquiátricos (BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, 2004).



- | | | |
|-------------------------------------|---|--|
| A - PAVILHÃO JULIANO MOREIRA | H - CASA DO SOL | O - PORTARIA |
| B - PAVILHÃO ANA NERY | I - MUSEU DO INCONSCIENTE | P - GARAGEM |
| C - ATELIER FERNANDO DINZ | J - OFICINA/GARAGEM AMBULÂNCIAS | Q - ESCOLA MUNICIPAL |
| D - HOSPITAL ODILON GALLOTTI | K - ESPAÇO ABERTO AO TEMPO (EAT) | R - GUARDA MUNICIPAL |
| E - GUSTAVO RIEDEL | L - CAPELA | S - SECRETARIA DEFESA DOS ANIMAIS |
| F - PAVILHÃO BRAULE PINTO | M - ANTIGA CAPELA/NECROTÉRIO | T - UNIDADE PRONTO ATENDIMENTO |
| G - BLOCO MÉDICO-CIRÚRGICO | N - RESIDÊNCIAS (SERVIÇO HETEROFAMILIAR) | |

- | | |
|---|---|
| SÍTIO DE OCUPAÇÃO ORIGINAL NO PERÍODO COLONIAL | EDIFICAÇÕES REMANESCENTES DA COLÔNIA DE ALIENADAS |
| EDIFICAÇÕES DEMOLIDAS | PAVIMENTAÇÃO EM PÉ-DE MOLEQUE |
| HOSPITAL DE NEUROPSIQUIATRIA INFANTIL FORMA ORIGINAL (DEMOLIDO EM 2010) | EDIFICAÇÕES PROTO-MODERNISTAS |
| MUROS EM PEDRA EXISTENTES (A MANTER) | EDIFICAÇÕES MODERNISTAS |
| | ACRÉSCIMOS DAS DÉCADAS DE 1960-80 |
| | EDIFICAÇÕES RECENTES |

Fig. 53 Planta do complexo hospitalar, 1997.

Fonte: PCRJ/GP/IRPH/Gerência de Cadastro, Pesquisa e Proteção | março 2014. Adaptado pelo autor.

Legenda: IMNS (Instituto Municipal Nise da Silveira) Área de intervenção.

Raquel Xavier Laffite

Dissertação de Mestrado | PROARQ | FAU | UFRJ 2019

70

O bairro do Engenho de Dentro, caracteriza-se por ser predominantemente residencial, consolidado, com ausência de espaços livres e de áreas verdes, ocasionando temperatura e sensação térmica elevada. A presença da vegetação e dos espaços livres públicos, é de fundamental importância para a qualidade do bairro, e ainda, para a paisagem urbana da cidade, uma vez que atua no controle térmico, proporcionando conforto e bem estar para a população que transita e reside na região.

O contexto urbano apresenta como pontos principais: o Complexo esportivo Nilton Santos, a linha férrea, Estação Olímpica do Engenho de Dentro, que divide o bairro em dois lados; conta com parte da Av. Carlos Lacerda, via expressa conhecida como Linha Amarela. Além disso, as principais ruas de ligação com a estação de trem e as vias comerciais são sinalizadas, bem como os espaços livres existentes, tais como as praças: Rio Grande do Norte, Amambai e Itapevi (figura 54).

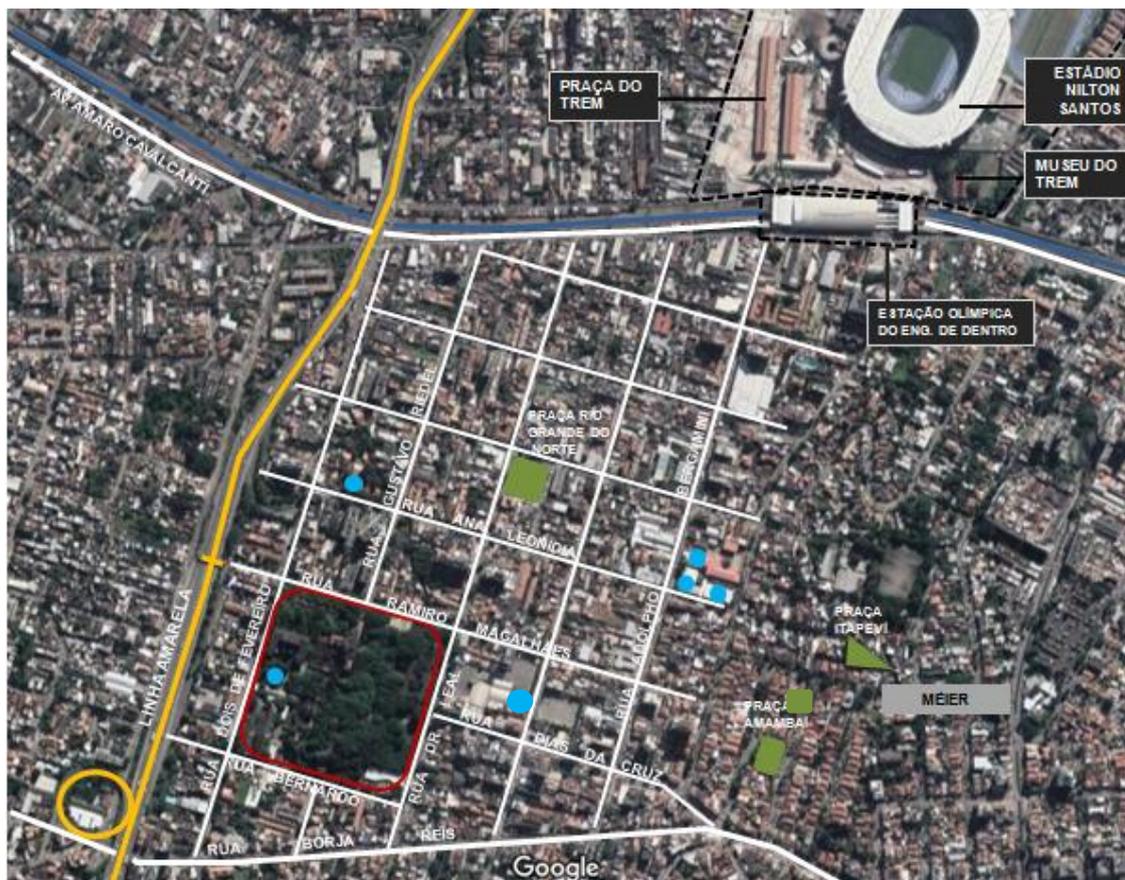


Fig. 54 Estrutura morfológica do bairro do Engenho de Dentro.

Fonte: Google Maps adaptado pelo autor.

- Legenda: IMNS (Instituto Municipal Nise da Silveira) ● Escolas Municipais ■ Praças
- Linha Amarela — Linha Férrea

O entorno do Instituto apresenta o traçado urbano em malha ortogonal, sob a qual são divididas as quadras do bairro, enquanto que a grande quadra equivale a uma área de quatro quarteirões do bairro, com grande concentração de massa arbórea, atuando como o “pulmão” do bairro, vital para a qualidade do ambiente e paisagístico do lugar. Outro fator relevante, é que, nesta localidade, existe uma grande incidência de escolas municipais, sendo um fator potencial para a apropriação do lugar e forte indicador de ligação com a quadra, a ser analisado mais adiante. A seguir, o mapa síntese da configuração do traçado urbano aplicado para este recorte (figura 55).



Fig. 55 Mapa síntese da estrutura morfológica do bairro do Engenho de Dentro.

Fonte: Google Maps adaptado pelo autor.

Legenda: IMNS ● Escolas Municipais Praças

— Linha Amarela — Linha Férrea

Quanto à tipologia do entorno da quadra, observou-se que as vias principais e as calçadas são estreitas, sem áreas de sombreamento, com predomínio residencial; na sua grande maioria constituída por casas típicas do subúrbio, dotadas de varandas e com o telhado aparente, além de algumas construções geminadas. Além disso, podem ser vistos os sobrados, localizados geralmente nas esquinas, e as edificações com o gabarito entre 3 a 4 pavimentos, podendo chegar até 12 andares, exemplificados nas imagens abaixo, capturadas pelo autor. (figuras 56 a 58).



Fig. 56 Tipologias arquitetônicas do entorno, na Rua Dois de Fevereiro.
Foto: R. Laffite Data: outubro de 2018.



Fig. 57 Tipologias arquitetônicas no entorno da Rua Ramiro Magalhães.
Foto: R. Laffite Data: outubro de 2018.



Fig. 58 Tipologia arquitetônica da Rua Dr. Leal e da Rua Borja Reis.
Foto: R. Laffite Data: outubro de 2018.

3.3 Os espaços livres do IMNS

A partir das diversas visitas de campo realizadas ao objeto de estudo, foram identificados, dentre outros aspectos, os espaços de convívio e de lazer do Instituto Municipal Nise da Silveira. Notou-se que a apropriação dos espaços livres faz-se por usuários da Instituição, de visitantes, de funcionários e do público externo, quando na realização de eventos culturais e das oficinas de arte, abertas à comunidade, embora, estes espaços abertos, também são utilizados como um local de espera ou de sociabilidade.

Na quadra do IMNS (figura 59) são identificados os espaços de convivência existentes, definidos por: A, B, C, D, E, e F, sendo o espaço E, o objeto de estudo da presente pesquisa. O Capítulo 5 apresenta a proposta para as apropriações dos espaços livres identificados na Instituição, e, em particular, elabora um projeto de intervenção para os espaços livres E1 e E2.



Fig. 59 Identificação dos espaços de convívio/lazer na quadra.
Fonte: Elaborado pelo autor.

- Legenda
- Espaços de convívio identificados
 - ➔ Acessos
 - ▭ Área de intervenção (objeto de estudo)
 - Rio dos Frangos

O espaço de convívio A, encontra-se localizado em frente ao centro de memória e da administração do Instituto (figura 60), constituído por bancos, pavimentação em saibro (1), e parte revestida em pedra portuguesa (2), que direciona ao acesso principal da edificação (figuras 61 e 62), além de contar com uma grande área sombreada pela arborização existente. Este ambiente funciona como espera e local de exposição, quando são realizados eventos no auditório do centro de memória, ou apenas como um local de descanso, de conversa ou contemplação.

Quanto à problemática do lugar, nota-se a precariedade dos elementos urbanos como: a quantidade reduzida de bancos dispersos no ambiente, a ausência de sinalização, identificando os espaços livres e as edificações adjacentes, a carência de lixeiras e de iluminação atendendo à escala do pedestre; pois o excesso de sombreamento dificulta a percepção do espaço e de quem o utiliza. Além disto, os canteiros não estão bem definidos, não apresentando vegetação como composição paisagística.



Fig. 60 Espaço de convívio A. Fonte: Elaborado pelo autor.



Fig. 61 Espaço de convívio A. Possui arborização e pavimentação em saibro.
Foto: R.Laffite Data: setembro de 2018.



Fig. 62 Pavimentação em pedra portuguesa em frente ao acesso da edificação.
Foto: R.Laffite Data: setembro de 2018.

O Espaço de convívio B é dedicado a eventos culturais e atividades diversas (figura 63), oferecidas tanto aos pacientes do Instituto, quanto ao público em geral, porém, destituídos de mobiliário urbano, as atividades são adaptadas ao espaço existente. Entretanto, o espaço é dotado de significação e de essência única: a da inserção social (figuras 64 e 65). Encontra-se situado próximo à enfermaria, à rede municipal de ensino (figura 66) e a uma das residências dos internos na Instituição. Este ambiente é composto por áreas sombreadas e por excessiva pavimentação asfáltica. Não apresenta uma setorização definida dos espaços e, nota-se a precariedade dos elementos urbanos e a falta de sinalização. Neste espaço livre, também está localizada, a Academia da Terceira Idade (ATI), que pertence ao projeto Rio Ar Livre da Prefeitura do Rio de Janeiro, instalada dentro do campus (figura 67). Pôde-se observar que o equipamento encontra-se localizado numa área de pouca visibilidade, e, em vista disso, não há apropriação do público.

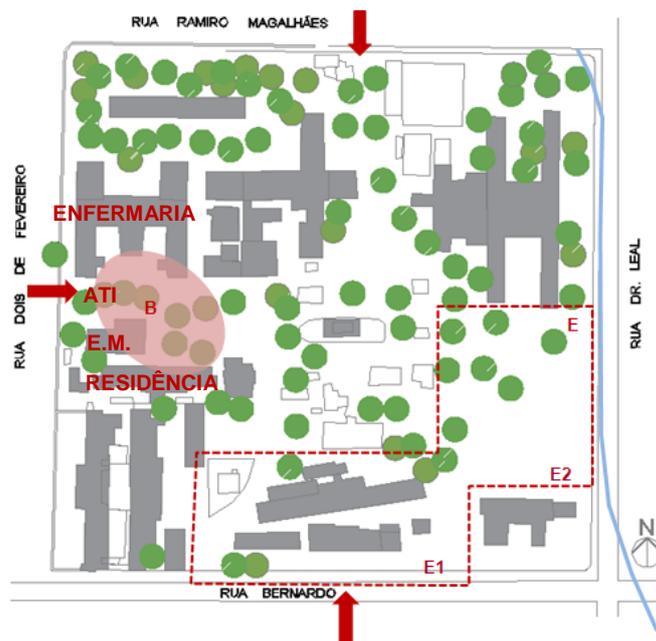


Fig. 63 Espaço de convívio B. Fonte: Elaborado pelo autor.



Fig. 64 Atividade para os pacientes, Espaço de convívio B
Foto: R.Laffite Data: novembro de 2017.



Fig. 65 Espaço de convívio e lazer B
Foto: R.Laffite Data: novembro de 2017.



Fig. 66 A.E.M situa-se em frente ao Espaço B, vista de dois ângulos.
Foto: R.Laffite Data: abril de 2019.



Fig. 67 Academia da Terceira Idade localizada no Espaço B
Foto: R.Laffite Data: abril de 2019.

O espaço livre C (figura 68) é constituído por uma quadra esportiva coberta (6) conectada a um grande salão (7), pertencente à Escola Especial Municipal Dr. Ulisses Pernambucano, instalada dentro do complexo, e que, por sua vez, tem a ocupação por estudantes e do público externo, por meio das atividades esportivas e culturais (figura 69). Neste ambiente (figuras 70 e 71) estão localizadas as oficinas de arte (8) e a Unidade de Ordem Pública, UOP (9). Pôde ser observado que o local apresenta uma grande área descoberta, funcionando como estacionamento, porém, desprovida de sinalização e de setorização das vagas de automóveis. Além disso, o espaço C pode atuar como espaço de passagem e de espera, entretanto, não há mobiliários, placas de identificação do lugar, e a iluminação é precária, fator relevante para a segurança dos transeuntes, durante o período da noite. Da mesma forma, notou-se que há poucas áreas de sombreamento, e a pavimentação asfáltica, apresenta uso intensivo, o que gera uma elevação da temperatura e, conseqüentemente, gera desconforto aos usuários.

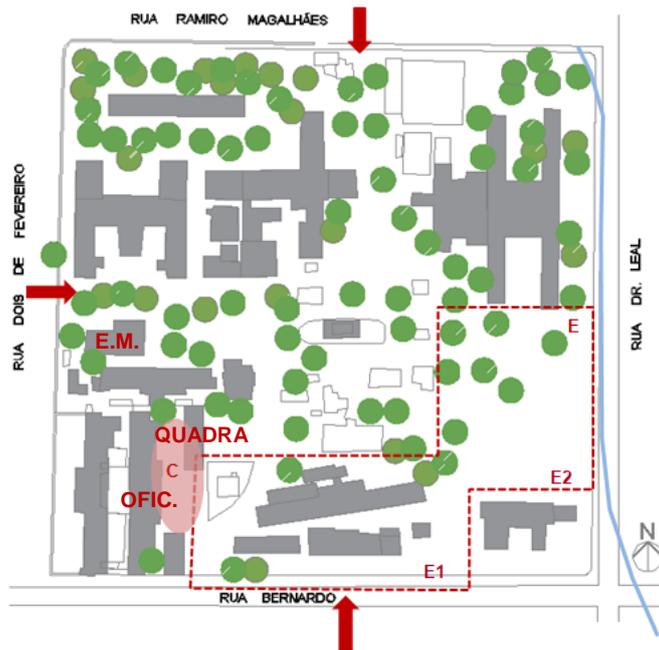


Fig. 68 Espaço de convívio C. Fonte: Elaborado pelo autor.



Fig. 69 Quadra esportiva, Espaço de convívio C.
Foto: R.Laffite Data: setembro de 2018.



Fig. 70 Oficinas de arte, Espaço de convívio C.
Foto: R.Laffite Data: setembro de 2018..



Fig. 71 UOP, Espaço de convívio C.
Foto: R.Laffite Data: setembro de 2018.

O espaço livre D (figura 72), embora não tenha o registro da apropriação por usuários, trata-se de um importante e significativo lugar, onde eram realizadas as atividades do ateliê de pintura, época da Seção de Terapêutica Ocupacional (STO), implantada por Nise da Silveira; confirmada por meio de iconografias (figura 73), e no documentário “Imagens do Inconsciente” de Leon Hirszman, filmado na década de 1980 (Anexo B). Atualmente o espaço livre encontra-se em desuso, do mesmo modo, que o lago e a caixa d’água de estilo neocolonial, estão desativados e em estado precário de conservação (figuras 74 e 75). Elementos como sinalização, mobiliário urbano e iluminação são facultativos, o que dificulta a prática de atividades e a permanência no ambiente.



Fig. 72 Espaço de convívio D. Fonte: Elaborado pelo autor.



Fig. 73 Clientes na Seção de Terapêutica Ocupacional ocupando o espaço livre.
Fonte: SAMII | Arquivo Nise da Silveira.



Fig. 74 Lago e Caixa d'água desativados, Espaço de convivo D.
Foto: R.Laffite Data: julho de 2018.



Fig. 75 Espaço de convivo e lazer D.
Foto: R.Laffite Data: julho de 2018.

O espaço livre F (figura 76), o mais recente identificado, durante uma das visitas “in loco”, consiste de uma grande área composta por duas quadras esportivas, que se apresentam em estado de conservação precária e sem uso. Localizadas próximas ao acesso principal do campus, estão divididas em F’ e F” (figura 77). As quadras esportivas apresentam o aspecto descaracterizado, com pavimentação em saibro (F’) (figuras 78 e 79) e cimento (F”) (figura 80), além da ausência dos equipamentos, tornando-as inadequadas para a prática esportiva.



Fig. 76 Espaço de convívio F. Fonte: Elaborado pelo autor.



Fig. 77 Quadras esportivas existentes, Espaço de convívio F. Fonte: Elaborado pelo autor.



Fig. 78 Pequeno acesso, Espaço de convívio F'.
Foto: R.Laffite Data: dezembro de 2018.

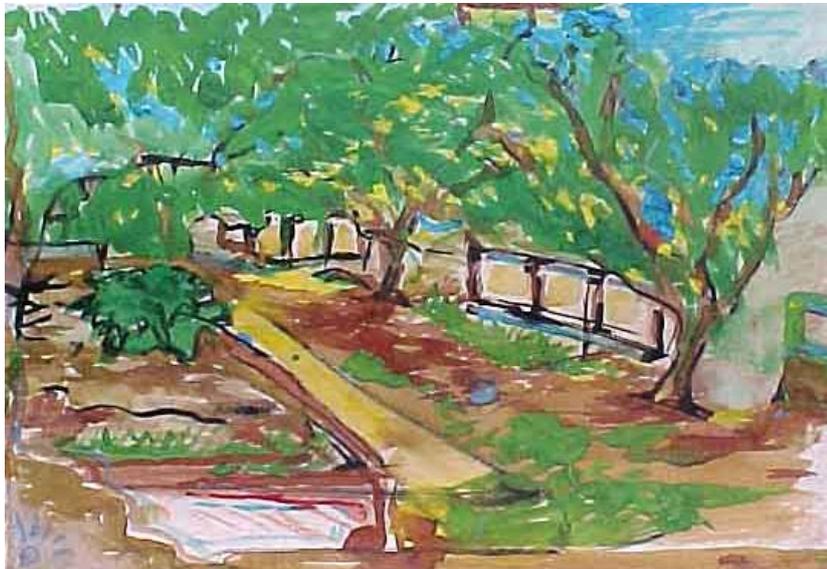


Fig. 79 Espaço de convívio F' sem uso e sem manutenção.
Foto: R.Laffite Data: dezembro de 2018.



Fig. 80 Espaço de convívio F'' descaracterizada e com equipamentos deteriorados.
Foto: R.Laffite Data: dezembro de 2018.

CAPÍTULO 4



Obra de Emygdio de Barros.

“Quanto ao nome da instituição, tinha uma preocupação conceitual: “certas pessoas tendem a simplificar o nome do Museu de Imagens do Inconsciente, dizendo: “Museu do Inconsciente...” “[...] Por favor! Inconsciente não tem museu. O inconsciente é tão vasto, que não caberia num museu! Este espaço, localizado em Engenho de Dentro, chama-se Museu de Imagens do Inconsciente.” (SILVEIRA, Nise da, 2008, p.326)

4. MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE: A ANÁLISE DA FORMA E OS ESPAÇOS LIVRES

Este capítulo aborda o conjunto edificado do Museu de Imagens do Inconsciente: o próprio Museu de Imagens do Inconsciente, o Ateliê de Modelagem, o Ateliê Fernando Diniz, o recente anexo; incorporado ao conjunto em setembro de 2018 (Item 4.1; figura 98), que consiste no antigo EAT¹ (Espaço Aberto ao Tempo), e, a casa de bombas. Apresenta, ainda, uma breve descrição das edificações pela leitura das formas edificadas. Vale ressaltar, que a pesquisa trata dos espaços livres do Instituto Municipal Nise da Silveira, com foco nos espaços abertos do entorno imediato do Museu, considerando relacionar o bem patrimonial com os seus espaços livres, pois além do Museu apresentar significância no conjunto arquitetônico, busca ser reconhecido pela população local, por meio da apropriação dos espaços abertos.

Os espaços livres do entorno do Museu de Imagens do Inconsciente, possuem uma grande importância para o desenvolvimento social e urbano da região, principalmente em se tratando de um bairro denso do subúrbio, com poucas áreas verdes, como ocorre no bairro do Engenho de Dentro. O campus da Instituição, equivalente a quatro quarteirões do bairro, é constituído por grande concentração de árvores, atua como “respiro” para o lugar. Portanto, para o projeto de espaço público, como a criação da Praça da Mandala, detalhada no Capítulo 5, são consideradas, tanto para o desenvolvimento do espaço livre como para a evolução do lugar, as condições norteadoras: o incentivo à socialização, a preservação da vegetação, contribuindo para o conforto térmico, o fácil acesso, e os elementos urbanos; permitindo a funcionalidade e tornando o ambiente mais atrativo, além de proporcionar o conforto para os seus usuários, resultando na conexão com o entorno.

1. EAT, Espaço Aberto ao Tempo, consistia no Centro de Apoio Psicossocial, CAPS, o primeiro a ser implantado no Rio de Janeiro na década de 1990, atualmente anexo do Museu de Imagens do Inconsciente.

4.1 Análise da Forma das edificações do Museu

Centro vivo de estudos e de pesquisas com caráter multidisciplinar, o Museu de Imagens do Inconsciente, além de preservar as obras de arte, abriga também seus criadores. Está organizado em quatro setores: Ateliês Terapêuticos, Reserva Técnica, Administração e Ensino, pesquisa e divulgação. O Museu tem na gestão um diretor, um coordenador, além do colaborador, contribuindo para a realização das atividades do museu, direcionadas na divulgação do saber, do conhecimento e da difusão do bem cultural. Atualmente, o Museu de Imagens do Inconsciente recebe os pacientes externos, encaminhado pelo CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), oferecendo atividades por meio dos ateliês de pintura e de modelagem. Construída nos anos 40, obra de autor desconhecido, a edificação é adaptada para uso do Museu de Imagens do Inconsciente, visto que funcionava como pronto socorro psiquiátrico, quando Centro Psiquiátrico Nacional. A arquitetura do Museu possui características modernistas, com forma geométrica simples e sem ornamentos. Apresenta a predominância linear, constituída por uma platibanda (1) que emoldura toda a parte superior da edificação além de ocultar a cobertura. As esquadrias possuem ritmo (2) e a sua aplicação em toda fachada, auxiliam na iluminação e na ventilação natural, fundamentais para a funcionalidade e o bem-estar dos usuários. Outros recursos são também utilizados na composição, como o beiral (3), acompanhando a linearidade da forma, ao mesmo tempo, em que demarca a entrada do museu e protege os usuários em dias de sol ou de chuva. Possui um pequeno balanço (4) que se apoia sobre o muro de tijolinhos (5), criando a sensação de movimento e flexibilidade da fachada (figuras 81 e 82).

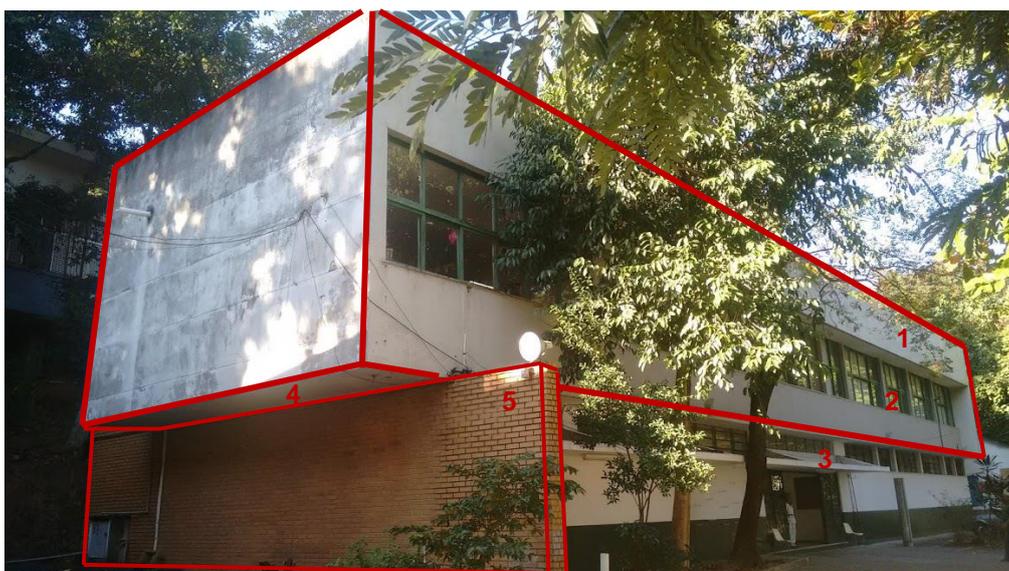


Fig.81 Vista da edificação que ocupa o Museu de Imagens do Inconsciente.

Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.



Fig.82 Fachada principal do Museu de Imagens do Inconsciente.

Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

A arquitetura modernista do Museu contrasta com a tipologia do Ateliê Fernando Diniz (6), da década de 1920, típica da “casa de subúrbio” do Rio de Janeiro, porém, apresentando aspecto descaracterizado (figura 83).



Fig.83 Arquitetura modernista do Museu em contraste com o Ateliê Fernando Diniz.

Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

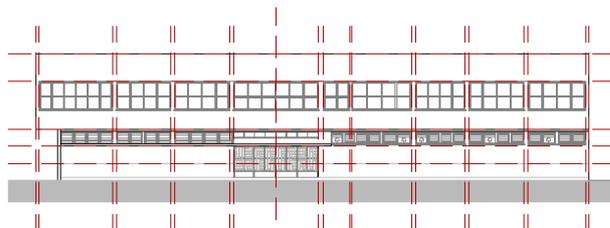


Fig.84 Fachada apresenta ritmo e simplicidade na forma.

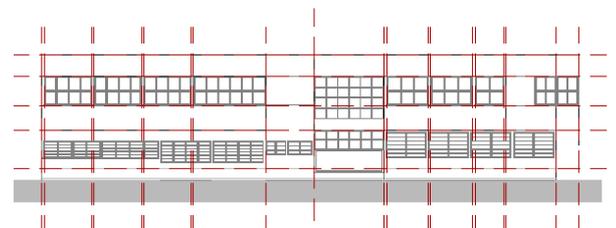
Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

Nas categorias geométricas destacamos os elementos primários que foram observados na edificação do museu e seus anexos: ponto, reta, plano (polígono) e volumes. Quanto à análise da forma, a arquitetura do MII possui: fachada assimétrica, ritmo e simplicidade na forma (figuras 85 e 86).

Ritmo | Malha



Fachada Sul



Fachada Norte

Cheios e Vazios

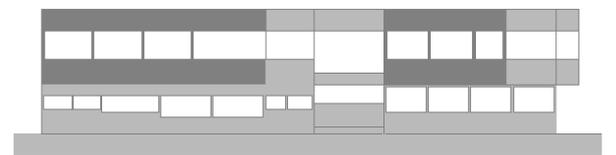
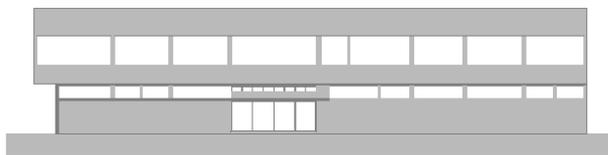


Fig. 85 Fachadas norte e sul e a análise da forma. Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Setembro de 2018

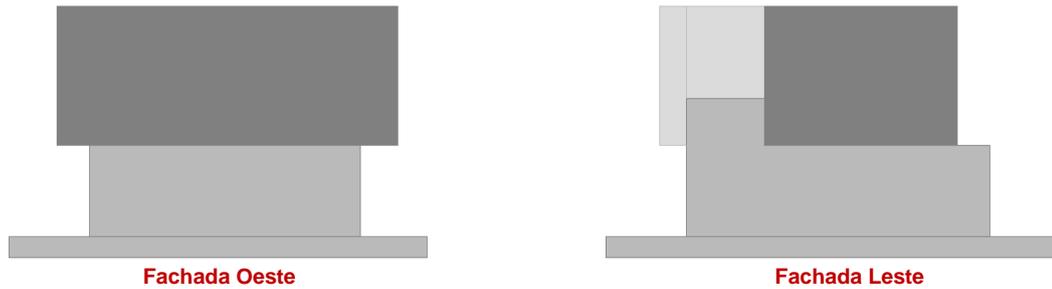


Fig. 86 Fachadas leste e oeste e a análise da forma. Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Setembro de 2018

A antiga oficina garagem, que abrigava as ambulâncias do pronto socorro psiquiátrico (Atual Museu de Imagens do Inconsciente), refere-se ao Ateliê de Modelagem, onde estima-se que sua construção seja da década de 1940, portanto, do mesmo período da edificação que atualmente é ocupada pelo Museu. Apresenta uma área de 300m², local onde são desenvolvidas as atividades de modelagem.

Quanto à composição arquitetônica, a edificação é constituída por um volume único e apresenta a predominância linear, com vigas (1) e pilares (2) bem demarcados na fachada principal (sul). Além disso, possui a platibanda (3) acompanhando toda a fachada, com inclinação no sentido da fachada norte (4) e um beiral (5) com um pequeno balanço (6), na fachada oeste, que se destaca e cria um movimento na fachada (figuras 87 e 88).

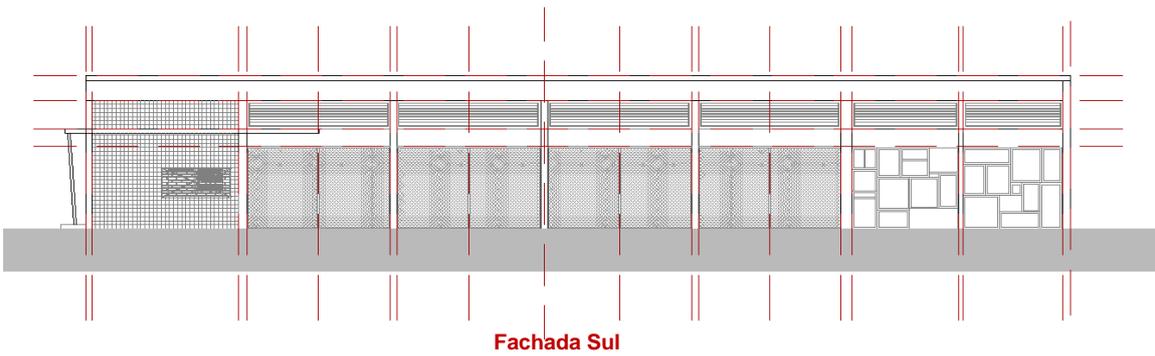


Fig.87 Ateliê de Modelagem. Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

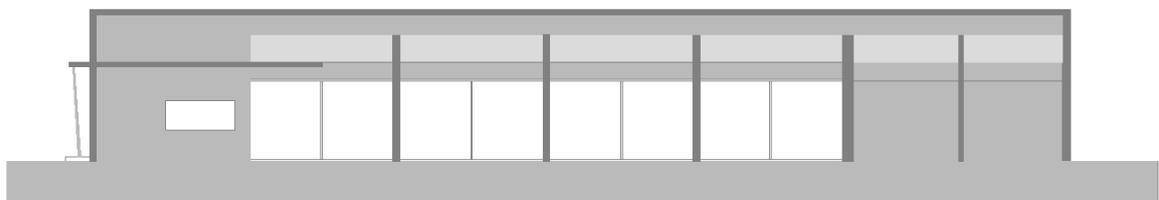


Fig.88 Edificação apresenta predominância linear. Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

Ritmo | Malha



Cheios e Vazios



Proporção | Traçado Regulador

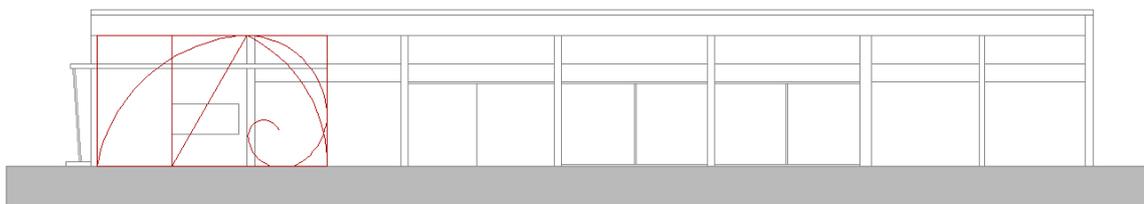


Fig.89 Análise da forma, Ateliê de Modelagem. Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

O espaço ocupado pelo Ateliê Fernando Diniz, trata-se da antiga residência de “serviço heterofamiliar”², do período quando Colônia do Engenho de Dentro. A edificação recebe o nome do artista plástico Fernando Diniz, frequentador do ateliê de pintura, com sua produção no museu, estimada em 30 mil obras. Atualmente a casa encontra-se fechada, servindo apenas de apoio do Museu, embora apresente valor histórico, como memória do trabalho pioneiro de Nise da Silveira e do serviço desenvolvido por Juliano Moreira, na Colônia de Jacarepaguá, e por Gustavo Riedel, na Colônia do Engenho de Dentro, em prol da reinserção social. A arquitetura apresenta boa parte dos elementos originais, o que justifica ações para a proteção e a preservação da volumetria.

A arquitetura do ateliê apresenta-se descaracterizada, uma vez que o telhado (cobertura de amianto) não é o material original da época, porém, é composto de elementos que caracterizam como uma casa típica do subúrbio carioca, tais como: a presença da varanda, as esquadrias de madeira e o telhado aparente (figura 90).



Fig.90 Vista do Ateliê Fernando Diniz, típica casa do “subúrbio carioca”.

Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

2. Serviço heterofamiliar, Época da Colônia do Engenho de Dentro, período da década de 20, onde eram construídas pequenas moradias as quais desempenhavam o serviço de “Assistência Hetero Familiar”; as eram cedidas às famílias das enfermeiras e estas deveriam cuidar de dois ou mais pacientes e por sua vez, estes realizavam trabalhos domésticos, na busca da ressocialização e com a concepção da terapia através do trabalho.

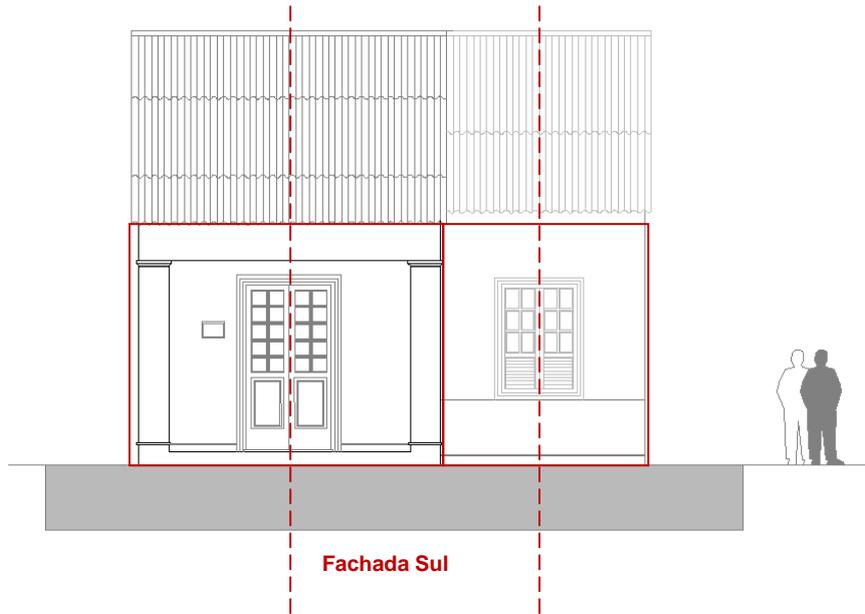


Fig.91 Fachada sul do Ateliê F. Diniz.
Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.



Fig.92 Fachada Leste do Ateliê F.Diniz.
Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

Simétrica



Assimétrica | Ritmo

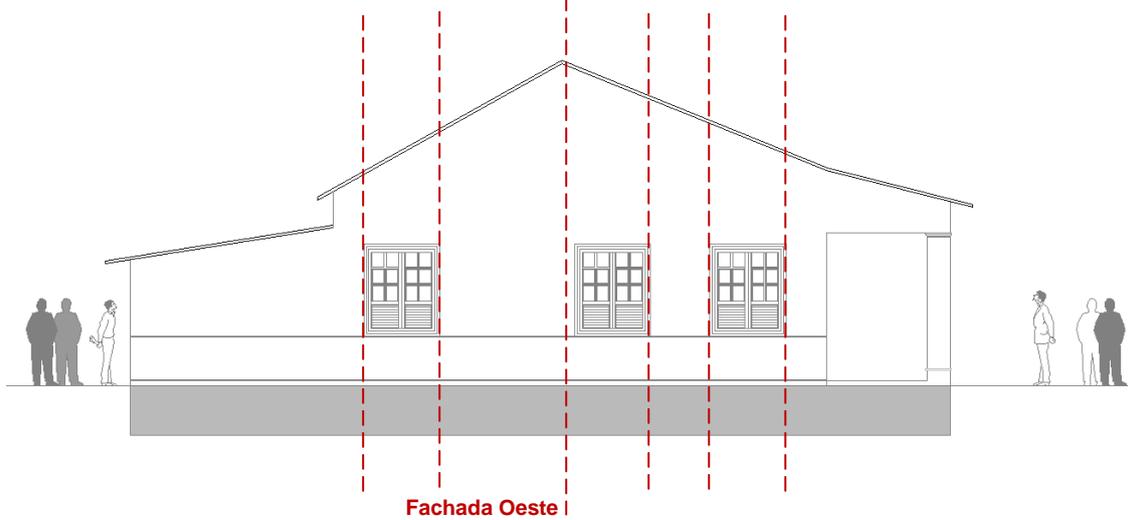
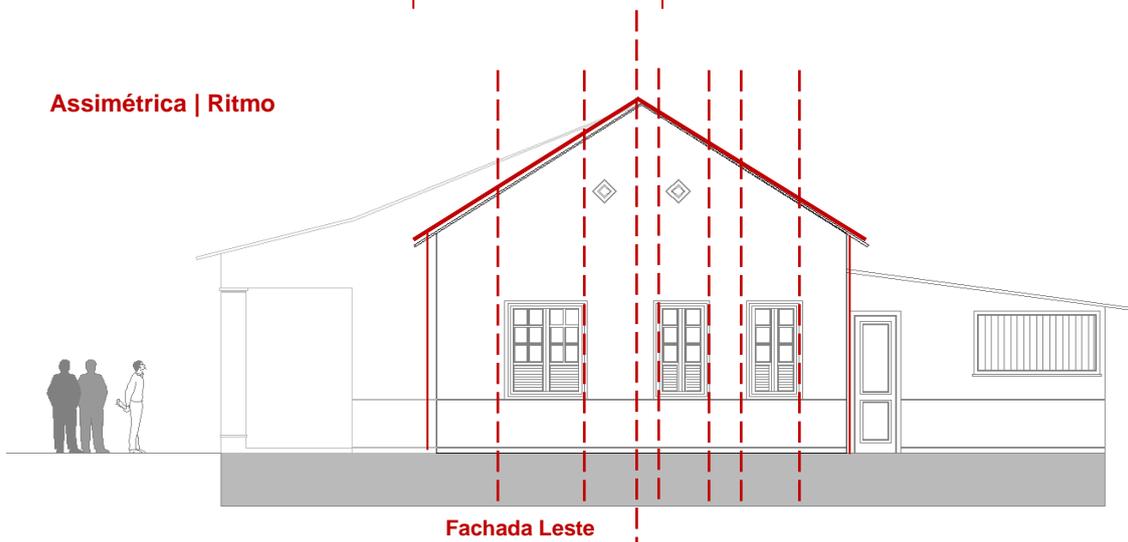


Fig.93 Análise da Forma, Ateliê F. Diniz. Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

O anexo, recentemente inserido ao conjunto, em setembro de 2018, apresenta a tipologia modernista, composta por pilotis, pátios internos e com a predominância linear. Possui uma área de 1300m², e localiza-se em um terreno íngreme, onde o nível dos pilotis é um falso pavimento (figuras 94 e 95). A edificação foi ocupada pelo EAT, Espaço Aberto ao Tempo, que consistia em um Centro de Apoio Psicossocial, CAPS, o primeiro a ser implantado no Rio de Janeiro na década de 1990. Atualmente faz parte do conjunto do Museu de Imagens do Inconsciente. Em setembro de 2018, foi elaborado o projeto de intervenção no Museu (porém o autor não obteve acesso), estando previsto o anexo na proposta de ampliação do bem cultural.



Fig.94 Vista da edificação que ocupa o Anexo.
Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.



Fig.95 Vista do Anexo situado em terreno íngreme. R. Laffite Data: Julho de 2018.



Fig.96 Pátio do Anexo.
Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.



Fig.97 Arquitetura com predominância linear.
Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.



Fig.98 Inauguração do Anexo do MII.
Foto: R. Laffite Data: Setembro de 2018.

A pequena edificação, instalada próximo ao Museu, funcionava como uma casa de bombas, em desuso, atualmente é um depósito. A arquitetura, tipo modernista, é constituída por volume único e sem a presença de ornamentos. A fachada principal (sul) apresenta uma simetria por reflexão a partir da porta e a cobertura possui uma única inclinação (figura 99).



Fig.99 Casa de Bombas desativada.
Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

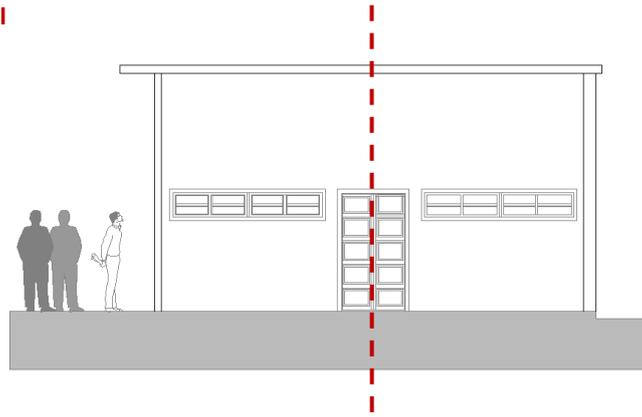


Fig.100 Fachada Simétrica (Sul), Casa de Bombas.
Fonte: Elaborado pelo autor.



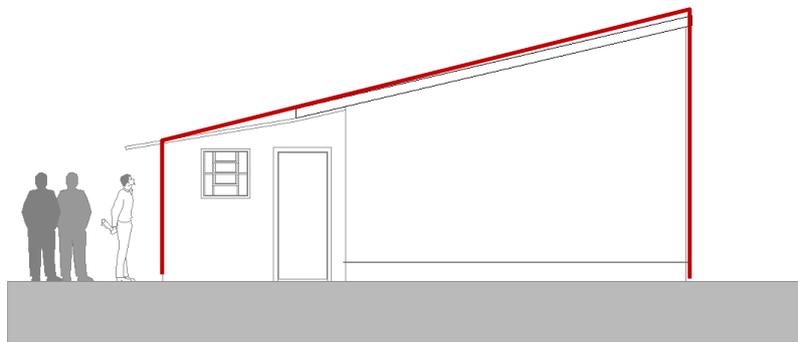
Fig.101 Vista do Ateliê F. Diniz, Casa de Bombas e Anexo.
Foto: R. Laffite Data: Julho de 2018.

Simétrica | Ortogonal



Fachada Sul

Simplicidade da forma



Fachada Oeste

Fig.102 Fachadas Sul e Oeste, Casa de Bombas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

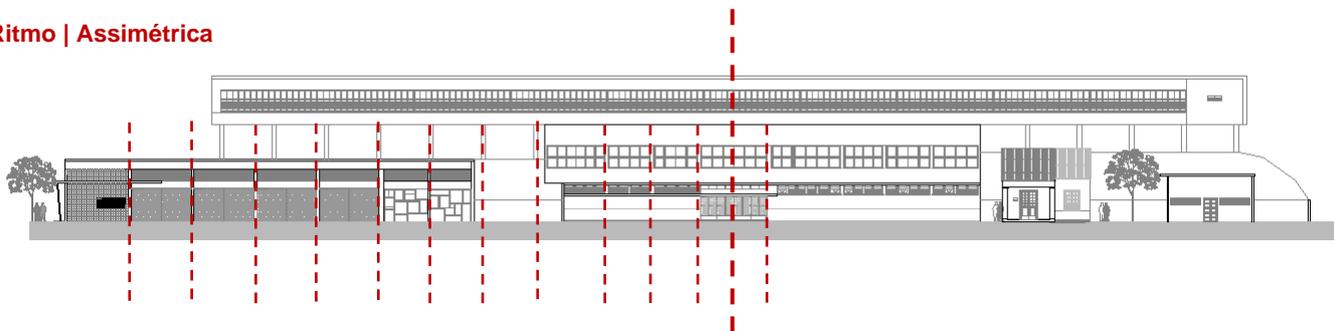
Análise | Conjunto do Museu de Imagens do Inconsciente



Linear | Horizontalidade



Ritmo | Assimétrica



Planos | Ortogonal



Fig.103 Análise da forma do conjunto do Museu de Imagens do Inconsciente (Fachada Sul).

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.2 Espaços Livres do entorno do Museu

Este tópico busca analisar os dois espaços livres, dicotômicos, situados no entorno do Museu de Imagens do Inconsciente, chamados de Espaços livres E1 e E2. A implantação abaixo (figura 104) demarca a área de intervenção e indica os acessos da quadra, ocupada pelo Instituto Municipal Nise da Silveira. Os espaços livres estão situados dentro da quadra, espaço multifuncional, constituído por diversas instituições (figura 105), que apresenta uma grande concentração de vegetação, atuando como “pulmão” para o bairro do subúrbio carioca.

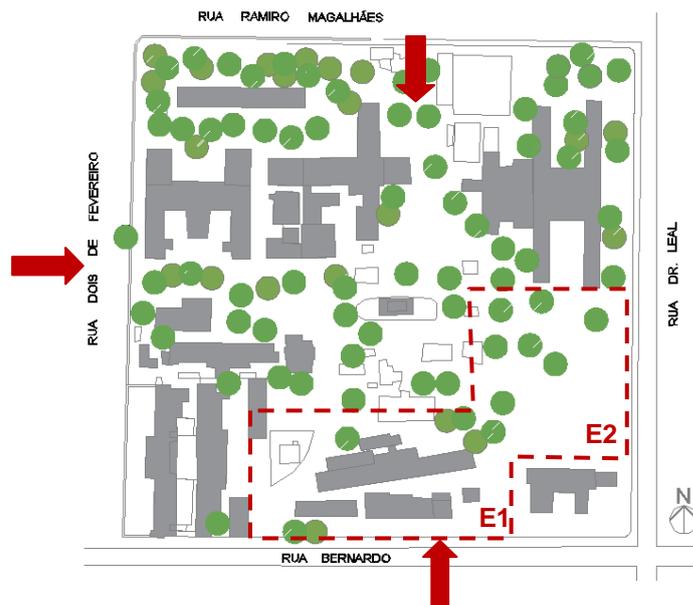


Fig. 104 Implantação e Área de intervenção do objeto de estudo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Legenda: Área de intervenção ➔ Acessos existentes

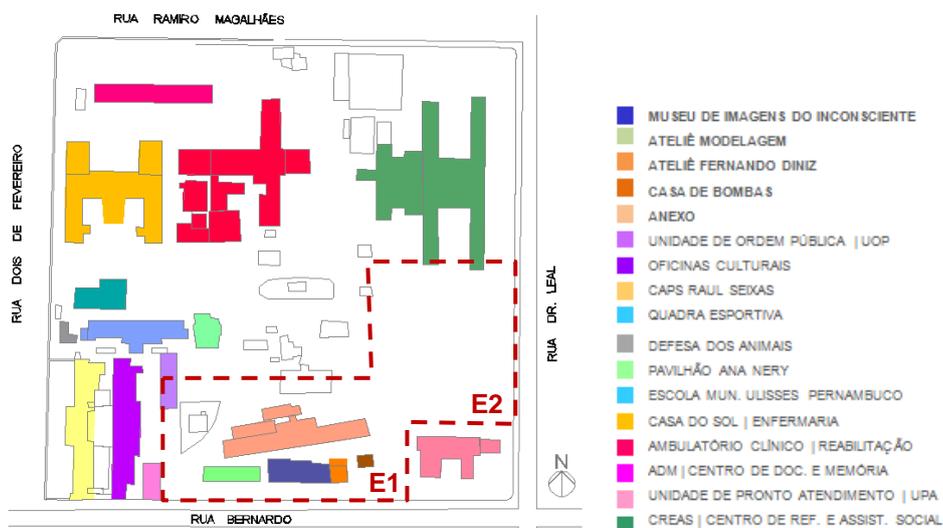


Fig. 105 Setorização do Instituto e a demarcação do objeto de estudo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Espaço livre E1, corresponde aos espaços livres do entorno imediato do Museu de Imagens do Inconsciente, caracterizado como espaço de permanência, convívio ou de espera, voltados aos visitantes, funcionários e clientes frequentadores dos ateliês terapêuticos. Como problemática, aponta-se a precariedade do mobiliário urbano, a ausência de sinalização, de iluminação, da setorização, além do uso intensivo de pavimentação asfáltica, acarretando a geração de impactos ambientais, em virtude da composição e do processo de produção do asfalto; altamente poluentes e por não ser permeável, além disso, requer manutenção constante, entre outros. Quanto às potencialidades do lugar, pode-se notar que o espaço livre por ser constituído por grande concentração arbórea, proporciona um maior sombreamento, e, por sua vez, possibilita o conforto térmico e confere qualidade paisagística ao lugar. O conjunto arquitetônico do Museu se relaciona com o seu entorno, apresentando o gabarito em harmonia com o contexto. Além disso, o Museu possui um amplo espaço aberto, proporcionando diversas formas de uso (figuras 106 e 107).



Fig. 106 Vista do Espaço E1, espaços livres do entorno imediato do Museu.
Fonte: R.Laffite Data: outubro de 2018.



Fig. 107 Vista do Espaço E1, espaços livres do entorno do Museu.
Fonte: R.Laffite Data: outubro de 2018.

O Espaço livre E2, situado próximo ao Museu, apresenta arborizações significativas a serem preservadas, tais como: amendoeira, mangueira, fícus e flamboyant. Neste local, funcionava o antigo Hospital de Neuropsiquiatria Infantil (Item 3.2, figura 53), demolido em 2010. O espaço livre faz divisa com a Unidade de Pronto Atendimento, UPA (1), que apresenta a materialidade em estrutura metálica, pré-fabricada, do tipo container. Este espaço caracteriza-se como espaço de transição e de passagem, não apresentando nenhuma função ou uso. Isto ocorre pela falta de manutenção do lugar, destituído de equipamentos urbanos, bem como de sinalização e de iluminação, além de não possuir nenhum atrativo que convide o visitante a se apropriar do local. Em se tratando das potencialidades do lugar, apresenta vasta arborização, o que possibilita contemplar a paisagem, e desfrutar do conforto térmico, ocasionado pelas áreas de sombreamento. Além disso, o ambiente amplo permite os diversos tipos de uso e de apropriações, com potencial para converter-se em um equipamento público, integrado à comunidade (figuras 108 a 110).



Fig. 108 Vista do Espaço E2, espaço livre próximo ao museu.
Fonte: R.Laffite Data: outubro de 2018.



Fig. 109 Espaço E2 faz divisa com o UPA e apresenta um córrego.
Fonte: R.Laffite Data: outubro de 2018.



Fig. 110 Vista do Espaço E2 cercado por gradil.
Fonte: R.Laffite Data: outubro de 2018.

Em relação à análise hierárquica do objeto de estudo, caracteriza-se em malha, mediante ao ordenamento das edificações do campus. Os espaços livres E1 e E2 têm proximidade e situam-se “nos fundos” da quadra (sul e leste), considerando a entrada principal dada pela Rua Ramiro Magalhães. Entretanto, quando a entrada é feita pela Rua Bernardo, o conjunto do Museu, ganha destaque e referência. Vale destacar, que o Museu de Imagens do Inconsciente e o espaço livre E1 estão posicionados de forma centralizada na quadra (fachada sul), enquanto que o espaço livre E2 encontra-se voltado na sua maior parte, para a fachada leste.

A configuração espacial apresenta-se de forma organizada, dotada de edificações do tipo monobloco com predominância linear, e que, considerando a tipologia arquitetônica existente, cria-se uma espécie de “labirintos” e recuos, dando origem a diversas composições dos espaços livres. A área de intervenção está concentrada no lado inferior da quadra (fachadas sul e leste), considerando o acesso principal pela Rua Ramiro Magalhães (figura 111).



Fig. 111 Estrutura espacial da quadra.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Legenda: - - - Linha guia - - - Área de intervenção

Observando o conjunto do Museu de Imagens do Inconsciente em perspectiva e em corte, percebe-se que o Anexo, encontra-se no nível mais elevado, e sua posição é deslocada em relação à edificação do Museu e do Ateliê de Modelagem, ganhando destaque, sem desarmonizar o conjunto arquitetônico (figuras 112 e 113).

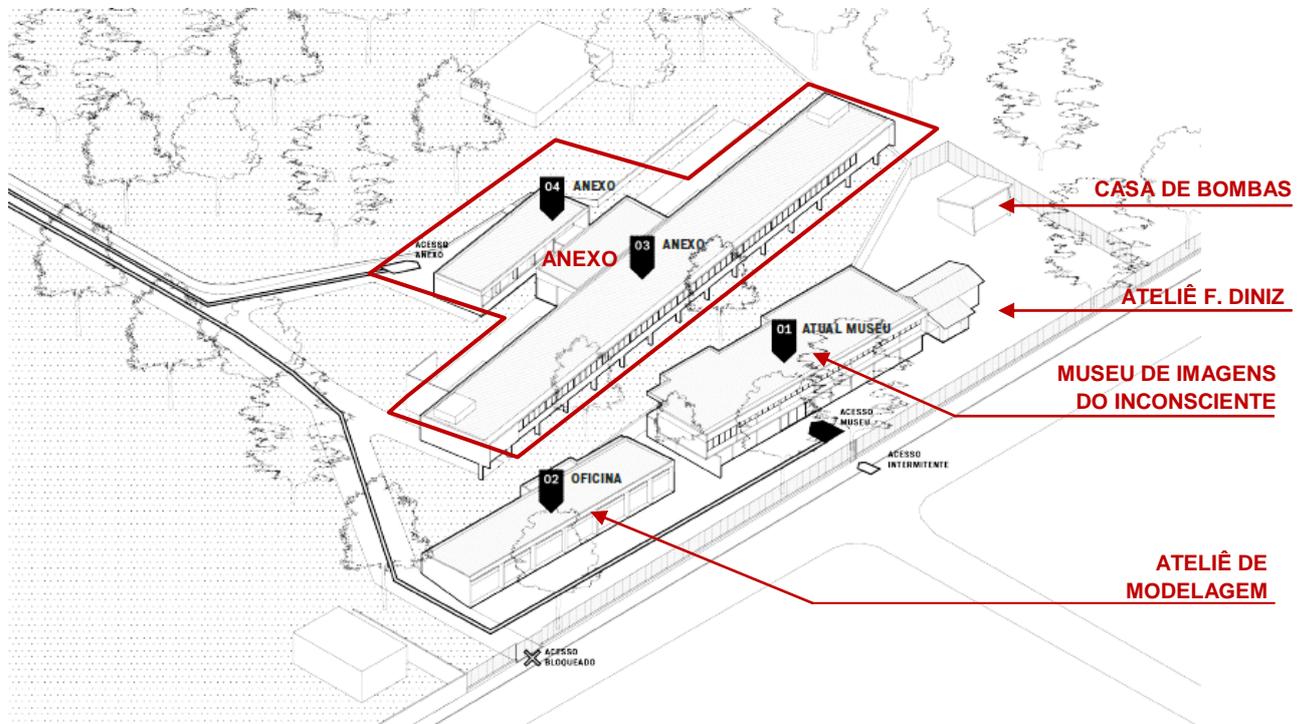


Fig. 112 Perspectiva do conjunto do Museu de Imagens do Inconsciente.
Fonte: Escritório OCO adaptado pelo autor.

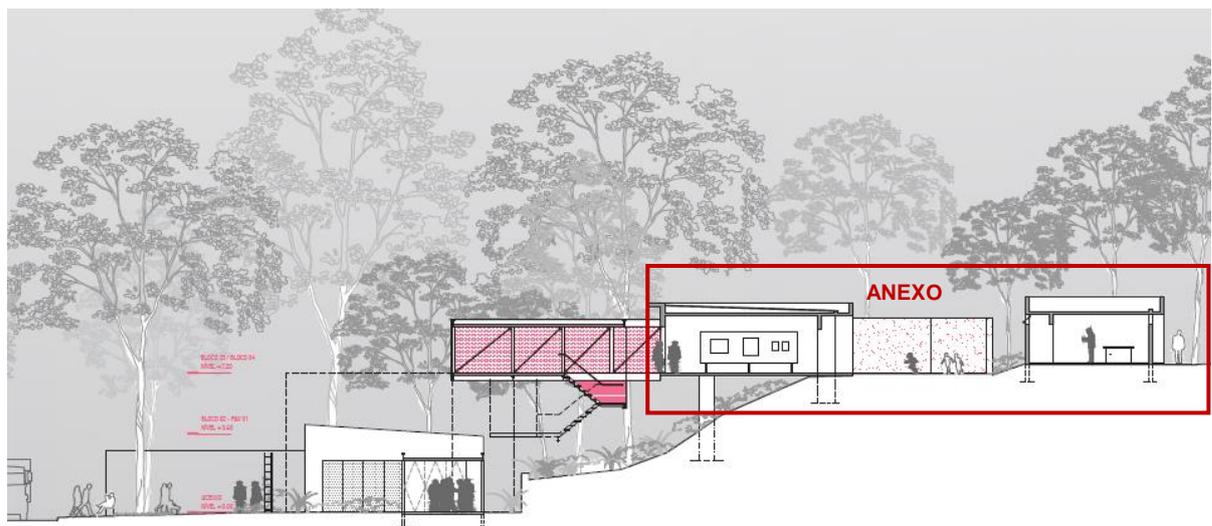


Fig. 113 Corte esquemático do conjunto do Museu de Imagens do Inconsciente.
Fonte: Escritório OCO adaptado pelo autor.



Fig.114 Vista aérea dos espaços livres E1 e E2 e sua relação com o entorno.
Fonte: IRPH (instituto Rio Patrimônio da Humanidade) adaptado pelo autor.

Para tratar a relação funcional dos espaços livres com o entorno construído, foi elaborado o mapa de usos, que compreende os espaços livres e o contexto do entorno. Nota-se que a predominância é residencial, e que a parte comercial, está concentrada nas esquinas do bairro, e nas vias principais, tais como: a Rua Borja Reis, a Rua Adolpho Bergamini e a Rua Dias da Cruz, sentido para o bairro do Méier. Em relação aos espaços livres, são poucos os que aparecem na região, mas dentro deste recorte, aponta-se a Praça Rio Grande do Norte, e a quadra que ocupa o Instituto Municipal Nise da Silveira, atuando como o “respiro” do bairro. Vale ressaltar, que neste recorte, há concentração de escolas públicas da rede municipal de ensino, indicando uma forte ligação das escolas com o equipamento público (figura 115).



Fig. 115 Mapa de usos da área de intervenção e do contexto.

Fonte: Elaborado pelo autor.

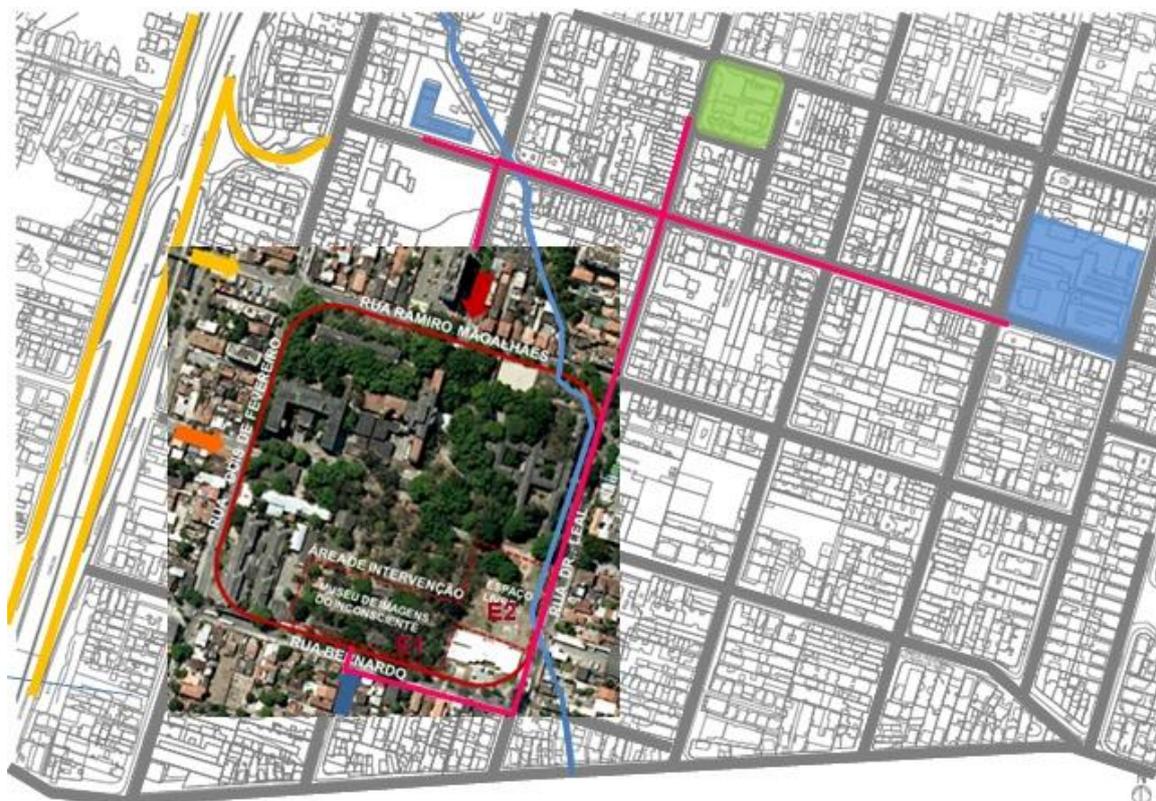
Legenda:



1. Escola Esp. Mun. Dr. Ulisses Pernambucano 2. Escola. Mun. Edgar Sussekind de Mendonça
 3. Escola Mun. Jardim de Infância Maurício Cardoso 4. Escola Mun. Londres 5. Escola Mun. Rio Grande do Sul

Os espaços livres E1 e E2 estão localizados dentro da quadra delimitada por gradis, e não apresentam acesso aberto para o público, embora estejam localizados em posição de destaque e voltados diretamente para as Ruas Bernardo e Dr. Leal (figura 116).

O tecido urbano apresenta um traçado em malha ortogonal, dando origem às quadras do bairro, com exceção a que está ocupada pelo Instituto, que equivale a quatro quadras destas. Outra questão a destacar, é a forte ligação da quadra com um dos espaços livres do entorno, como a Praça Rio Grande do Norte. Alguns dos eventos organizados do IMNS são realizados na praça, integrando os dois equipamentos (a quadra e a praça). Observou-se ainda, a grande quantidade de escolas municipais, fundamental para a potencialidade e o uso do lugar, em especial os espaços livres E1 e E2.



Legenda:

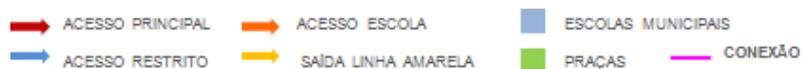


Fig. 116 Configuração do tecido urbano com a área de intervenção e o contexto.

Fonte: Elaborado pelo autor.

São apresentados a seguir, o tipo de tratamento encontrado nos espaços livres E1 e E2 quanto a: vegetação, pavimentação, texturas, fachadas, materiais construtivos, equipamento urbano, infraestrutura e a ambiência do lugar. Iniciamos a abordagem com o espaço livre E1 (figura 117) e em seguida, com o espaço E2 (figura 119), por meio de fotos realizadas “in loco” em outubro de 2018.



Fig. 117 Tratamento Espaço livre E1.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: outubro de 2018.



Fig. 118 Implantação indicando as visadas, E1. Fonte: Elaborado pelo autor.



Fig. 119 Tratamento Espaço livre E2.
 Fonte: Elaborado pelo autor. Data: outubro de 2018.

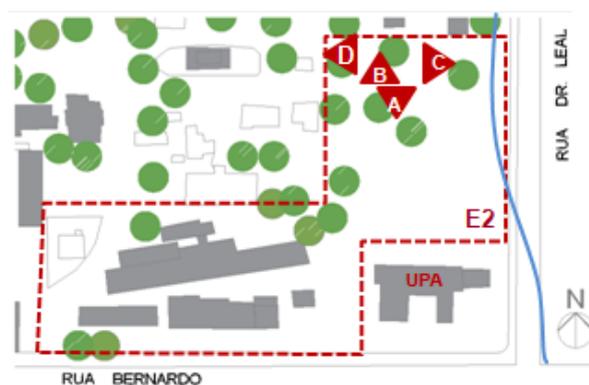


Fig. 120 Implantação indicando as visadas, E2. Fonte: Elaborado pelo autor.

Os usos e as apropriações do espaço E1 foram identificados durante as visitas de campo e por meio de registro iconográfico. Vale lembrar, que o espaço livre E2 não é usado pelas pessoas, em decorrência da falta de manutenção, da ausência de mobiliário urbano e da infraestrutura do lugar (figura 121).



Fig. 121 Identificação dos usos nos espaços livres da área de intervenção.
Fonte: Elaborado pelo autor.



Fig.122 Concentração de Visitantes na entrada do Museu.
Foto: R.Laffite Data: abril de 2019



Fig. 123 Funcionários descansam no mobiliário existente.
Foto: R.Laffite Data: setembro de 2018.



Fig. 124 Evento realizado nos espaços livres do anexo do Museu.
Foto: R.Laffite Data: setembro de 2018.



Fig. 125 Espaço apresenta acesso garagem e guarita sem uso.
Foto: R.Laffite Data: abril de 2019.

CAPÍTULO 5



Obra de Fernando Diniz.

A procura de um ponto central nas tentativas instintivas de reconstrução da personalidade cindida faz-se de maneiras variadas. Algumas vezes a busca do centro é um complicado percurso labiríntico ou um caminho em forma de espiral. (SILVEIRA, Nise da, 1982 p. 64).

5. A PROPOSTA

Este capítulo apresenta as diretrizes de intervenção destinada aos espaços livres do campus do Instituto Municipal Nise da Silveira, e em particular, desenvolve uma proposta projetual para os espaços livres do entorno imediato do Museu de Imagens do Inconsciente, transformando em um equipamento público e de apropriação pela população local, considerando que a região é carente de espaços de convívio e de lazer.

5.1 Diretrizes para os espaços livres do IMNS

Para o espaço de convívio A, a proposta é estabelecer o conforto e a funcionalidade do espaço livre, a fim de permitir maior permanência no lugar, e possibilitar a realização de diversas atividades no espaço aberto, sendo eles: a implantação de canteiros no entorno da arborização, dotados de apoio (banco) para descanso, bem como desenvolver o tratamento paisagístico e, implantar uma comunicação visual padronizada (figura 126). Sugere-se equipamentos constituídos por bancos alongados, lixeiras para coleta seletiva e iluminação, que atendam tanto a quadra, quanto à escala humana (figuras 127 e 128). Durante a realização de eventos culturais, o espaço de convívio contará com uma cobertura flexível (para dias de chuva), implantada também nos demais espaços abertos da Instituição (figura 129).



Fig.126 Espaço de Convívio A.

Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Março e Abril de 2019.

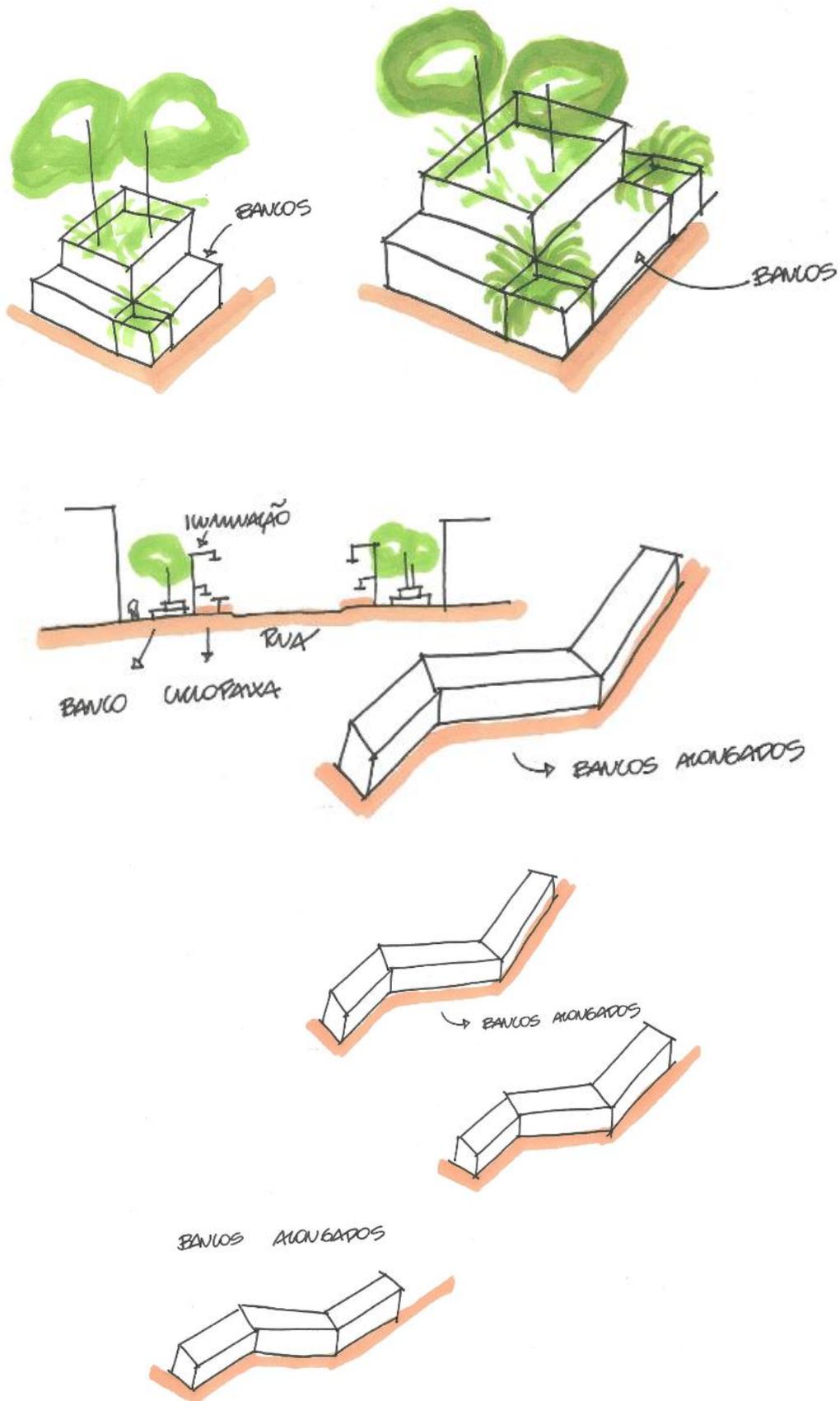


Fig.127 Croqui com diretrizes para o campus do IMNS.
 Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Março e Abril de 2019.

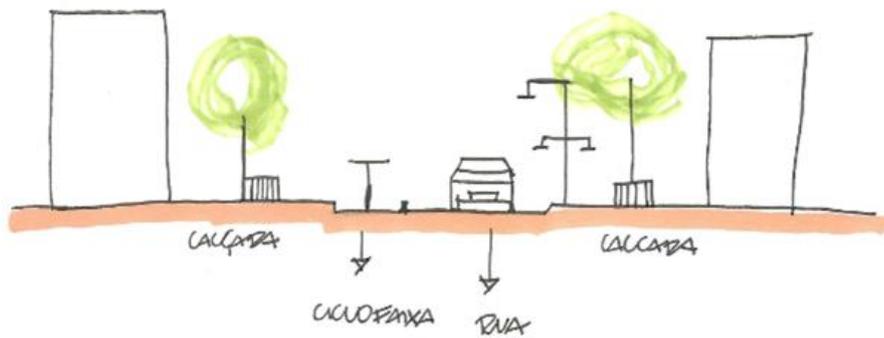
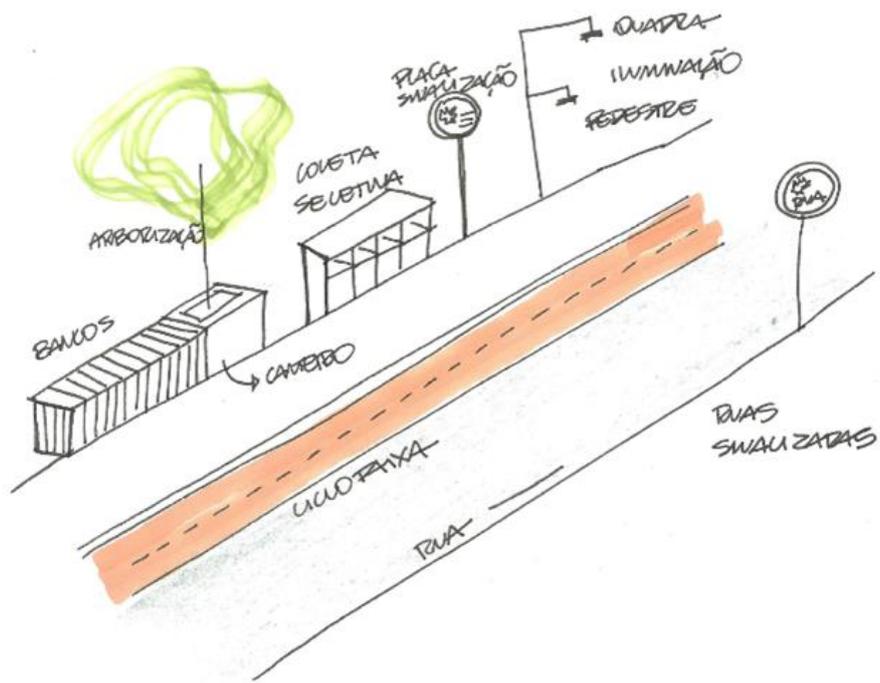


Fig.128 Croqui com diretrizes propostas para o campus do IMNS.
 Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Março e Abril de 2019.

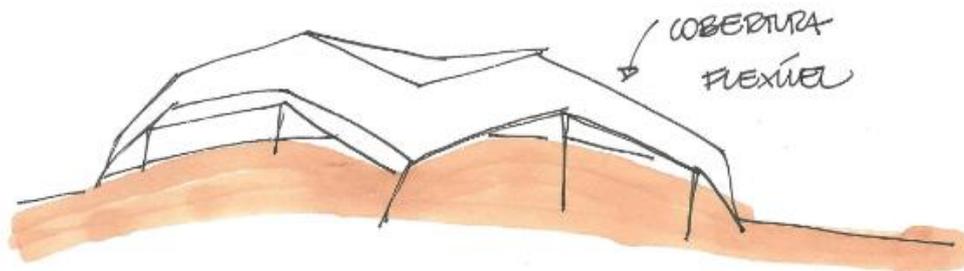


Fig.129 Cobertura flexível proposta para o campus do IMNS.
 Fonte: Elaborado pelo autor. Data: setembro de 2019.

No espaço de convívio B, a proposta busca requalificar o espaço livre para o bem-estar dos usuários bem como se preocupa em evitar impactos ambientais, para isso, propõe a implantação de piso permeável, também conhecido como piso drenante, nas vias de percurso do pedestre e de circulação dos automóveis, uma vez que este material permite a permeabilidade da água pluvial, apresenta alta durabilidade, baixo custo e facilidade de manutenção, além de não poluir o meio ambiente. São previstos a colocação de bancos alongados para uma maior interatividade entre as pessoas, totens informativos padronizados, lixeiras para coleta seletiva e, iluminação atendendo as duas escalas, a da quadra e a do usuário. Propõe mobiliário e cobertura flexíveis (figura 130), para a proteção das pessoas em dias de chuva, e, por infraestrutura móvel, pré-fabricada, do tipo container (figura 131), para abrigar sanitários, bebedouros, entre outros serviços de apoio, atendendo aos usuários que circulam nos espaços abertos ou quando a realização de eventos culturais no campus.

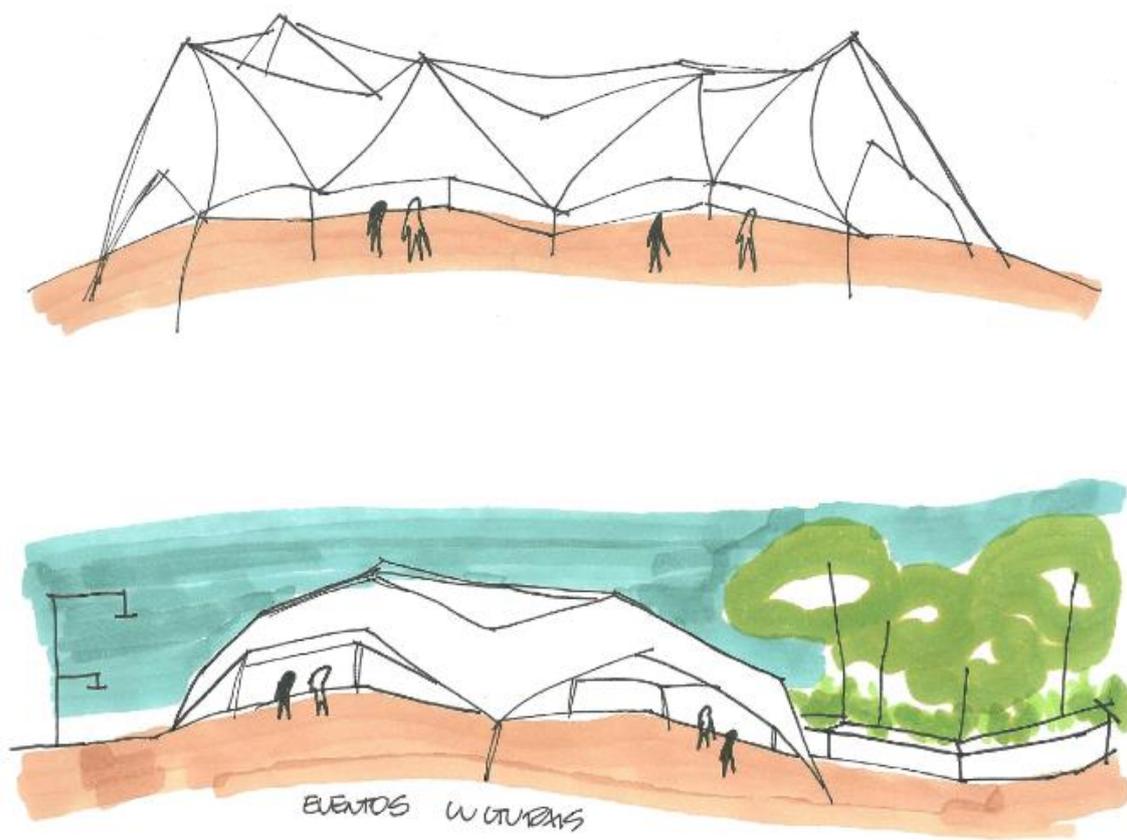


Fig.130 Proposta de cobertura flexível para o campus do IMNS.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Março a setembro de 2019.

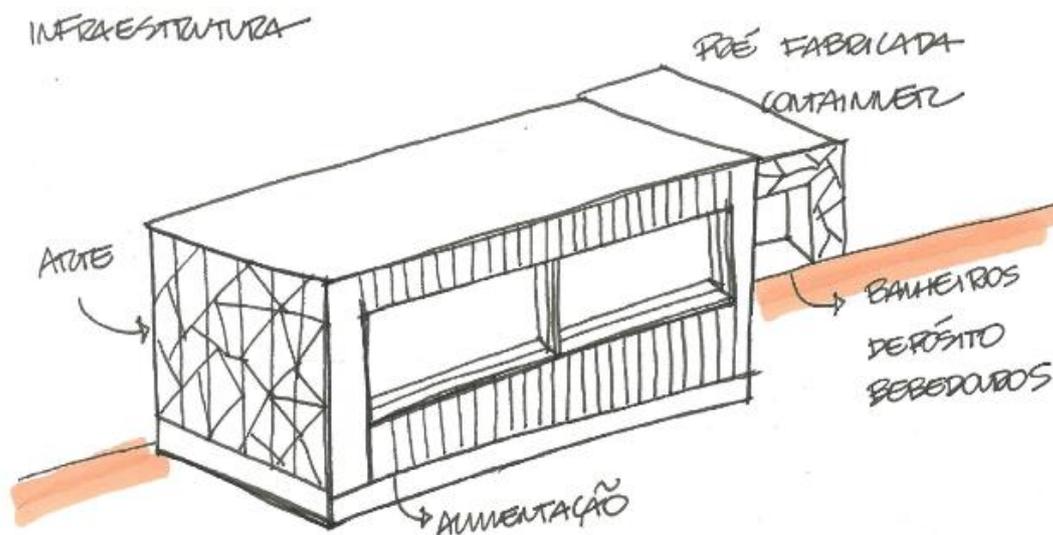


Fig.131 Proposta de infraestrutura, container para o campus do IMNS.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Março a setembro de 2019.

Adicionalmente, a proposta prevê tornar aberto o acesso da quadra, pela Rua Dois de Fevereiro, próximo à ATI, Academia da Terceira Idade, facilitando o acesso ao equipamento e incentivando ao uso (figura 132). Assim, além da abertura do acesso, dotado de sinalização, pretende-se integrá-lo ao Espaço de Convívio B (figura 133), que também será dedicado ao uso das crianças, frequentadoras da Escola Municipal, favorecendo a relação de contato e de afetividade entre os usuários, em função da diversidade de público, (de jovens e da Terceira Idade). No espaço dedicado ao uso das crianças, está previsto instalações interativas, em referência às mandalas produzidas pelos clientes da STO, período em que as atividades eram ministradas pela Dr.^a Nise da Silveira (Capítulo 2, item 2.2).

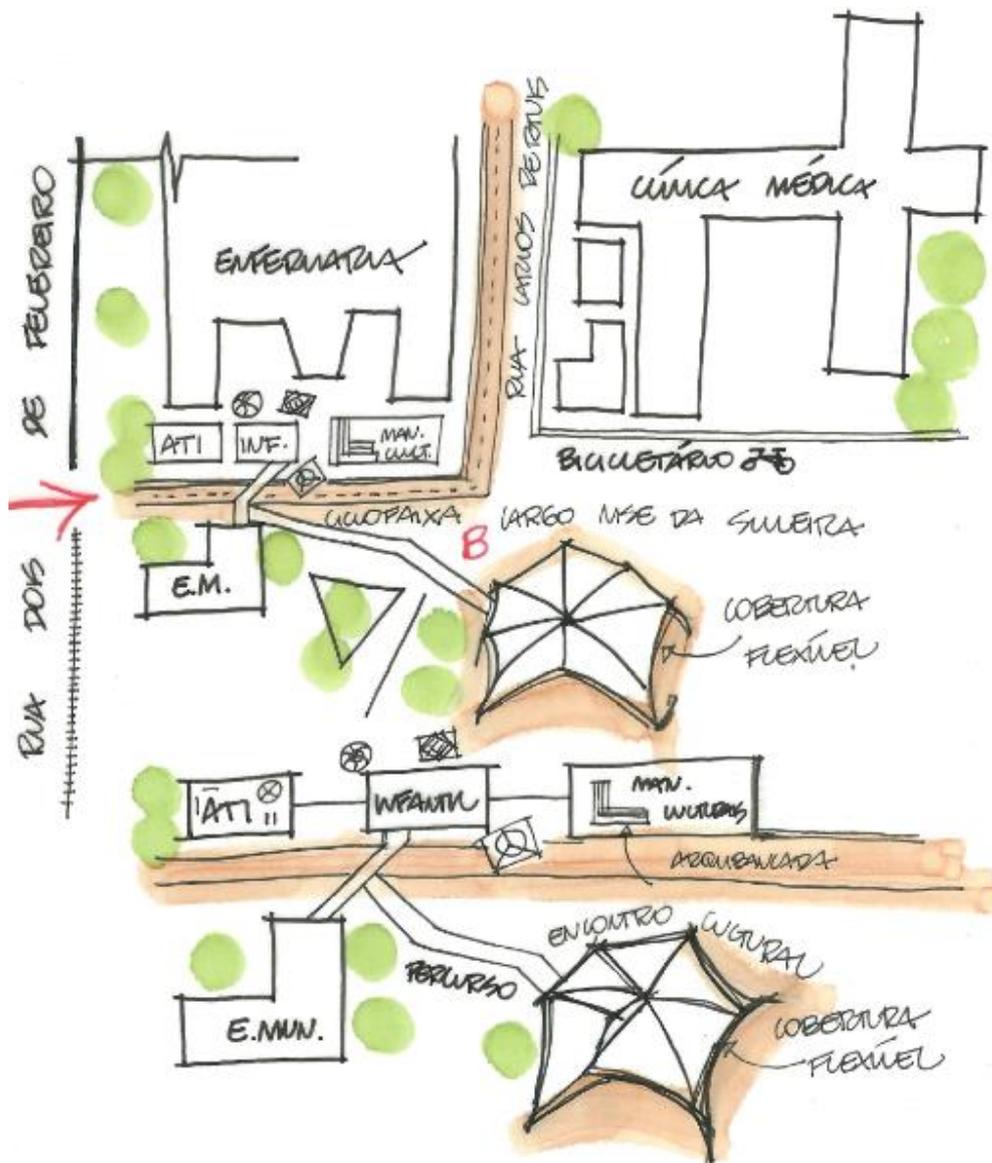


Fig.132 Diretrizes propostas para o Espaço de convívio B.
 Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Março a setembro de 2019.

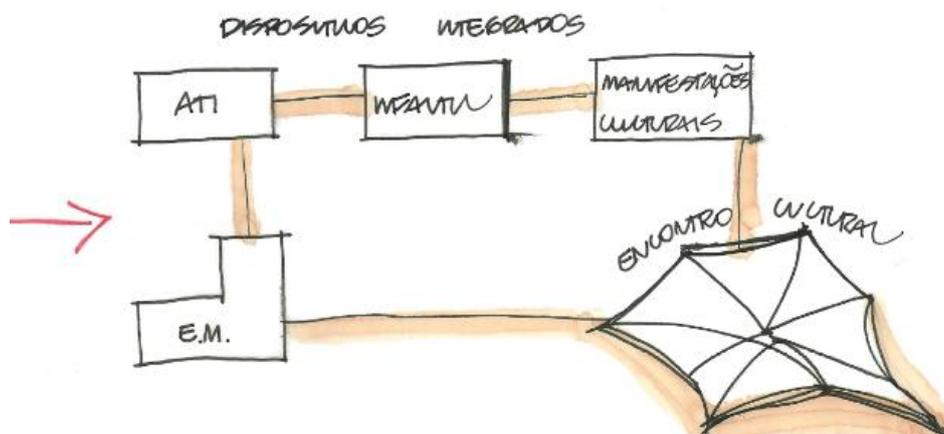


Fig.133 Dispositivos integrados, Espaço de convívio B.
 Fonte: Elaborado pelo autor. Data: setembro de 2019.

Para a adequação e o conforto térmico do espaço livre C (figura 134), propõe implantar o piso permeável, canteiros com arborização de pequeno porte, proporcionando sombreamento e a qualidade paisagística do lugar; instalar equipamentos urbanos padronizados, para apoio e segurança dos transeuntes; setorizar as vagas de automóveis e as vagas preferenciais (figura 136), destinadas tanto ao uso do idoso quanto ao do PNE (Portador de Necessidades Especiais) de acordo com a legislação vigente¹.



Fig.134 Espaço de convívio C.

Fonte: Elaborado pelo autor. Data: setembro de 2019.



Fig.135 Diretrizes na fachada externa do campus, IMNS.

Fonte: Elaborado pelo autor. Data: setembro de 2019.

1. Lei 10.741/03 (Estatuto do Idoso); Leis 10.048 e 10.098/2000 regulamentada pelo decreto federal 5.296/2004 (prioridade de atendimento às pessoas que especifica; estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida).

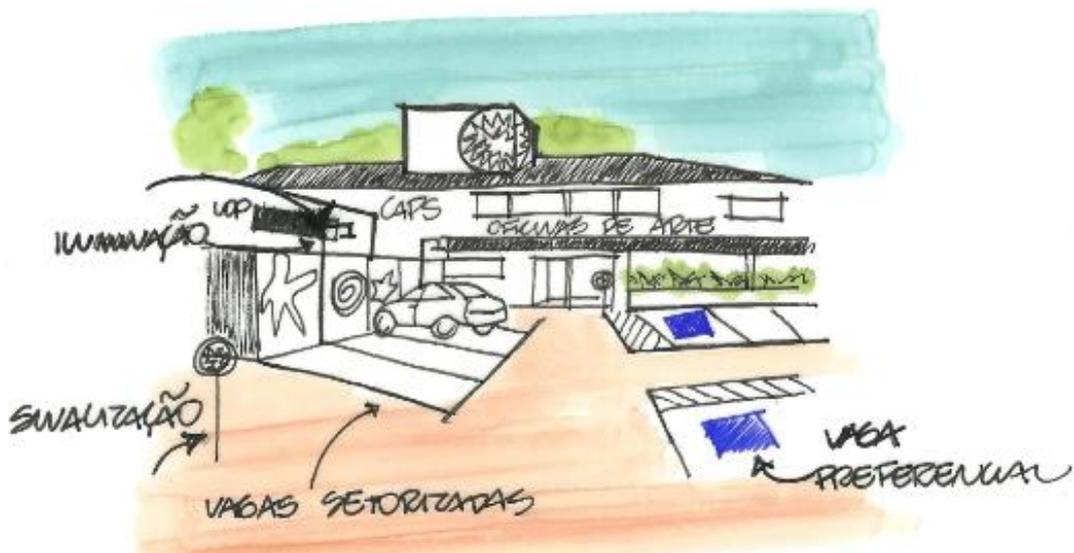


Fig.136 Diretrizes para o Espaço de convívio C.
 Fonte: Elaborado pelo autor. Data: julho a setembro de 2019.

O projeto visa resgatar o espaço livre D (figura 137), que possui grande significado histórico e cultural, constituído por elementos paisagísticos de interesse de preservação, tornando-se apto para o uso dos clientes do Museu de Imagens do Inconsciente, com a realização das atividades terapêuticas, bem como para outra prática de sociabilidade, voltada também para o público externo; constituídos por equipamentos urbanos, placas de sinalização e de iluminação.



Fig.137 Diretrizes para o Espaço de convívio D.
 Fonte: Elaborado pelo autor. Data: julho a setembro de 2019.

No espaço livre F (figura 138), a proposta busca requalificar o espaço de lazer, voltando ao uso original, a de quadra de futebol e de quadra poliesportiva, possibilitando a prática de diversas modalidades esportivas, além de incentivar a sociabilidade através da atividade física, fundamental para o bem-estar da população.

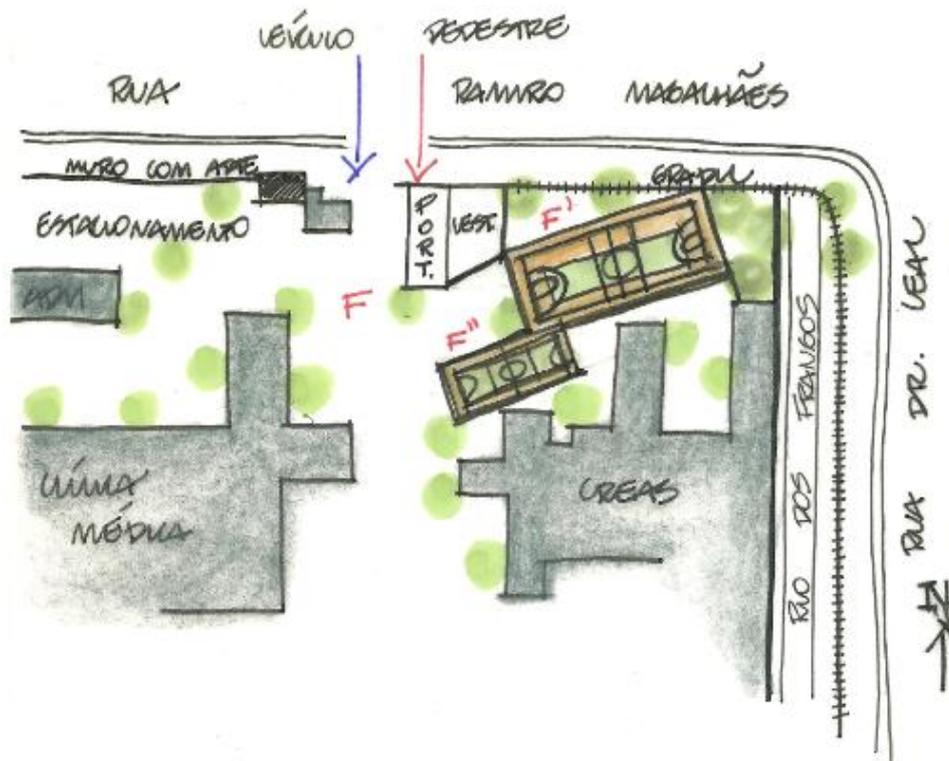


Fig.138 Diretrizes para o Espaço de convívio F.

Fonte: Elaborado pelo autor. Data: julho a setembro de 2019.

O campus também conta para incentivo à prática de atividades físicas, com a implantação de ciclovia, percorrendo todo o interior do IMNS. Além disso, bicicletários são instalados como apoio ao meio de transporte, em pontos específicos do campus (figura 139). O uso da bicicleta além de proporcionar a qualidade de vida e contribuir para a mobilidade urbana é um meio de transporte de baixo custo e não polui o meio ambiente, proporcionando uma cidade mais consciente e sustentável. Assim, para o campus do IMNS foi proposto à implantação das ciclofaixas, tipologia cicloviária destinada quando o fluxo e/ou velocidade dos automóveis oferecerem riscos moderados ou limitação à circulação do ciclista, separadas por sinalização horizontal, sem barreiras físicas, de acordo com o Guia Cicloinclusivo, publicado pelo Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento, ITDP² (Guia Cicloinclusivo, ITDP, p.80, 2017).

2. ITDP, Instituto de Políticas de Transporte e Desenvolvimento, fundado em 1985, consiste em uma entidade sem fins lucrativos que promove o transporte sustentável e equitativo no mundo, concentrando esforços para reduzir as emissões de carbono, poluição atmosférica, vítimas de trânsito e a desigualdade social.

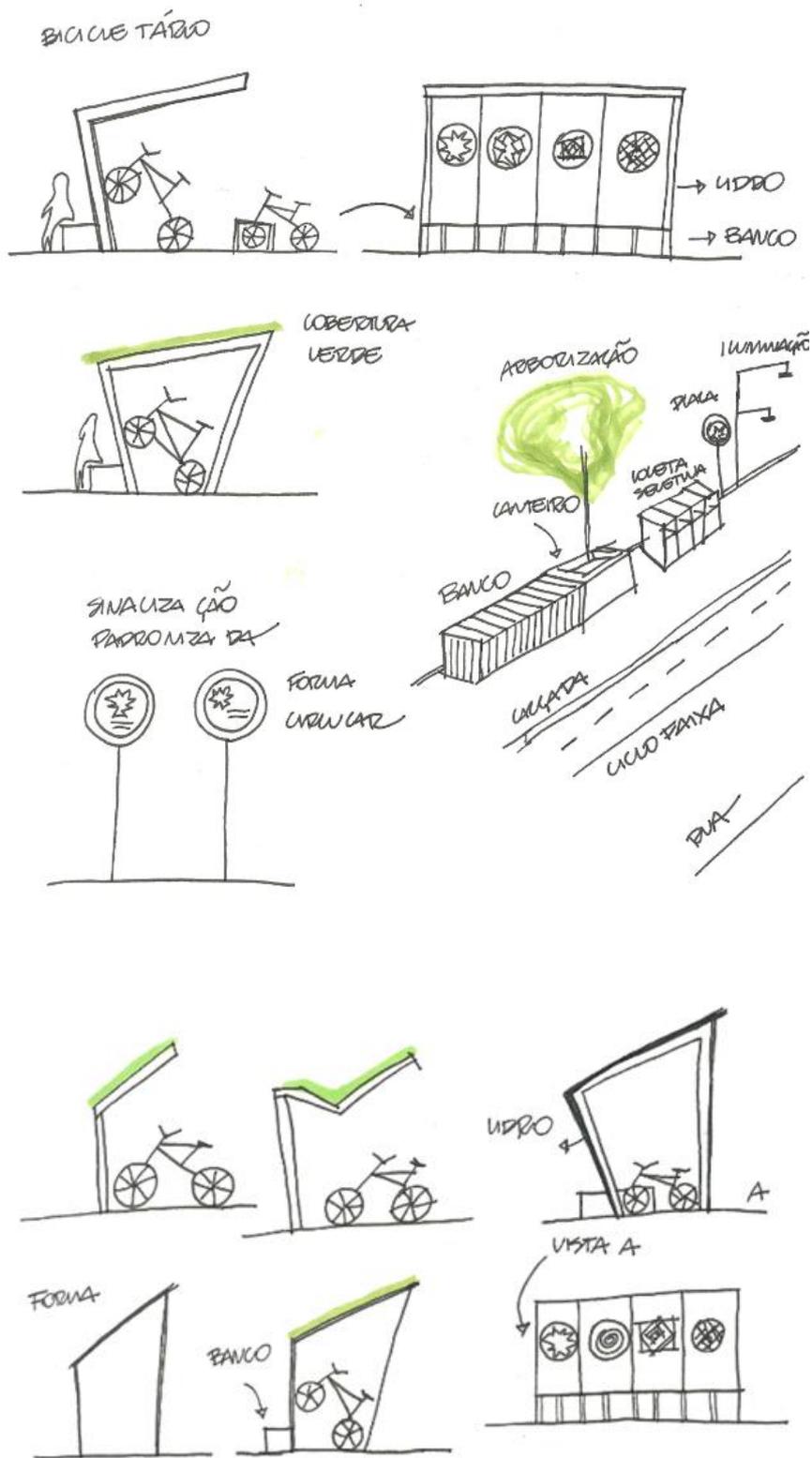


Fig.139 Diretrizes propostas para o campus do IMNS.
 Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Março a setembro de 2019

A proposta projetual tem como diretrizes:

- Proporcionar a visibilidade do conjunto edificado do Museu, através da comunicação visual, com maior permeabilidade do acesso e de prioridade ao uso do pedestre;
- Tornar os espaços livres equipamento público, que possam ser apropriados pelas pessoas e que incentivem a integração urbana sociocultural, por meio da proposição de atividades culturais;
- Propiciar a relação entre natureza e arte, como estímulo aos usuários em explorar com mais intensidade os espaços a céu aberto.

Para definição das diretrizes projetuais foram identificados: os fluxos existentes, de pedestres e veículos, e os locais já apropriados pelos usuários, o que permitiu para compreender a dinâmica dos espaços abertos do campus e fundamentar a proposta projetual (figura 140).

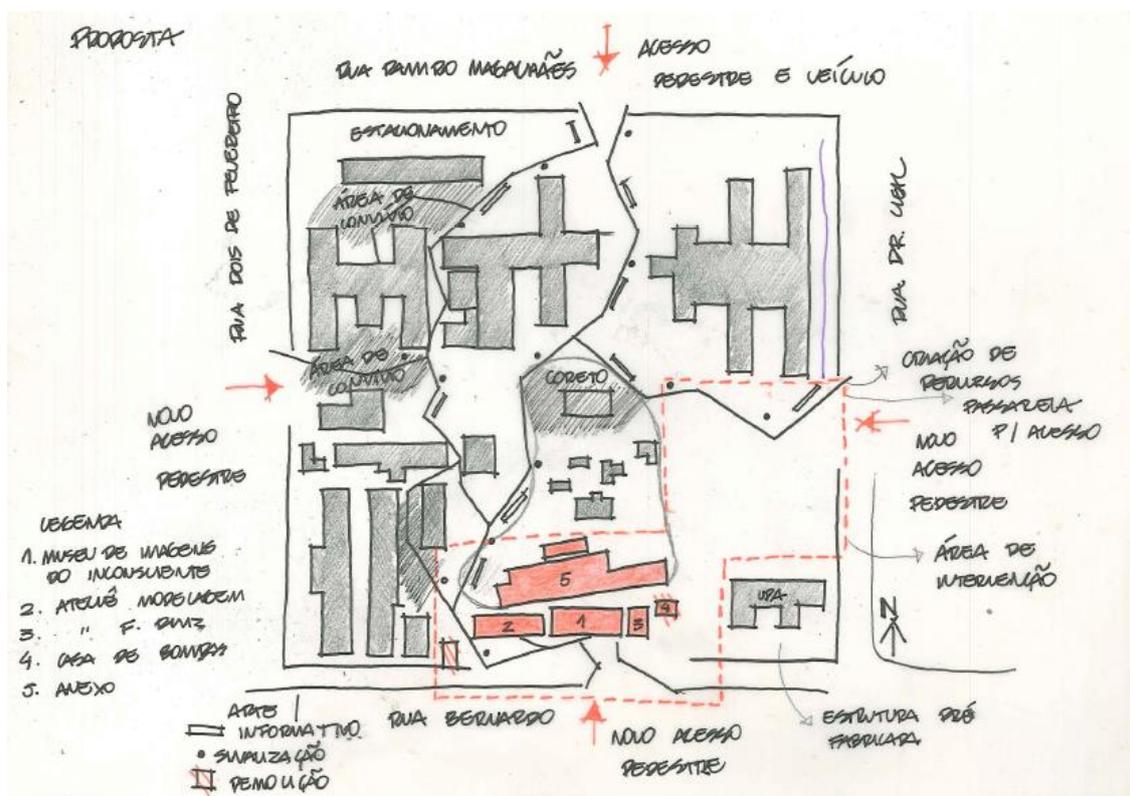


Fig.140 Diretrizes para o objeto de estudo através de croquis. Fonte: Elaborado pelo autor.

A Implantação a seguir, apresenta os espaços de convívio identificados no IMNS, a proposta da criação dos novos acessos e dos percursos no interior do campus, desenvolvida em nível de estudo preliminar, visto que o foco da pesquisa trata mais especificamente, dos espaços livres E1 e E2; ambos constituídos por elementos urbanos, com a proposição de atividades culturais, visando à inclusão sociocultural e o incentivo a prática de sociabilidade. Além disto, a proposta inclui a setorização dos estacionamentos, para que os veículos possam estacionar em locais apropriados e não dificultarem a passagem do pedestre e/ou ciclista; garantindo que a área de intervenção (E1 e E2) seja de prioridade ao uso do pedestre (figura 141).

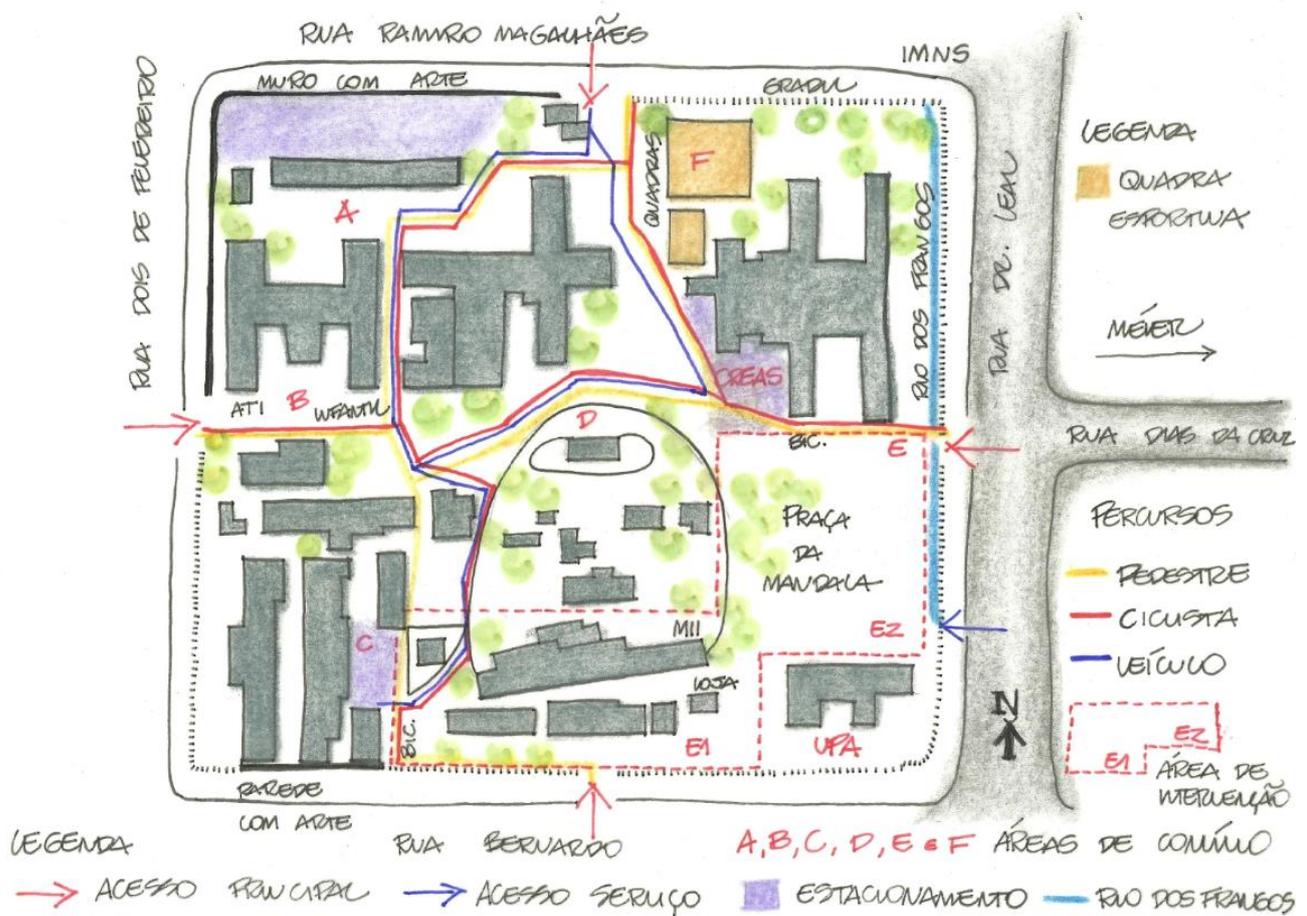
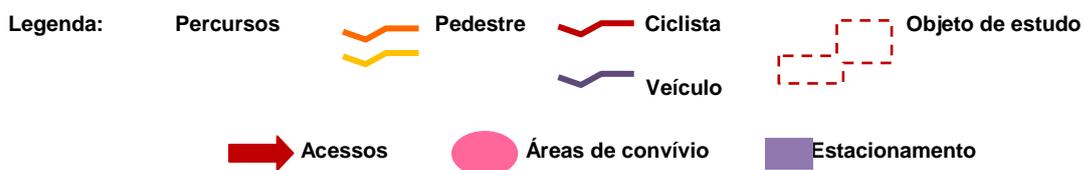


Fig. 141 Implantação com a proposta das diretrizes de intervenção.
Fonte: Elaborado pelo autor.



5.2 Projeto de Intervenção para os espaços livres do entorno do MII

O projeto de intervenção tem como conceito a simbologia da mandala (figura 142), considerando a representatividade e a significância que o símbolo tem para o Museu de Imagens do Inconsciente, bem como expressas nas obras espontâneas dos clientes dos ateliês terapêuticos, nas intensivas manifestações artísticas, nos muros e nas fachadas das edificações do complexo psiquiátrico. A simbologia pode ser vista também no logotipo do Museu, como mencionado (Capítulo 2, item 2.2).

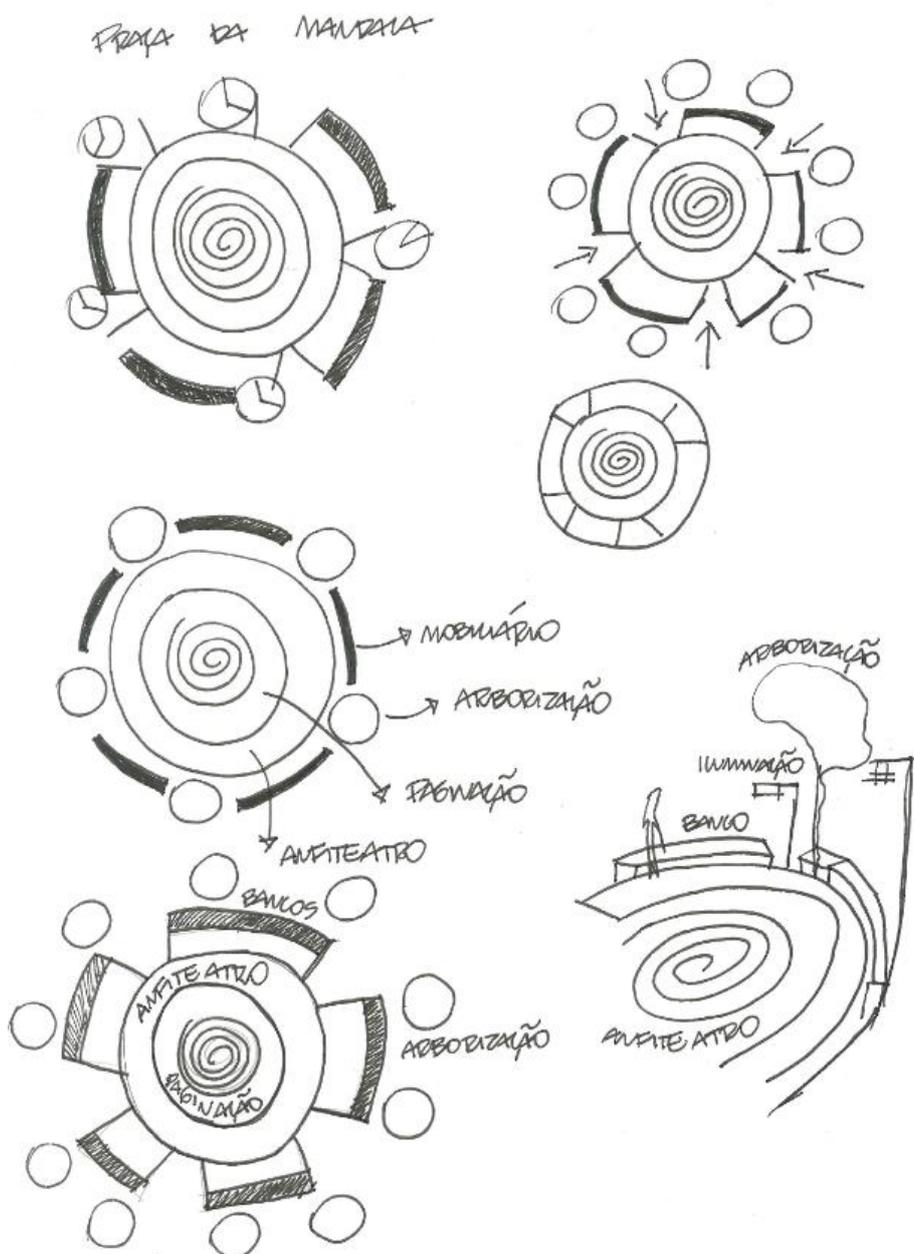


Fig. 142 Croquis com o conceito da mandala.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A proposta do projeto, tendo como referência a mandala, com predominância circular, tem o propósito de criar espaços para usos diversos: atividades/eventos, caminhada, descanso, contemplação, percurso cultural (figura143). A forma circular também é encontrada na comunicação visual, por meio das placas de sinalização, implantadas no campus do Instituto, e mais especificamente, nos espaços livres do entorno imediato do MII.

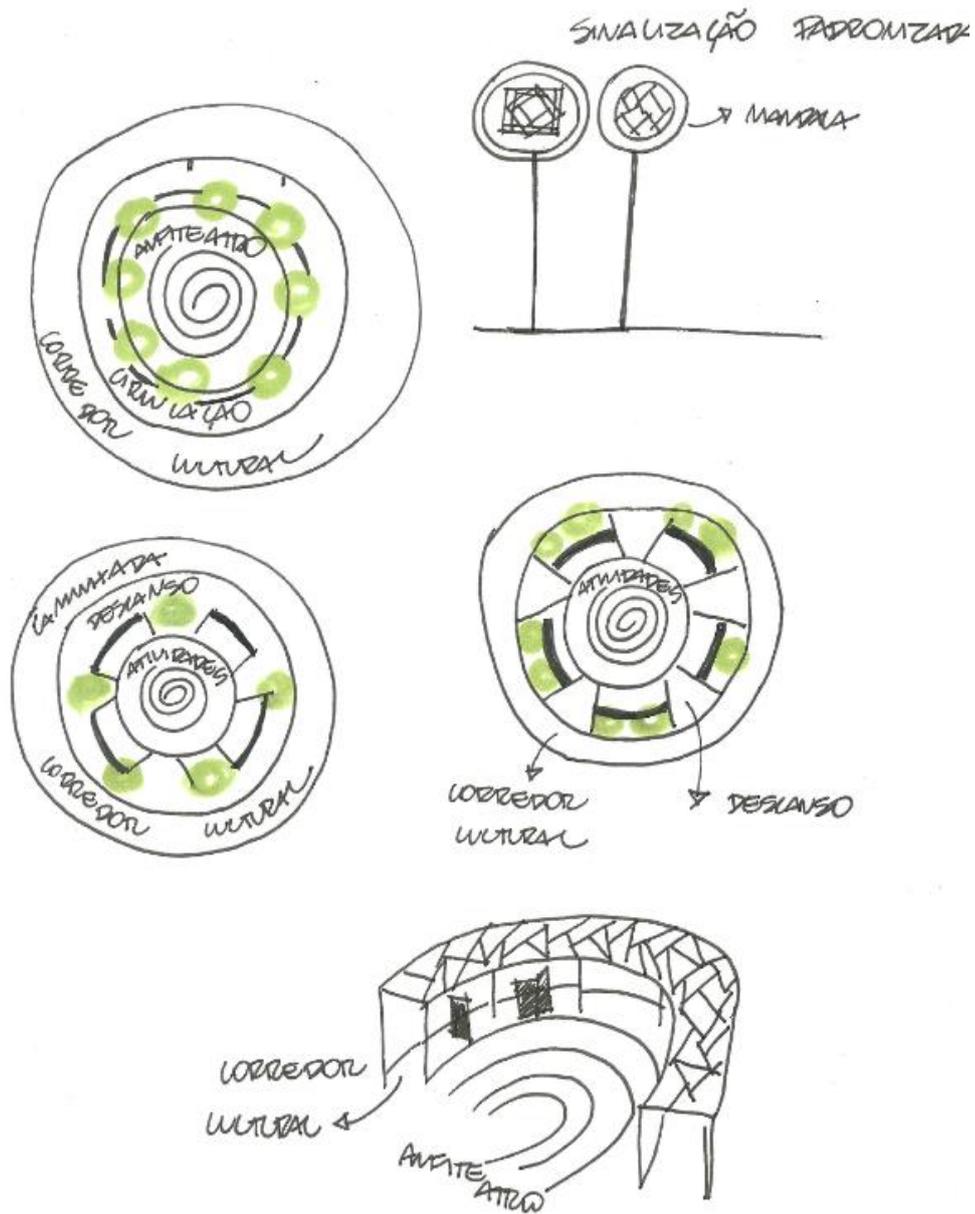


Fig.143 Croquis elaborados a partir do conceito da mandala.
Fonte: Elaborado pelo autor.

CONCEITO | MANDALA

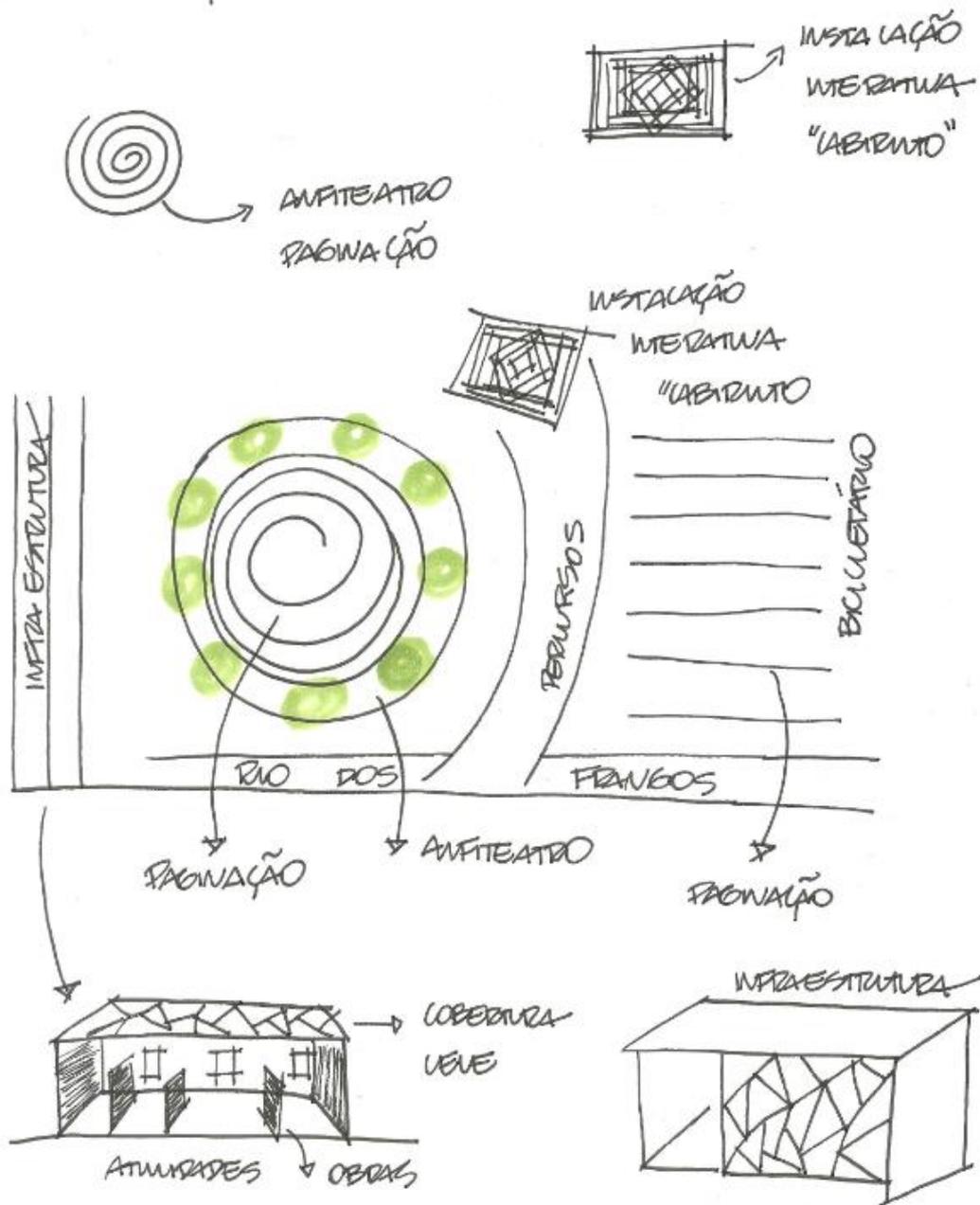


Fig.144 Croquis a partir do conceito da mandala.
Fonte: Elaborado pelo autor.

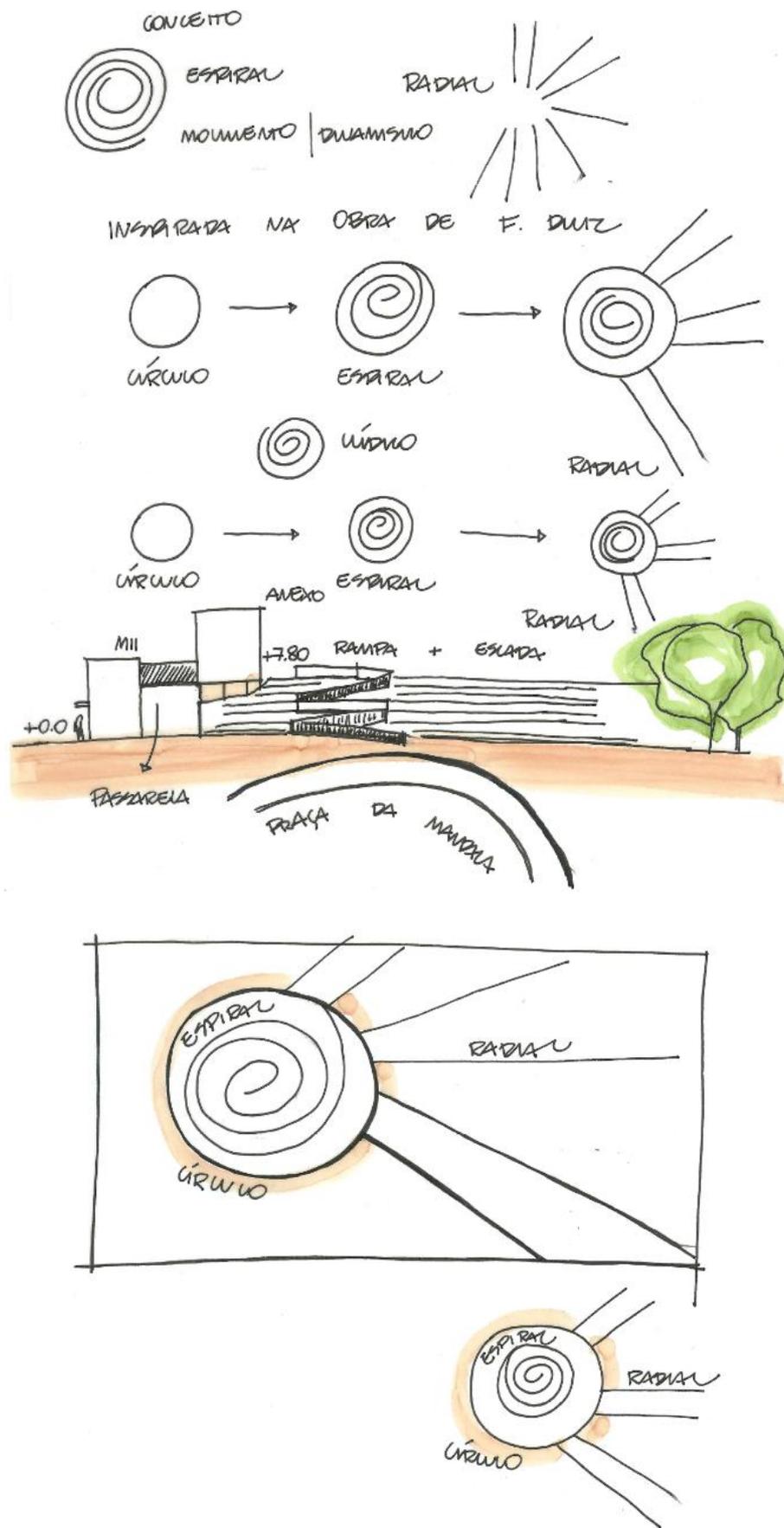


Fig.145 Croquis elaborados a partir do conceito.
Fonte: Elaborado pelo autor.

O espaço livre E2, situado dentro da quadra, constituído por grande concentração de árvores a ser preservada, apresenta uma área de forma retangular; e faz divisa com a UPA, Unidade de Pronto Atendimento, por um lado, e, no lado oposto, com o CREAS, Centro de Referência e Assistência Social (figura 147).



Fig.147 Vista aérea do espaço livre E2. Fonte: IRPH, adaptado pelo autor.

O espaço E2 atuará como um equipamento público urbano e cultural, visando à apropriação e o incentivo à sociabilidade, exercendo a função de Praça, nomeada de Praça da Mandala. O acesso principal e de serviço à Praça, é voltado para a Rua Dr. Leal, próximo a Rua Dias da Cruz. O terreno apresenta um córrego, o Rio dos Frangos, para isso conta com uma ponte, na entrada para o acesso, e na instalação do guarda-corpo para impedir o acesso dos usuários com o córrego.

Por ser tratar de um equipamento cultural, foi pensado, um espaço para a realização de diversos tipos de eventos e a criação de um anfiteatro circular, representando a simbologia da mandala, como referência e grande significado para o Museu, com paginação inspirada na obra do artista Fernando Diniz, frequentador dos ateliês terapêuticos.

Além disso, a Praça conta com um “corredor cultural”, para a exposição das obras de arte, realizada por clientes do MII, e para abrigar exposições externas, expostas a céu aberto, no intuito de explorar mais os espaços livres, e permitir, que o usuário tenha uma relação com a arte e ao mesmo tempo esteja em contato com a natureza.

Como equipamento urbano, foram propostos bancos alongados, localizados próximos à vegetação, para obter sombreamento e o conforto térmico, criando um espaço para descanso, leitura ou mesmo contemplação. Além disso, foi pensada a instalação de um bicicletário, considerando a implantação de uma faixa de ciclovia em todo o campus, elementos urbanos, sinalização e a iluminação, com altura atendendo tanto a escala do pedestre quanto a da Praça. Para apoio do equipamento urbano e incentivo à maior permanência do usuário, pensou-se em criar uma pequena edificação, anexa à praça, dotada de infraestrutura básica, com área de alimentação (para pequenas refeições) e de serviço (bebedouros e sanitários), instalada próximo à entrada de serviço (Rua Dr. Leal), para facilitar o acesso de carga e descarga ou manutenção.

A seguir, a proposta de intervenção e os croquis desenvolvidos para o espaço E2, apresentada para a qualificação, realizada em abril, com o partido arquitetônico e o conceito associado à figura da mandala. Para conectar os espaços livres E1 com o espaço E2, propõe a implantação de uma rampa, possibilitando o acesso a todos e permitindo a integração entre os espaços livres E1 e E2 (figura 148).

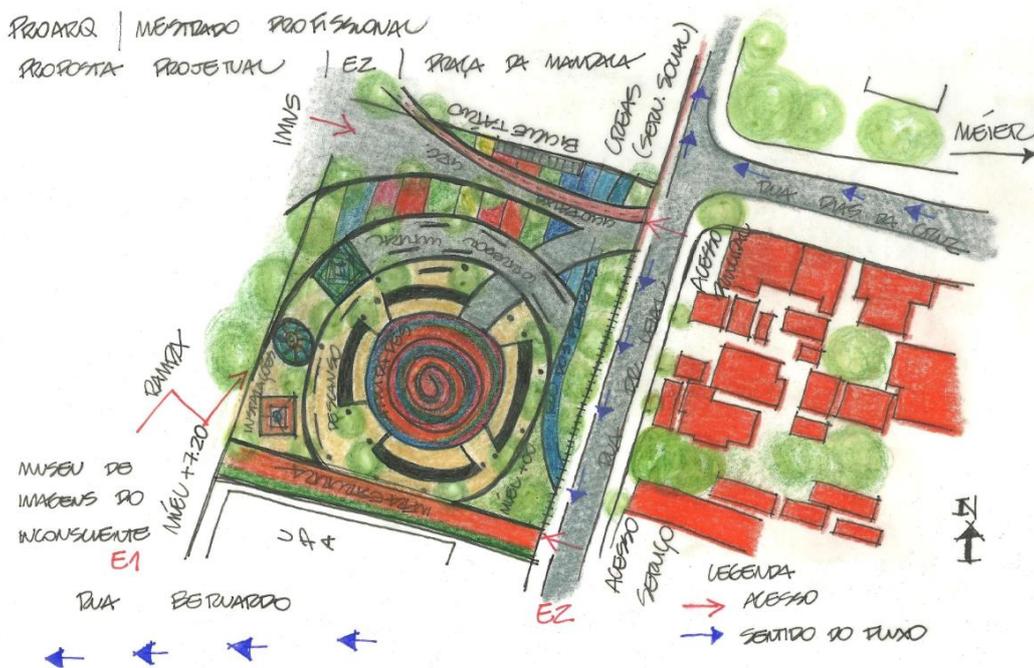


Fig.148 Proposta para o espaço E2, Banca de Qualificação.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Corte e perspectiva esquemática da área de intervenção (figuras 150 e 151).



Fig.150 Corte esquemático do conjunto do museu.
Fonte: Escritório Oco readaptado pelo autor.

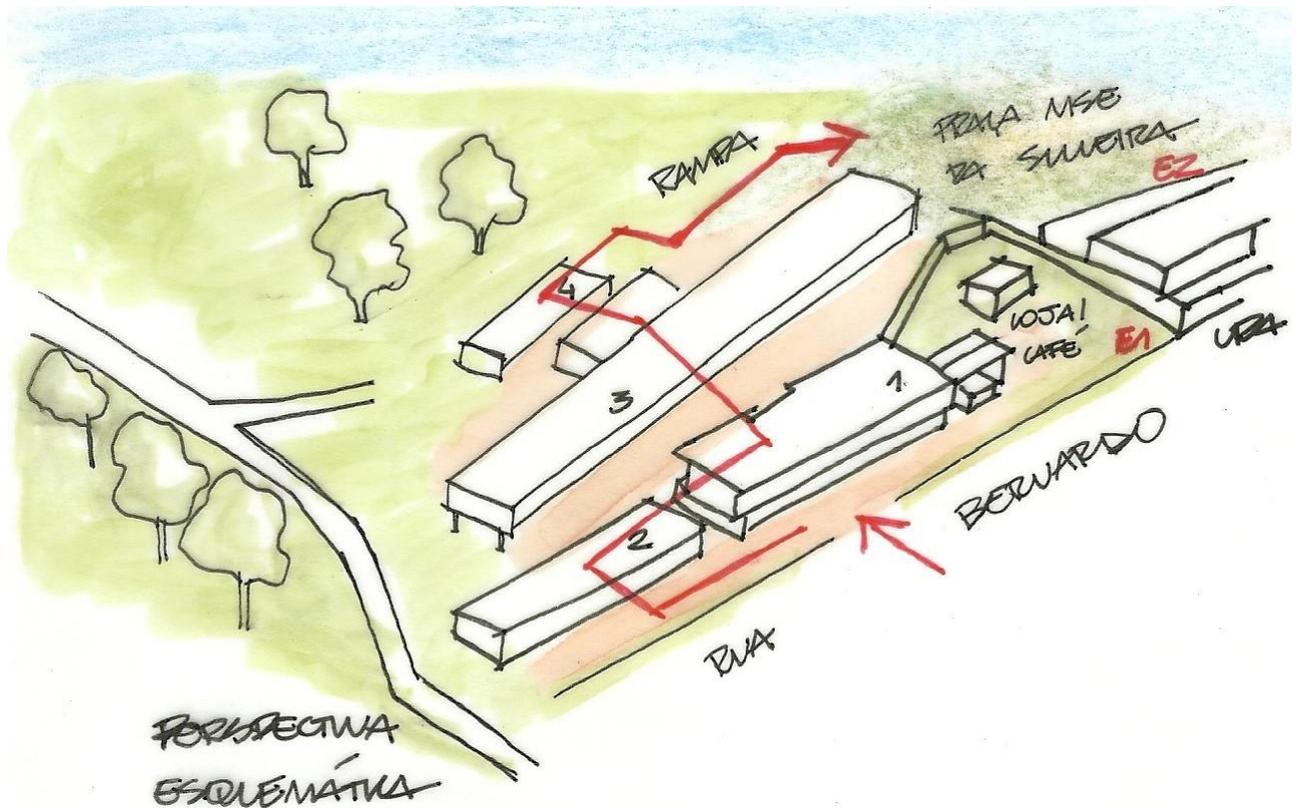


Fig.151 Perspectiva esquemática da área de intervenção.
Fonte: Escritório Oco readaptado pelo autor

PROPOSTA PARA A DEFESA | CONCEITO: MANDALA + RADIAL + GEOMETRISMO (Proposta 01).

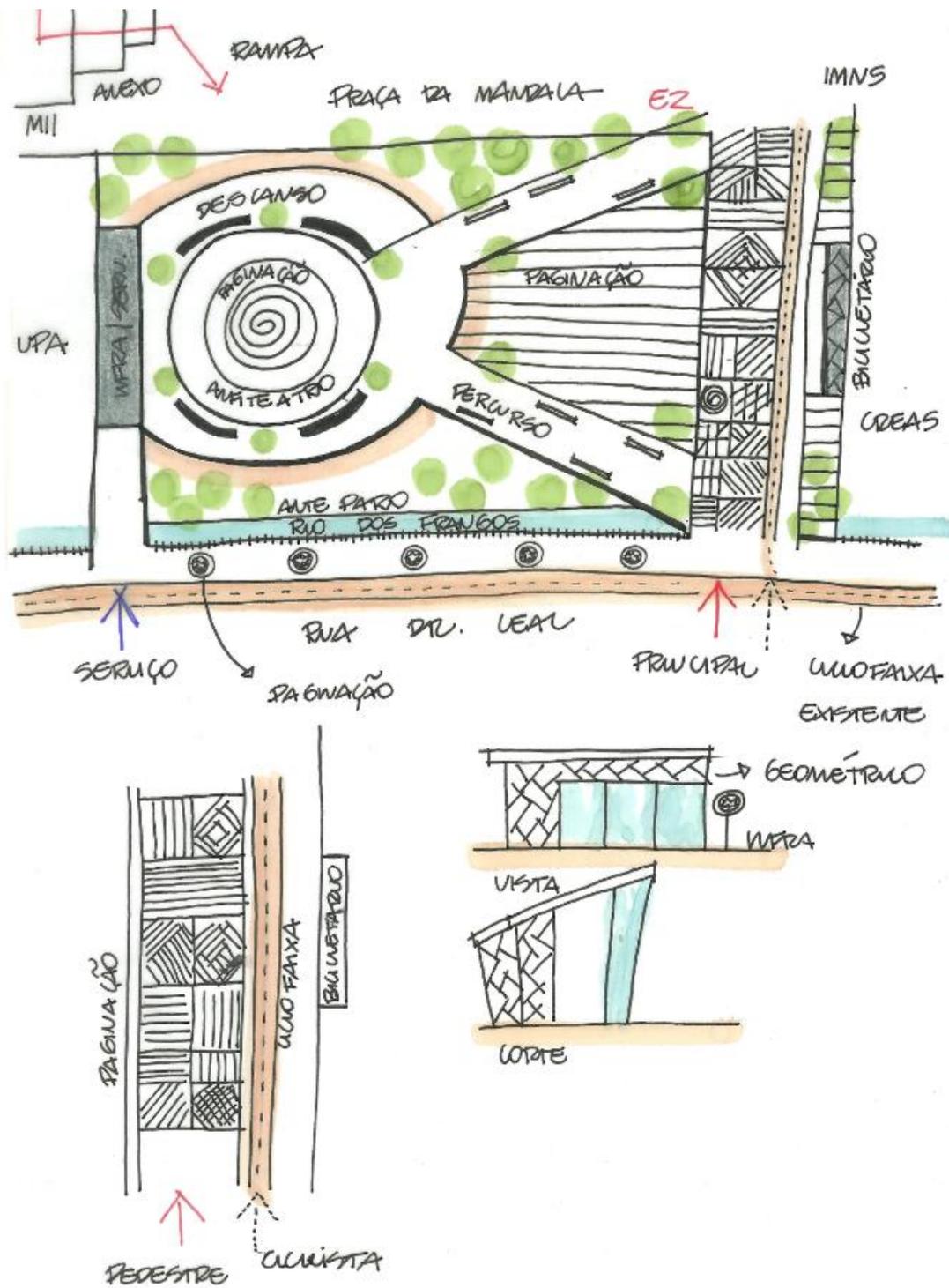


Fig. 152 Proposta da Praça da Mandala (Proposta 01), Banca de Defesa.
 Fonte: Elaborado pelo autor.

Proposta 01

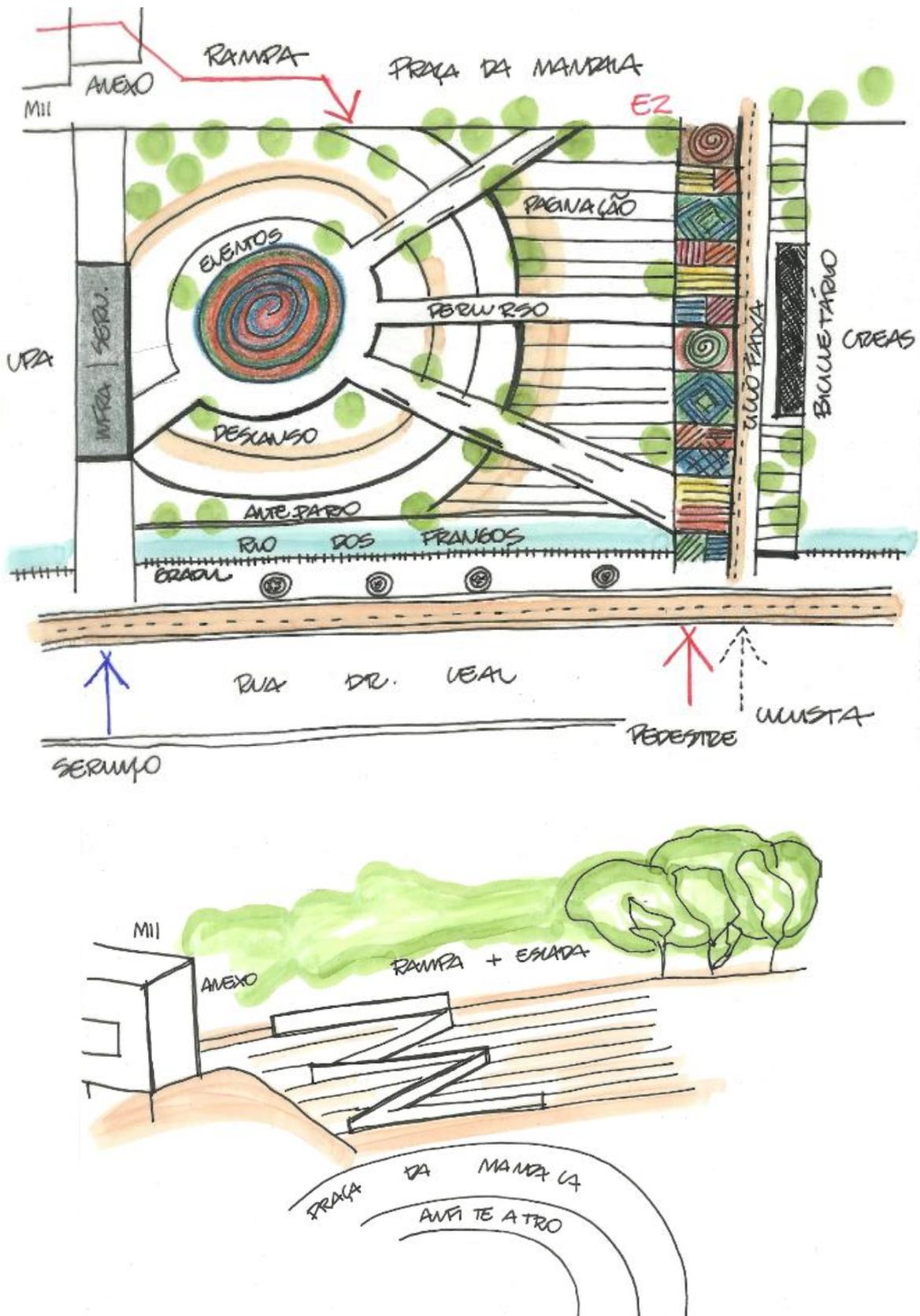


Fig. 153 Proposta da Praça da Mandala (Proposta 01).
Fonte: Elaborado pelo autor.

USO DO TRAÇADO REGULADOR | APLICAÇÃO NO PROJETO

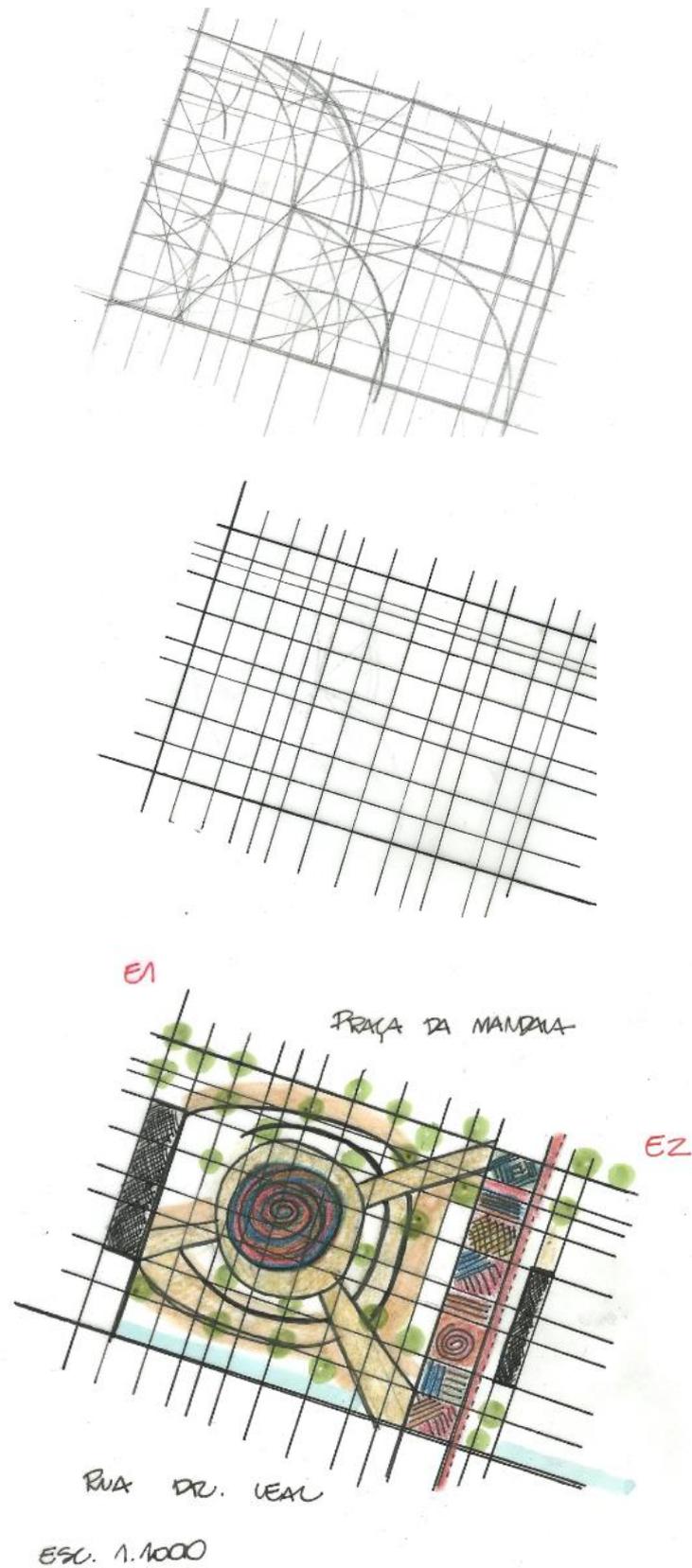


Fig. 154 Uso do Traçado Regulador no projeto (Proposta 01).
Fonte: Elaborado pelo autor.

PROPOSTA PARA A DEFESA | CONCEITO: MANDALA + LABIRINTO + GEOMETRISMO (Proposta 02).

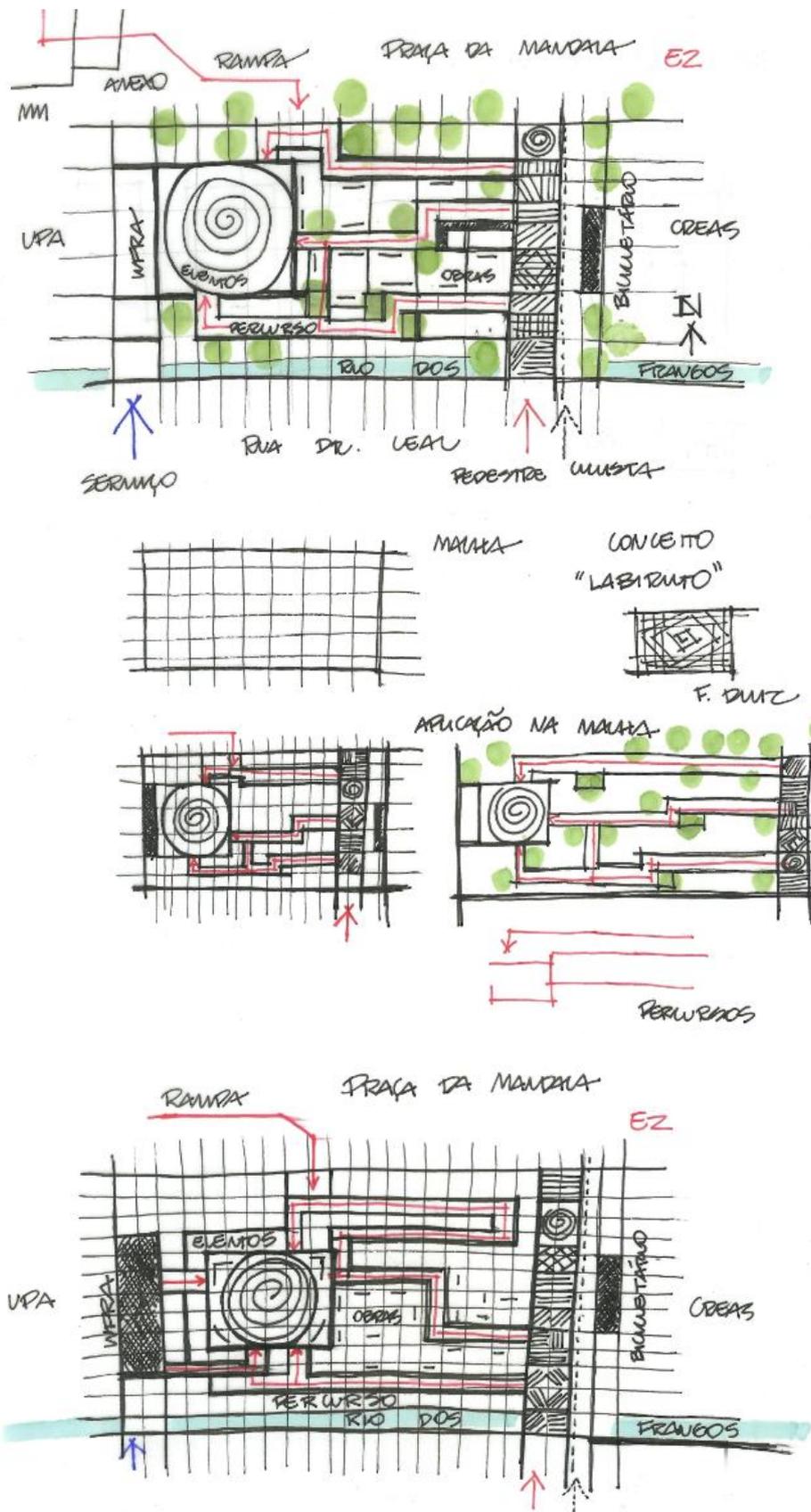


Fig. 155 Uso do Traçado Regulador no projeto (Proposta 02).
 Fonte: Elaborado pelo autor.

Proposta 02

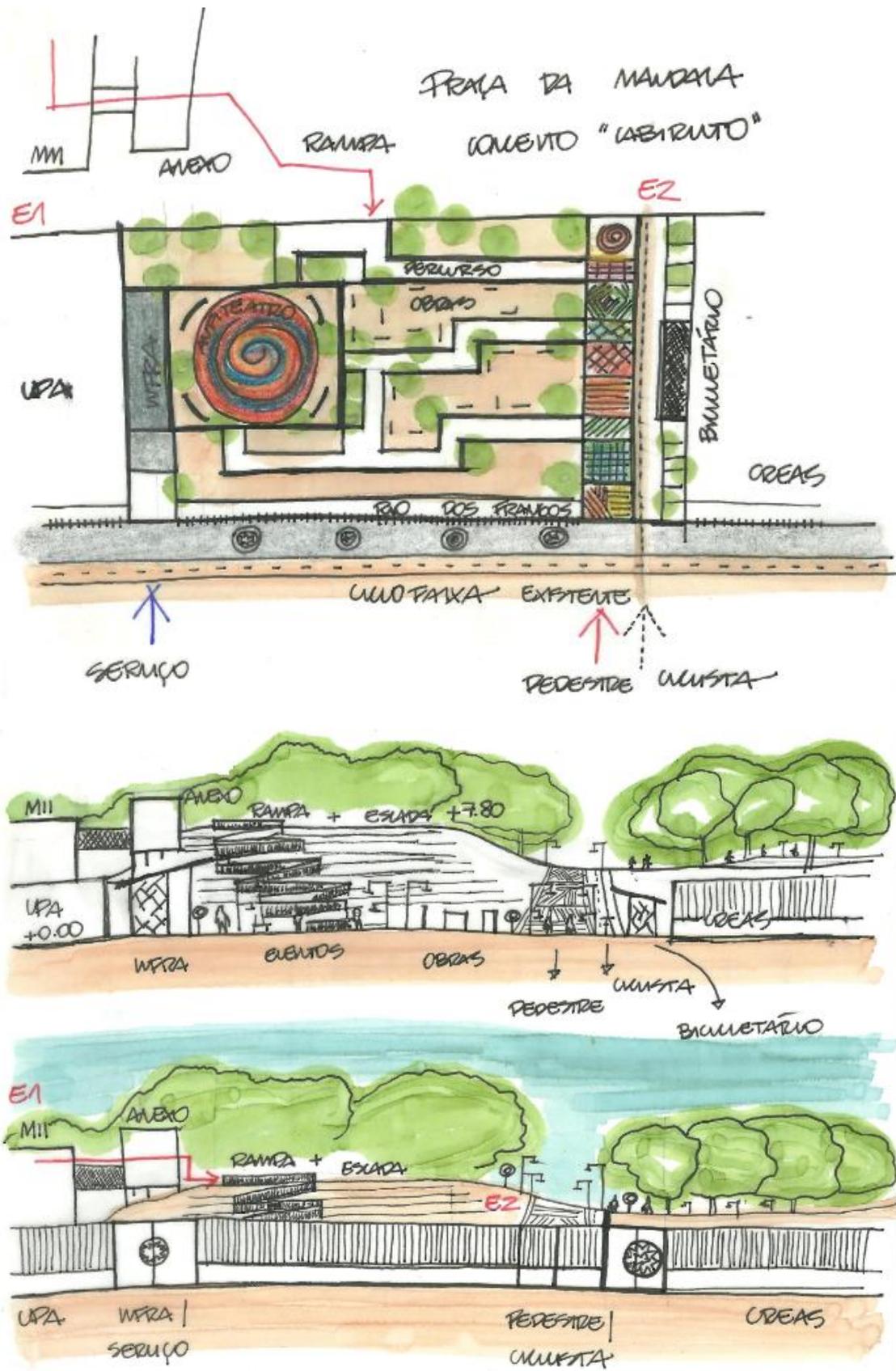


Fig. 156 Proposta da Praça da Mandala (Proposta 02), Banca de Defesa.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Loja e Café | Espaço Livre E1

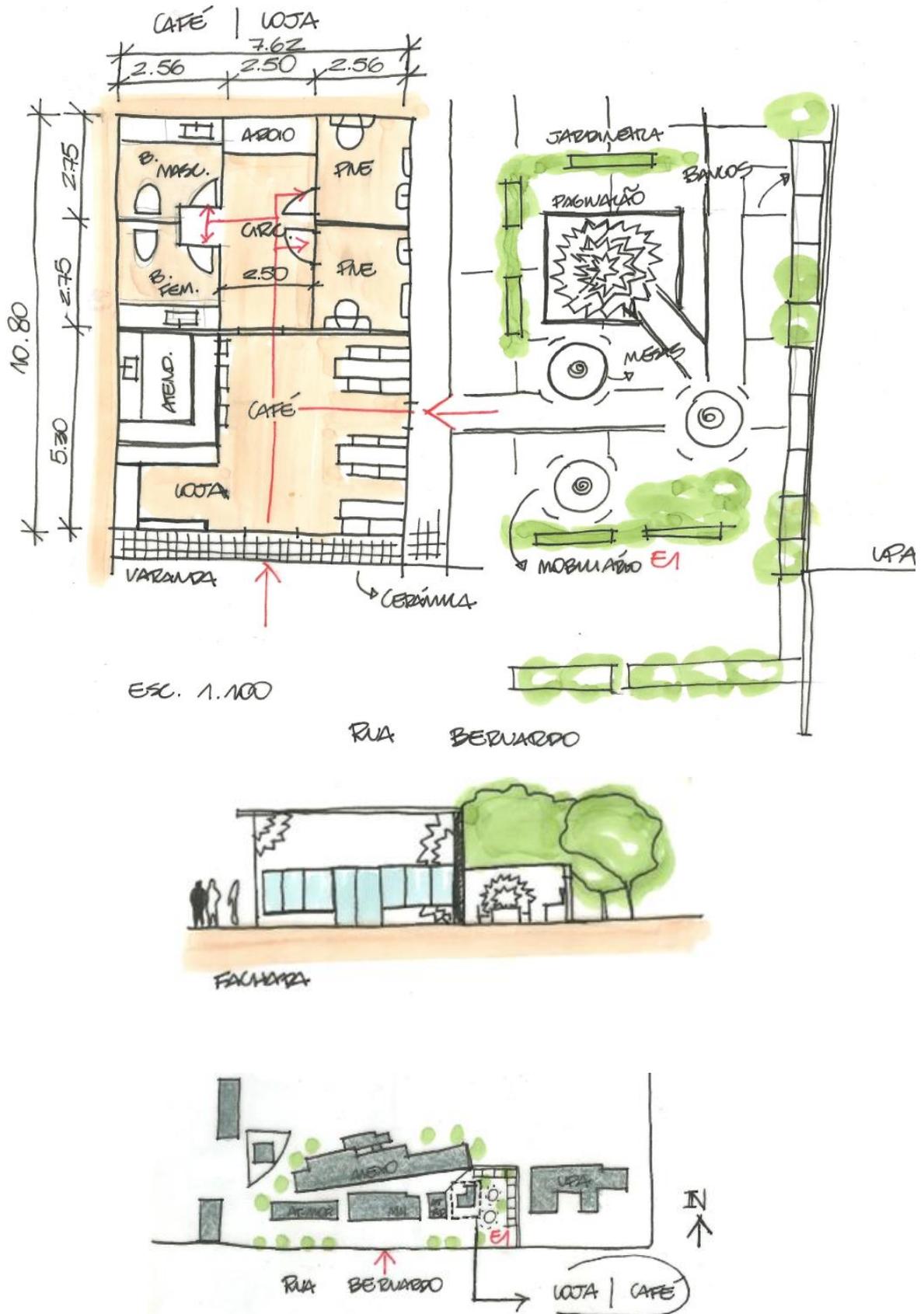


Fig. 158 Proposta projetual da Loja | Café, E1.
Fonte: Elaborado pelo autor.

Implantação | IMNS



Fig. 159 Implantação, IMNS.
Fonte: Elaborado pelo autor.

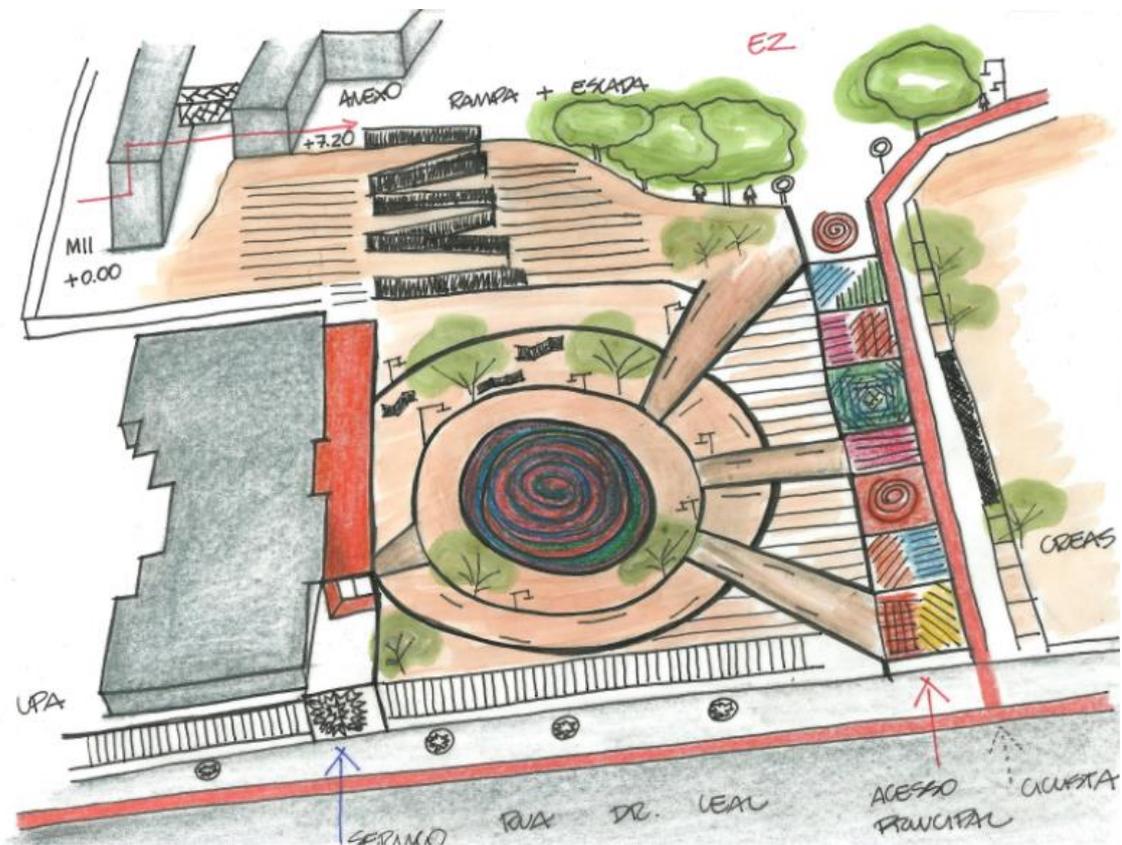


Fig. 160 Implantação IMNS e Perspectiva da Praça da Mandala.
 Fonte: Elaborado pelo autor.

Considerações Finais

Esta dissertação valoriza o campus do Instituto Municipal Nise da Silveira pelo incentivo à sociabilidade e a apropriação dos seus espaços livres, fundamentado nos princípios de Nise da Silveira, em referência ao seu trabalho singular, de caráter humanista e a favor da reinserção social.

A pesquisa abordou os conceitos de espaços livres, praça e mandala, bem como aplicou o estudo da forma para o desenvolvimento do projeto. Além disso, apresentou o contexto do objeto de estudo, visto que a quadra hoje ocupada pelo IMNS consistia numa colônia agrícola, e que posteriormente, tornou-se instituição psiquiátrica, cujo processo de desconstrução do sistema manicomial, vem sendo gradativamente substituído por serviços extra-hospitalares, por meio dos dispositivos culturais que são oferecidos tanto aos pacientes como atendendo à comunidade em prol da inclusão social. A pesquisa também apresentou o entorno da quadra e a estrutura morfológica, identificando os pontos principais e a tipologia arquitetônica predominante.

Por meio da metodologia da Deriva, foram identificados os espaços livres do campus do IMNS e os usos e as apropriações dos usuários, porém alguns dos espaços abertos encontravam sem o uso, mediante as seguintes problemáticas: falta de infraestrutura do campus, precariedade dos equipamentos urbanos, a não visibilidade do conjunto do MII, pelo fato de possuir o acesso restrito e por não apresentar uma comunicação visual que identifique a existência do patrimônio cultural. Entretanto, mesmo que o campus apresentasse tais precariedades, foi notado que muitas das manifestações culturais são desenvolvidas nos espaços abertos do Instituto. As atividades desenvolvidas no campus do Instituto Municipal Nise da Silveira, são de fundamental relevância, pois visam a ressocialização e a inclusão social, daí a importância, para a manutenção e a garantia destas atividades, de serem realizadas de forma apropriadas nos espaços livres da Instituição, e, em particular, no entorno imediato do Museu de Imagens do Inconsciente.

O projeto também considerou os princípios defendidos por Nise da Silveira, de caráter humanista, possibilitando compreender sua trajetória, precursora dos moldes terapêuticos no Brasil, e a significativa atuação e o legado que consagrou a psiquiatra brasileira no campo da saúde mental, influenciando no processo da Reforma Psiquiátrica, e permitindo novos olhares e novas formas de atuação no tratamento mental. Além disto, verificou-se que com a criação das “Escolas Vivas”, por meio dos ateliês de pintura e de modelagem, resultou na criação do MII, mediante ao grande volume de obras produzidas espontaneamente pelos clientes frequentadores da antiga Raquel Xavier Laffite

STO, Seção de Terapêutica Ocupacional, e que até hoje, as obras são produzidas diariamente, porém, somente nas instalações internas do Museu. A proposta visou resgatar o retorno das atividades terapêuticas para explorar os espaços livres do campus.

Tendo em vista o objeto de estudo tratar-se de dois espaços dicotômicos, situados dentro de um complexo psiquiátrico, e, considerando as observações elencadas, durante as visitas “in loco”, com o auxílio de registros iconográficos, das metodologias aplicadas, além do embasamento teórico, complementando o desenvolvimento da dissertação do mestrado, foi possível apresentar uma proposta de intervenção para os espaços livres do entorno do MII, considerando o contexto do lugar, uma vez que abriga pacientes internos, e como espaço multifuncional, possui diversas instituições, repercutindo na diversidade de público e tendo o propósito mais inclusivo.

Vale ressaltar, que o projeto de intervenção, situa-se dentro do campus constituído por imensa área verde, o pulmão do bairro, porém desconhecido e tampouco utilizado pela população local. E, por ser, uma região carente de espaços de lazer, a presente pesquisa propôs que o campus do IMNS se transforme em um equipamento público, de uso mais intensivo dos seus espaços livres e de integração com o entorno. Desta forma, por meio da requalificação dos espaços livres do campus, e em particular dos espaços abertos do entorno do MII, uma vez que inseriu percursos no interior da quadra, dotado de infraestrutura, dos equipamentos urbanos, além da criação dos novos acessos, estimula-se o interesse ao uso do equipamento urbano e, por conseguinte, contribui para a difusão do bem patrimonial do Museu, e no seu reconhecimento por parte da população do entorno, bem como valoriza o bairro do subúrbio carioca.

Por fim, este trabalho requer um maior aprofundamento, direcionado aos espaços livres do campus do IMNS, possibilitando a busca por novos estudos e questionamentos, dando continuidade numa possível especialização de tese de doutorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio de Janeiro. **Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio de Janeiro: Engenho de Dentro**. Rede Ferroviária Federal S. A., 1983.

CHING, Francis D. K. **Princípios de ordem**. In: **Arquitetura: forma, espaço e ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ECKER, Vivian Dall'igna. **A praça como lócus da sociabilidade**: estudo de caso da Praça da Cidadania, no Campus da UFSC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. Florianópolis, 2016.

FONTES, Maria Paula Zambrano. **Imagens da Arquitetura da Saúde Mental**: Um Estudo sobre a Requalificação dos Espaços da Casa do Sol. Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura. Rio de Janeiro: FAU/PROARQ/UFRJ, 2003.

FRAIHA, Sílvia; LOBO, Tiza. **Bairros do Rio: Méier e Engenho de Dentro**. Ed. Fraiha, 1999.

FUNARTE, Fundação Nacional de Arte. Instituto Nacional de Artes Modernas. **Museu de Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

HORTA, Bernardo Carneiro. **Nise, Arqueóloga dos Mares**. Ed. Bernardo Carneiro, 2008.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Ed. Nova Fronteira, 1986.

JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**. Ed. Nova Fronteira, 1964.

LYNCH, **A Imagem da Cidade**. Martins Fontes, São Paulo, 1999.

MACEDO, Sílvia S. **Espaços Livres**. In Revista Paisagem e Ambientes Ensaio São Paulo. N 7, São Paulo, FAUUSP, 1995.

MACEDO, Sílvia S. **Quadro do Paisagismo no Brasil**. Coleção QUAPA V.1. São Paulo, FAUUSP, 1999.

MACEDO, Sílvia S. **Praças Brasileiras**. Coleção QUAPA V.2. São Paulo, FAUUSP, 2002.

NEVES, Elaine Moreira. **Análise de sistemas de espaços livres em ambientes de ensino e pesquisa**: estudos de caso em campi do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. FAU/PROARQ/UFRJ, 2011.

RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, Giselle A N; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise QUEIROZ, M. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: FAU/PROARQ/UFRJ, 2009. v. 1. 117 p.

SILVA, Jonathas M. P.; MANETTI, C. **Memória, Mobilidade e Complexidade: consideração pela história local**. *Risco* (São Carlos), v. 1, p. 61-77, 2013.

SILVEIRA, Nise Da. **Imagens do Inconsciente**. Ed. Alhambra, 1981.

SEGAWA, Hugo. **Ao Amor do Público**. Ed. Nobel, 1996.

TÂNGARI, Vera Regina. **Espaços livres públicos como espaços museográficos**. In GUIMARAENS, Ceça, IWATA, Nara, POLLY, Vânia e KESSEL, Carlos (Org.) **Anais do Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus**. FAU/PROARQ/UFRJ, 2005, pp.49-72.

TANGARI, V. R.; SILVA, J. M. P. **A Importância dos Espaços Livres na Valorização do Patrimônio Edificado**: Projeto Paisagístico para o Campus do Observatório Nacional e do Museu de Astronomia e Ciências Afins em São Cristóvão no Rio de Janeiro/RJ. In: RIBEIRO, NÓBREGA (orgs.). **Projeto e Patrimônio**: reflexões e aplicações. Rio de Janeiro: Rio Books, 2016.

TARDIN, Raquel. **Espaços Livres: Sistema e Projeto Territorial**. Ed. 7 Letras, 2008.

WONG, Wucius. **Princípios de forma e desenho**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS: os centros de atenção psicossocial** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

Palestras

IV Seminário DOCOMOMO. **O Moderno no Rio: Do Risco ao Risco. A arquitetura hospitalar protomoderna no Instituto Nise da Silveira**. Luiz Paulo Leal de Oliveira, PROURB Lapa, Rio de Janeiro, 2017.

Jardim e Patrimônio: conceitos e práticas. Fundação Casa de Rui Barbosa, setembro de 2018.

Seminário Memórias da Loucura. Instituto Municipal Nise da Silveira, novembro de 2018.

“**Nise da Silveira, 20 Anos de Ausência**”, Academia Brasileira de Letras, outubro de 2019.

Seminário Memórias da Loucura 2. Instituto Municipal Nise da Silveira, novembro de 2019.

Grupo de Estudos do MII

Filmes

Nise, O Coração da Loucura. Direção: Roberto Berliner, 2016.

Imagens do Inconsciente, Nise da Silveira e Leon Hirszman, 1985.

Exposição

Ocupação Nise da Silveira, Itaú Cultural, São Paulo, dezembro de 2017.

ANEXOS

ANEXO A | Decretos



CAPÍTULO I

DA CRIAÇÃO DO INSTITUTO RIO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE – IRPH

Art. 1º Fica criado, na estrutura organizacional do Gabinete do Prefeito, o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade – IRPH, código 3009.

Parágrafo único. Ficam incluídas nas competências do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade – IRPH gerir o sítio reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade.

Art. 2º O Fundo Municipal de Conservação do Patrimônio Cultural, previsto no Plano Diretor será gerido pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade – IRPH com o objetivo de proporcionar recursos ao planejamento e à execução dos programas e projetos relativos à política de Patrimônio Cultural da Cidade.

Parágrafo único. O Fundo de que trata o caput deste artigo será constituído, dentre outros, com dotação orçamentária própria e previsão de contrapartidas de eventos realizados na área do sítio reconhecido pela UNESCO.

Art. 3º Ficam criadas, na Guarda Municipal do Rio de Janeiro – GMRIO, as seguintes Unidades de Patrimônio da Humanidade – UPHs:

- I - Parque do Flamengo;
- II - Floresta da Tijuca/Jardim Botânico;
- III - Floresta da Tijuca/Corcovado;
- IV - Orla de Copacabana;
- V - Pão de Açúcar.

Parágrafo único. As Unidades de Patrimônio da Humanidade – UPHs, são núcleos de função especializada com competência para monitorar o ordenamento urbano e da paisagem das referidas Unidades.

Art. 4º Fica criado, no Centro Integrado de Controle Operacional – SC/CICO, um núcleo para monitoramento das Unidades de que trata o art. 2º, cuja operação se dará através de câmeras específicas e base de dados georeferenciada sob o sítio protegido.

Art. 5º Fica extinta a Subsecretaria do Patrimônio Cultural, Intervenção Urbana, Arquitetura e Design – GP/ SUBPC, código 3009, cuja estrutura organizacional será absorvida e integrada a estrutura do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade – IRPH.

2

Fig. 161 Decreto 35.879 Capítulo I, Art.1º da Criação do IRPH.
Fonte: www.rio.rj.gov.br Acesso out/2018.

CAPÍTULO VI DA AMPLIAÇÃO DO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE

Art. 16. Caberá ao Poder Executivo a adoção de medidas de ampliação e fortalecimento da proteção da Paisagem Carioca como Patrimônio da Humanidade, de forma a valorizar a paisagem em novas áreas da Cidade, tais como:

I – a ampliação do Parque Madureira Rio+20, com a criação de jardim botânico;

II – a criação do Parque Nise da Silveira no Bairro de Engenho de Dentro;

III – a criação do Parque Fazenda da Baronesa no Bairro da Taquara.

Parágrafo único. Os projetos arquitetônicos e paisagísticos necessários à implementação das áreas de que tratam este artigo deverão ser selecionados por intermédio de concurso internacional.

CAPÍTULO VII DAS FESTIVIDADES E COMEMORAÇÕES

Art. 17. Ficam incluídos no Calendário Oficial de Eventos e Datas Comemorativas da Cidade do Rio de Janeiro:

I - o dia 1º de julho, como DIA DO RIO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE, dia em que a paisagem cultural da Cidade do Rio de Janeiro foi declarada Patrimônio da Humanidade e dia da primeira lavagem do Cais do Valongo, após sua revelação pelas obras de requalificação da região portuária;

II – o dia 04 de agosto, como DIA DO BURLE MARX, homenagem ao arquiteto e paisagista Roberto Burle Marx, nascido em 04 de agosto de 1909;

Art. 18. A Secretaria Municipal de Fazenda e a Controladoria Geral do Município adotarão as medidas necessárias para o cumprimento deste Decreto.

Art. 19. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio de Janeiro, 05 de julho de 2012; 448ª de Fundação da Cidade.

EDUARDO PAES

D.O. RIO 08.07.2012

5

Fig. 162 Decreto 35.879 Capítulo VI, Art.16 da Criação do IRPH.
Fonte: www.rio.rj.gov.br Acesso out/2018.

ANEXOS B | Fotografias

Documentário “Imagens do Inconsciente”



Fig. 163 Atividades terapêuticas realizadas nos espaços livres. Foto: autores desconhecidos, durante a gravação do documentário “Imagens do Inconsciente”, de Leon Hirszman.
Fonte: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/oasis/>



Fig. 164 Vista do Lago e Parque das Alienadas, 1928. Fonte: Annaes da Colônia de Psychopatas.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Práticas culturais no campus do IMNS

Além das práticas culturais realizadas no campus do Instituto, capturadas por meio da Deriva, foi registrado o desfile do Bloco Loucura Suburbana no ano de 2018, extrapolando os muros do IMNS, percorre pelas ruas do bairro, proporcionando à integração com o bairro.

“Duas características faziam de subúrbios como o Méier e o Engenho de Dentro lugares realmente especiais. A tradição das serenatas e saraus e é claro, o carnaval.” (FRAIHA; LOBO, 1999, p.42).



Fig. 165 Registro do desfile do bloco Loucura Suburbana.
Foto: Raquel Laffite Data: Fevereiro de 2018.

APÊNDICE B

Aplicação das Metodologias

Metodologia da Deriva | Percurso de Observação (Outubro de 2018)

Para acessar o Museu de Imagens do Inconsciente é preciso passar por um longo percurso e vivenciar o espaço do Instituto para chegar ao destino do Museu. Pensando nisso, foi realizada uma análise através do percurso e das visadas para o acesso ao Museu de Imagens do Inconsciente.

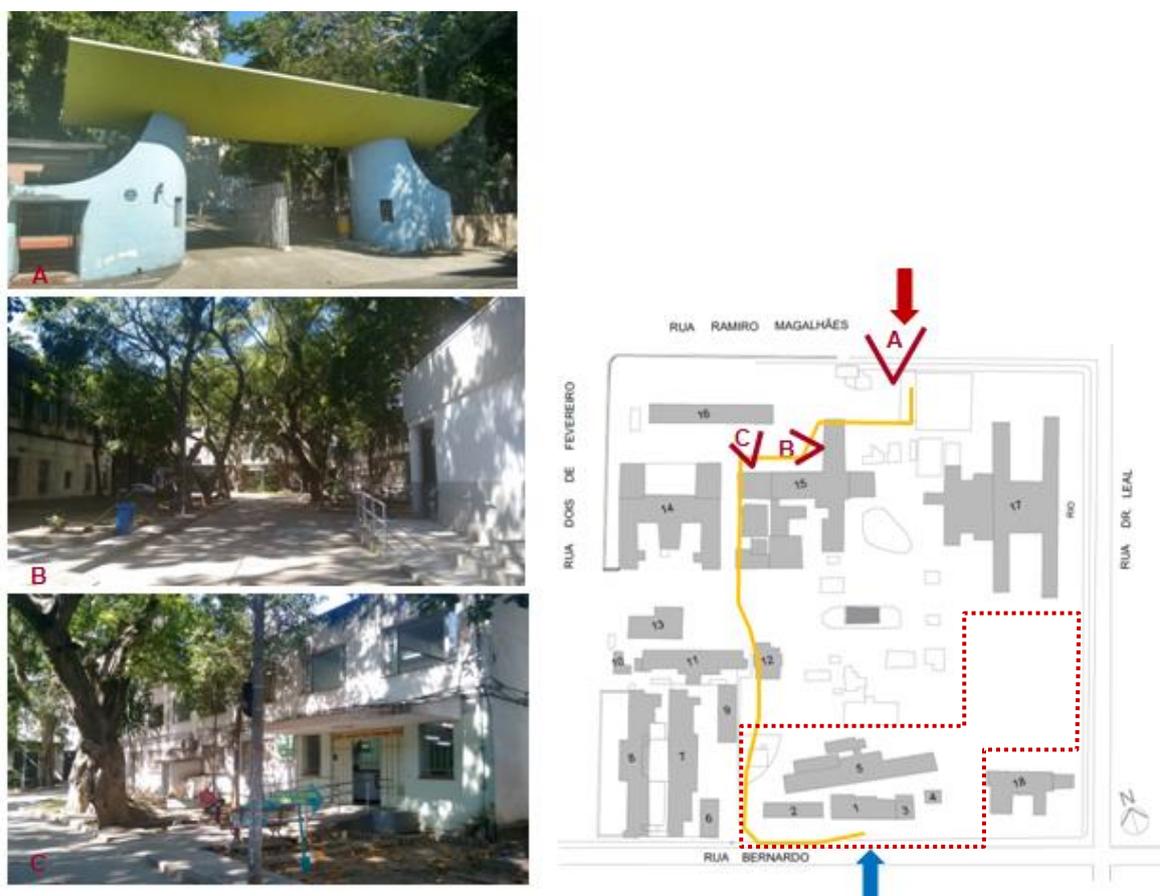


Fig. 166 Implantação e o percurso para o Museu de Imagens do Inconsciente. Fonte: Elaborado pelo Autor

Interior do Instituto Nise apresenta a paisagem arborizada e com diversificada vegetação de grande porte, proporcionando áreas de sombra e maior conforto para o sítio urbano.

Vista do centro de memória (D), Casa do Sol (F), prédio da enfermaria, apresenta arquitetura linear, plana com utilização de brises na fachada para filtrar a irradiação solar direta na edificação.



Fig. 167 Visadas D, E, F, metodologia da Deriva. Fonte: Elaborado pelo autor.



Fig. 168 Visadas G, H, I, J, metodologia da Deriva. Fonte: Elaborado pelo autor.

Mais a frente a caminho do Museu de Imagens observa-se o surgimento e o uso da cor, o que torna o ambiente mais vivacidade, maior acolhimento, sentimento de preocupação com o espaço e este transmitir de forma positiva para os que habitam o local. Atividades culturais são realizadas para os usuários que residem e vivenciam dos espaços livres existentes da quadra. Prática de integração e ressocialização através da arte.

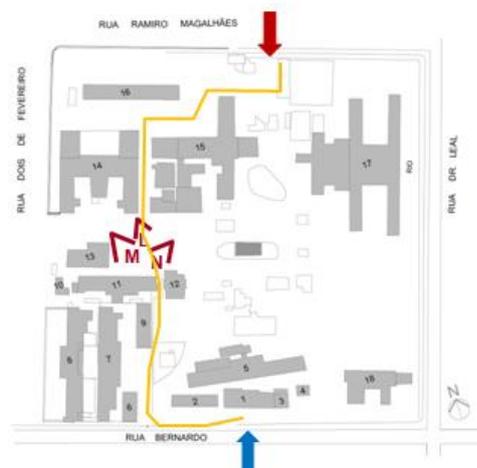


Fig. 169 Visadas L, M, N, metodologia da Deriva. Fonte: Elaborado pelo autor.

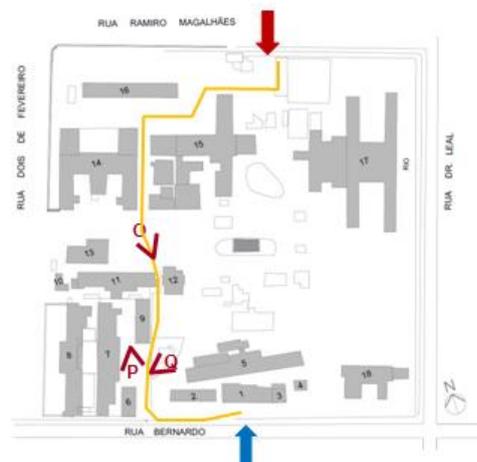


Fig. 170 Visadas O, P, Q, metodologia da Deriva. Fonte: Elaborado pelo autor.

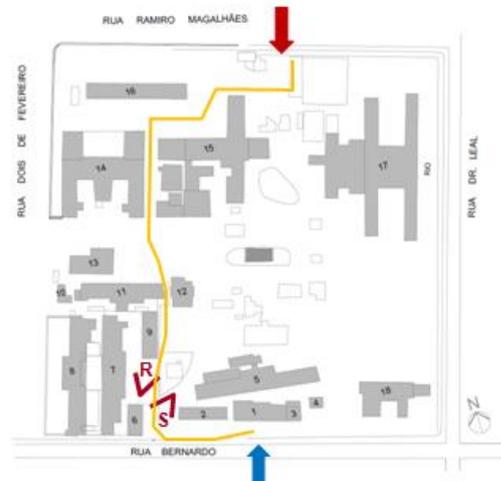


Fig. 171 Visadas R, S, metodologia da Deriva. Fonte: Elaborado pelo autor.

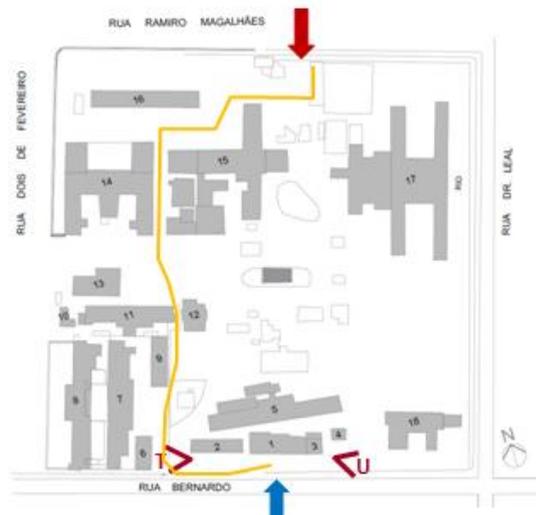


Fig. 172 Visadas T, U metodologia da Deriva. Fonte: Elaborado pelo autor.

Análise da Forma | Atributos Geométricos | Prof.^a Dr.^a Maria Angela Dias (Agosto de 2018)

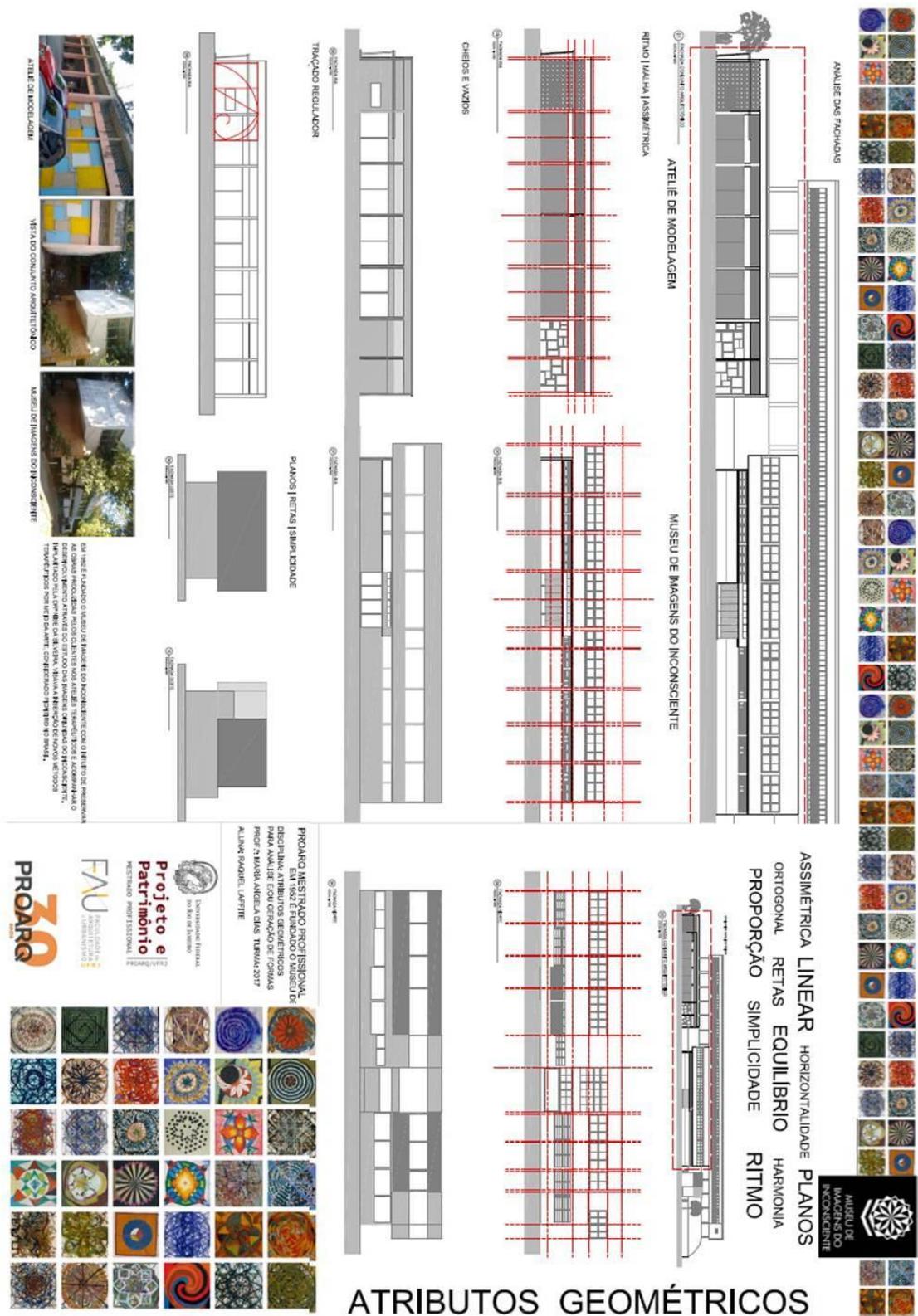


Fig. 173 Prancha apresentada na disciplina Atributos Geométricos. Fonte: Elaborado pelo autor.

Aplicação do Questionário | "O que mais gosto e o que menos gosto"
(Abril de 2019)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-graduação em Arquitetura
Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio

Projeto e
Patrimônio
MESTRADO PROFISSIONAL

Pesquisa: Os jardins da mandala
Integração com o entorno do Museu de Imagens do Inconsciente

Aluna: Raquel Laffite Ano: 2019

O que mais gosto e o que menos gosto

Nome: OTÁVIO AUGUSTO (MONITOR DO ATELÊ
Idade: _____ Data: 04/04/2019 TERAPEUTA)

O QUE MAIS GOSTA

IMPORTÂNCIA DO HOSPITAL
ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO CAMPUS
GAMA DE PROJETOS | ESPAÇO TRAVESSA,
LUCURA SUBURBANA, TRAJOS DO ENCEMHO
"ONDE O EIXO FUNDAMENTAL ESTÁ O AFETO"
"AFETO PELO PÊNCIA" "OLHO NO OLHO"

O QUE MENOS GOSTA

ESTRUTURAS | EDIFICAÇÕES FECHADAS
QUE PODERIAM ESTAR ABERTAS
AS PESSOAS | PERambuladores | ARTISTAS
ABANDONO BEM FORTE

Fig.174 Entrevista aplicada ao colaborador do MII.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Abril de 2019.



Pesquisa: Os jardins da mandala
Integração com o entorno do Museu de Imagens do Inconsciente

Aluna: Raquel Laffite Ano: 2019

O que mais gosto e o que menos gosto

Nome: Reuben Pinto de Figueiredo (MUSEOLOGIA)

Idade: 25 Data: 04/04/2019

→ O QUE EU MAIS GOSTO:

- A HISTÓRIA DESSE LUGAR, A TRANSFORMAÇÃO NAS ÚLTIMAS DOIS DÉCADAS;
- O EMPENHO DAS PESSOAS COM ESSE TRABALHO;
- ESPECIALMENTE O MUSEU E O LUGAR SUBURBANO.

→ O QUE EU MENOS GOSTO:

- O CHÃO ESPURADO, MUITAS PRÉDIAS ABANDONADAS

Fig.175 Entrevista aplicada ao museólogo do MII.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Abril de 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-graduação em Arquitetura
Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio

Projeto e
Patrimônio
MESTRADO PROFISSIONAL

Pesquisa: Os jardins da mandala
Integração com o entorno do Museu de Imagens do Inconsciente

Aluna: Raquel Laffite Ano: 2019

O que mais gosto e o que menos gosto

Nome: KÁTIA (MORADORA DO BARRIO E USUÁRIA DA INSTITUIÇÃO)
Idade: 56 Data: 04/09/2019

O QUE MAIS GOSTA

AS ÁREAS VERDES

AS ATIVIDADES SÃO INTERESSANTES,
PRINCIPALMENTE AS ESCOLARES

MAIS TRANQUILLO E SEGURO O URGATV
PÚBLICO SELECIONADO | MAIS ORGANIZADO

O QUE MENOS GOSTA

POUCA DIVERSÃO QUE TEM DO ESPAÇO

Fig.176 Entrevista aplicada à visitante do IMNS.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Abril de 2019.

Mapa cognitivo ou Mapa mental (Abril de 2019)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-graduação em Arquitetura
Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio

Projeto e
Patrimônio
MESTRADO PROFISSIONAL

Pesquisa: Os jardins da mandala
Integração com o entorno do Museu de Imagens do Inconsciente

Aluna: Raquel Laffite Ano: 2019

Mapa cognitivo ou Mapa mental

Nome: Renato Pinto de Figueiredo (MUSEOLOGIA)

Idade: 25 Data: 04/04/2019

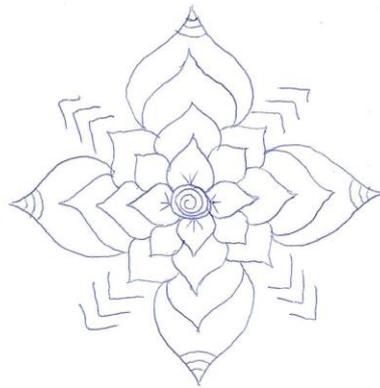


Fig.177 Mapa mental realizado pelo museólogo do MII.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Abril de 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-graduação em Arquitetura
Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio

Projeto e
Patrimônio
MESTRADO PROFISSIONAL

Pesquisa: Os jardins da mandala
Integração com o entorno do Museu de Imagens do Inconsciente

Aluna: Raquel Laffite Ano: 2019

Mapa cognitivo ou Mapa mental

Nome: KÁTIA (MORADORA DO BARRIO E USUÁRIA DAS

Idade: 56 Data: 09/09/2019

ATIVIDADES DO INSTITUTO)

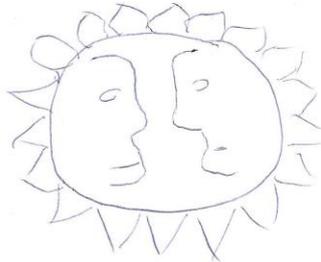


Fig.178 Mapa mental realizado pela visitante do IMNS.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Abril de 2019.

iFi



Pesquisa: Os jardins da mandala
Integração com o entorno do Museu de Imagens do Inconsciente

Aluna: Raquel Laffite Ano: 2019

Mapa cognitivo ou Mapa mental

Nome: DMÉLE (FUNCIONÁRIA DO CENTRO DE MEMÓRIA)
Idade: 33 Data: 04/04/2019



Fig.179 Mapa mental realizado pela funcionária do IMNS.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Abril de 2019.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
Programa de Pós-graduação em Arquitetura
Mestrado Profissional em Projeto e Patrimônio

Projeto e
Patrimônio
MESTRADO PROFISSIONAL

Pesquisa: Os jardins da mandala
Integração com o entorno do Museu de Imagens do Inconsciente

Aluna: Raquel Laffite Ano: 2019

Mapa cognitivo ou Mapa mental

Nome: Patricia (funcionária do museu)

Idade: 48 Data: 04/04/19

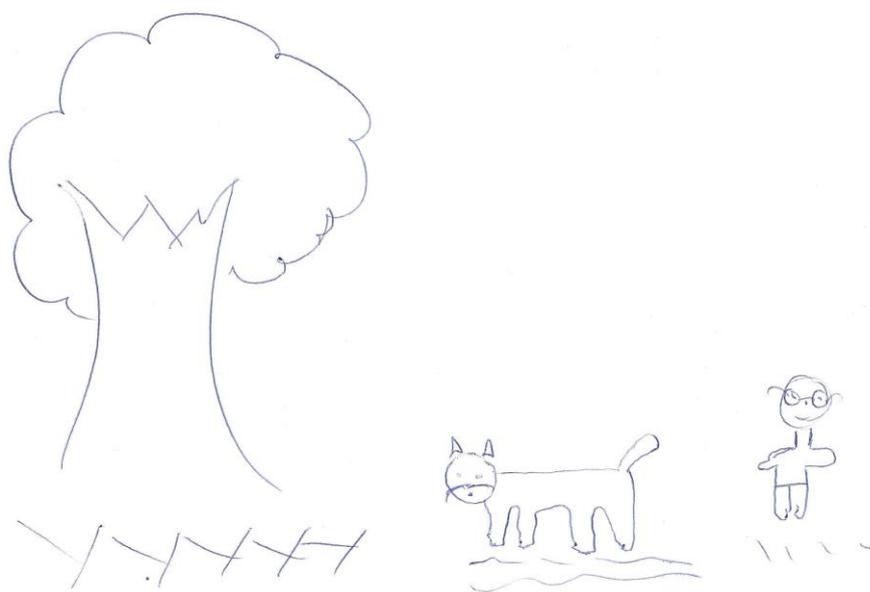


Fig.180 Mapa mental realizado pela funcionária do MII.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Abril de 2019.

APÊNDICE C

Referências de Projeto: Conceitual e Projetual (2018 e 2019)

Conceitual

Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea, Taquara, Rio de Janeiro. Antigo Museu Nise da Silveira (Integração Social)

O Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (mBRAC), está situado no campus do Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, conhecido como “Colônia”, localizado no bairro da Taquara, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Em 1952, foi criado um setor para abrigar a produção plástica produzida pelos pacientes dos ateliês terapêuticos, e que somente na década de 1980, passou a ser chamado Museu Nise da Silveira, tendo como base os fundamentos da renomada psiquiatra brasileira, proporcionando a integração social por meio das práticas socioculturais, oferecidas tanto aos pacientes internos da colônia quanto à comunidade local. O Museu Bispo do Rosário é responsável pela preservação, conservação e difusão da obra de Arthur Bispo do Rosário, um dos expoentes da arte contemporânea, de reconhecimento nacional e internacional.



Fig. 181 Fachada Principal do Museu



Fig.182 Bispo do Rosário

Fonte: <http://museubispodorosario.com/colonia/centro-historico/>

Atual Núcleo Histórico Rodrigues Caldas, apresenta antigas construções da época quando Colônia Juliano Moreira e algumas edificações tombadas. O lugar pode ser visitado e compõe o Circuito Cultural da Colônia, a qual permite aos visitantes compreender a relação entre patrimônio, paisagem e sua história.

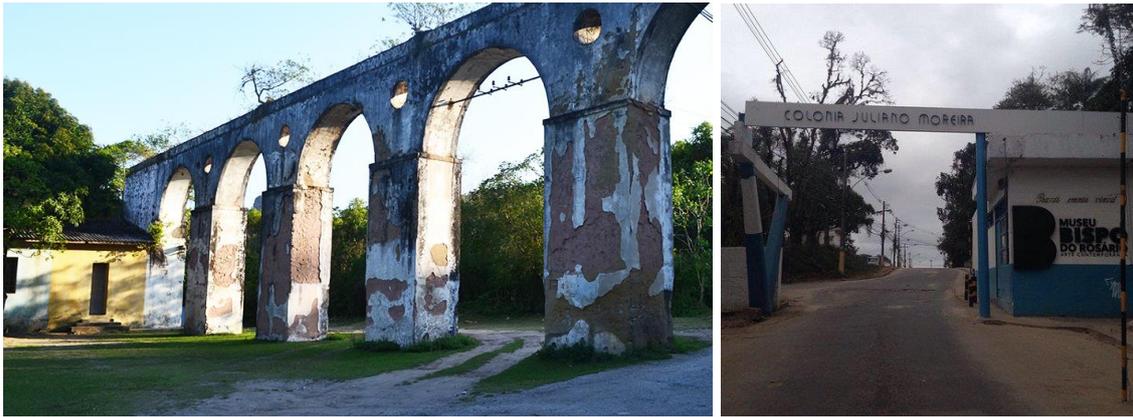


Fig.183 Reminiscências da Arquitetura encontrada quando antiga Colônia Juliano Moreira.

Fonte: <http://museubispodorosario.com/colonia/centro-historico/>

O Museu Bispo do Rosário localizado em uma grande área, na Colônia Juliano Moreira, no bairro da Taquara, tem sua origem a partir de um dos mais antigos engenhos de cana de açúcar de Jacarepaguá. Apresenta sua área de contexto urbano similar ao da Colônia do Engenho de Dentro, Atual Instituto Municipal Nise da Silveira.

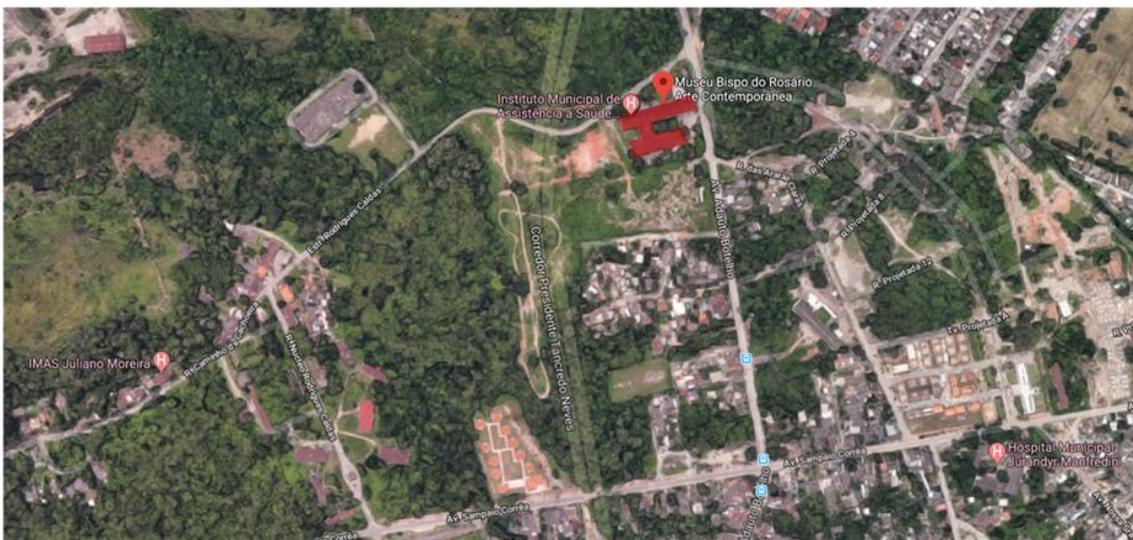


Fig. 184 Vista aérea do Museu Bispo do Rosário, localizado dentro da Colônia Juliano Moreira.

Fonte: Google maps adaptado pelo autor.

O Museu Bispo do Rosário oferece programas educativos, exposição das obras, organiza encontro com educadores e promove a Caminhada Cultural, no intuito de explorar o entorno do Museu, localizado no atual Núcleo Histórico Rodrigues Caldas. Proporciona a interatividade através das suas obras e tem a diversificação do público ilustrada a seguir (figuras 185 e 186).



Fig.185 Instalações do Museu. Fonte: <http://museubispodorosario.com/museu/o-museu/>



Fig. 186 Diversificação de público. Área de exposições. Fonte: <http://museubispodorosario.com/museu/o-museu/>

Sua arquitetura proporciona espaços amplos a qual possui um grande hall de entrada e uma sala dedicada apenas ao artista Bispo do Rosário (figura 187). Apresenta espaços destinados às práticas culturais para o público infantil da rede pública de ensino (figura 188).



Fig. 187 Hall de entrada do Museu e sala dedicada ao Bispo do Rosário. Fonte: <http://museubispodorosario.com/museu/o-museu/>



Fig. 188 Espaço dedicado ao público infantil.

Fonte: <http://museubispodorosario.com/museu/o-museu/>

O Polo Experimental administrado pelo Museu surge com a iniciativa de integração, onde visa estabelecer o encontro do usuário da rede de saúde mental e a comunidade através das ações culturais oferecidas pela colônia. São eles: Escola Livre de Artes, Casa B (Residência Artística), Atelier Gaia, Arte, Horta e Cia, Lazer Pedra Branca (figura 189).



Fig. 189 Atividades socioculturais realizadas nos espaços livres do Museu Bispo do Rosário.

Fonte: <http://museubispodorosario.com/museu/o-museu/>

Fundação Casa de Rui Barbosa, Botafogo, Rio de Janeiro. (Apropriação do Lugar)

Tem como finalidade o desenvolvimento da cultura, da pesquisa e do ensino; além da divulgação da obra e vida de Rui Barbosa. Trata-se de um Museu Casa circundado por um grande jardim, a qual visa integrar com o entorno através de atividades e eventos realizados em suas instalações e nos seus espaços livres.



Fig. 190 Fachada Principal da Casa de Rui Barbosa. À direita, o museu circundado pela arborização.

Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/index.php>

A Casa de Rui Barbosa, situada no bairro de Botafogo, apresenta-se o contexto com predominância residencial, e está situado em uma das vias principais, na Rua São Clemente, com acesso direto a Praia de Botafogo (figura 191). Com seu terreno extenso, abriga o Museu Casa, os jardins e o Anexo, composto pela administração e auditório para a realização de eventos como palestras, debates, entre outros.

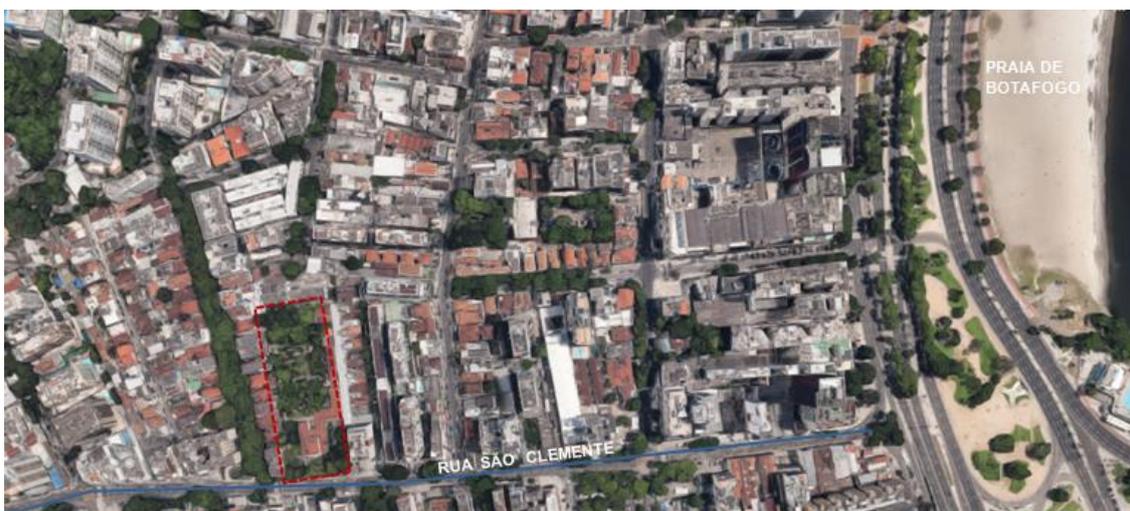


Fig.191 Vista aérea da Casa de Rui Barbosa. Fonte: Google maps adaptado pelo autor.

Como espaço público e cultural, apresenta fácil acesso, aberto ao público com horário determinado. Apresenta mobiliário e paisagismo em boas condições de manutenção. Na entrada, há um mapa com a indicação das instalações que compõe a Casa de Rui

(figuras 192 e 193). Sentimentos de pertencimento do lugar e de apropriação dos jardins históricos podem ser vistos no equipamento cultural (figura 194).



Figs. 192 e 193 Jardins da Casa de Rui Barbosa e sinalização na entrada do Museu (à direita).
Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/index.php>



Fig.194 Jardins da Casa de Rui tem apropriação da população local.
Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/index.php>

Lugar de Memória abriga uma exposição temporária, iconografias de diversas épocas dos usuários frequentadores dos jardins do Museu. A imagem à direita, exibe um conjunto de palavras que traduz a significância do local para quem o visita (figura 195).



Fig. 195 Espaços livres e a significância do lugar.
Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/index.php>

Referência Projetual

Espaço Público em um bairro informal do Haiti, EVA Studio, 2016.

O projeto do espaço público está vinculado a um programa social intitulado “Uma vida melhor no meu bairro”, a qual visa na construção de espaços multifuncionais que promovam a interação social e de intuito mais inclusivo. O contexto do bairro caracteriza-se por uma região que passou por grandes danos de terremoto, destituída de infraestrutura básica, consolidada e carente de áreas de convívio ou lazer.

O desenvolvimento do projeto arquitetônico e o programa tiveram como base atender as necessidades locais e a função de proporcionar a seus moradores o sentimento de pertencimento, identidade e valor. A proposta foi criar um anfiteatro ao ar livre, constituído por arcos que funcionam como assento e definem áreas dentro da praça, além de arborização para conforto dos usuários da radiação solar (figura 196).

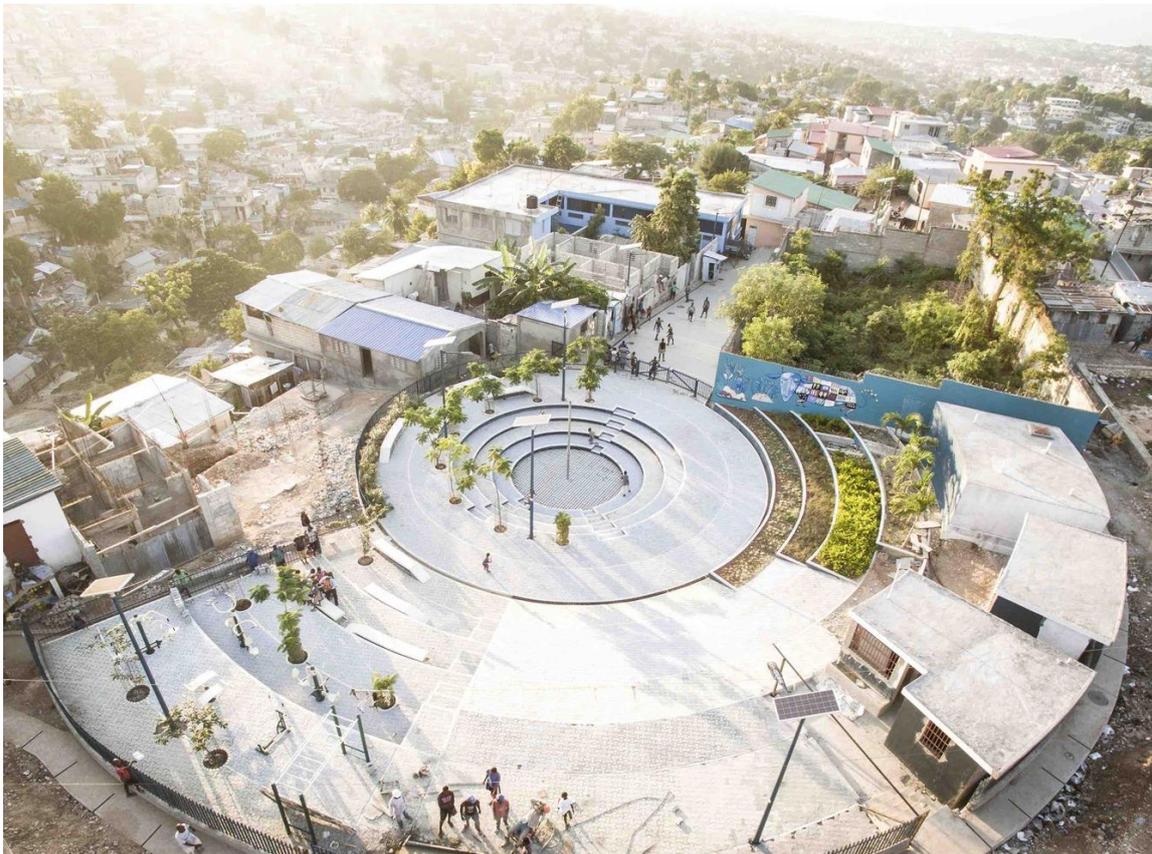


Fig. 196 Vista área do espaço público. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/804436/espaco-publico-tapis-rouge-em-um-bairro-informal-no-haiti-emergent-vernacular-architecture-eva-studio?ad_medium=gallery

O muro que circunda o espaço público recebe arte realizada pelos artistas locais juntamente com o apoio da comunidade, o que demonstra a rica tradição de pintura haitiana (figura 197).



Fig. 197 Espaço público para respiro e sociabilidade do bairro haitiano.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/804436/espaco-publico-tapis-rouge-em-um-bairro-informal-no-haiti-emergent-vernacular-architecture-eva-studio?ad_medium=gallery

Justificativa da Referência

Optou-se por este projeto de espaço público como referência, primeiramente pelo conceito adotado, com vistas à prática de sociabilidade, e em seguida pelo partido arquitetônico, com a criação de um anfiteatro a céu aberto com a forma circular, previsto também na proposta de intervenção da presente pesquisa. Outra questão a mencionar, refere-se que o projeto contou com a colaboração da comunidade e procurou atender as suas necessidades, criando um espaço constituído por diversas atividades abertas a todos. Podem também serem vistos no projeto, a introdução da arte, presente nos muros que circundam a praça, realizadas pelos artistas locais, como incentivo e pelo significado que a pintura representa na cultura haitiana.

Referência Projetual

O Círculo, EUA, Hoerr Schaudt Arquitetos Paisagistas, 2010.

O Círculo trata-se de um espaço público com caráter de praça a qual oferece usos diversos e tem como propósito a sustentabilidade. Atua como uma rotatória e possui ao seu redor elementos urbanos, como bancos (1), arborização para sombreamento (2), e uma fonte de água (3), que passa por um processo de tratamento das águas pluviais, sendo esta a característica principal do projeto.

O equipamento público tem como propósito exercer um papel sociocultural dinâmico, onde diversas atividades são exercidas simultaneamente, tais como: atividades culturais, festivais de arte, apresentações de dança, pessoas esperando transporte público, crianças brincando na água, ou apenas uma parada para descanso ou contemplação do lugar (figuras 198 a 200).



Fig. 198 O círculo atua como uma rotatória e oferece atividades diversas.

Fonte: <https://www.architoni>

c.com/en/project/hoerr-schaudt-landscape-architects-the-circle-uptown-normal



Fig. 199 O círculo com apropriação e a fonte de água tratada.

Fonte: <https://www.architonic.com/en/project/hoerr-schautd-landscape-architects-the-circle-uptown-normal>



Fig. 200 Apropriação do equipamento público pela população local.

Fonte: <https://www.architonic.com/en/project/hoerr-schautd-landscape-architects-the-circle-uptown-normal>

Justificativa da Referência

Optou-se pelo projeto do círculo como referência por apresentar diretrizes projetuais que se assemelham à da proposta de intervenção do objeto de estudo, associados a fatores como: à forma circular, a criação de um espaço público com caráter de praça oferecendo diversas funções para uso das pessoas, a facilidade do acesso e integrado com o entorno.

APÊNDICE D

Elaboração de Croquis para o desenvolvimento da proposta de intervenção
(Março e Abril de 2019)

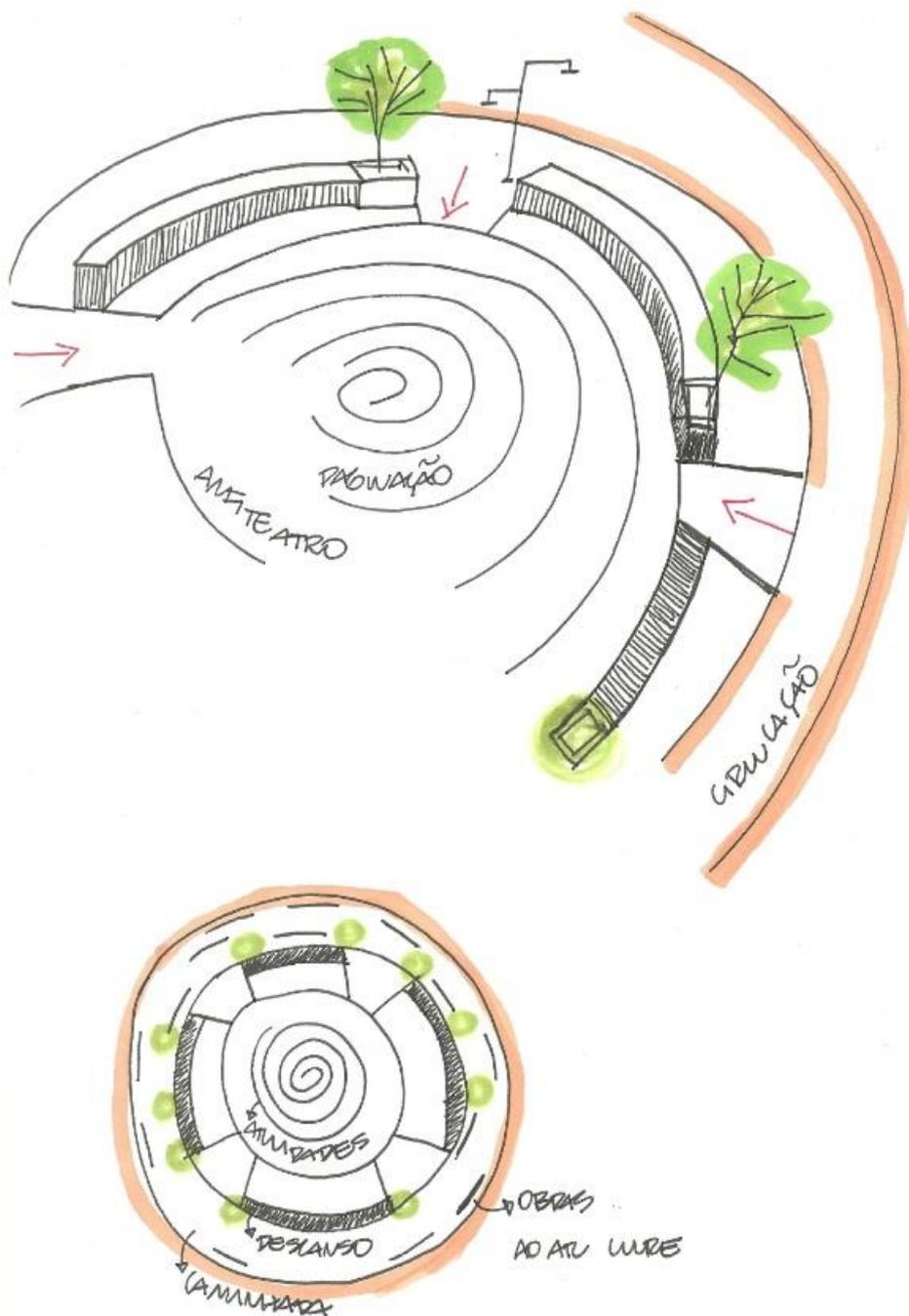


Fig.201 Croqui setorizando os usos da proposta.
Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Março e Abril de 2019.

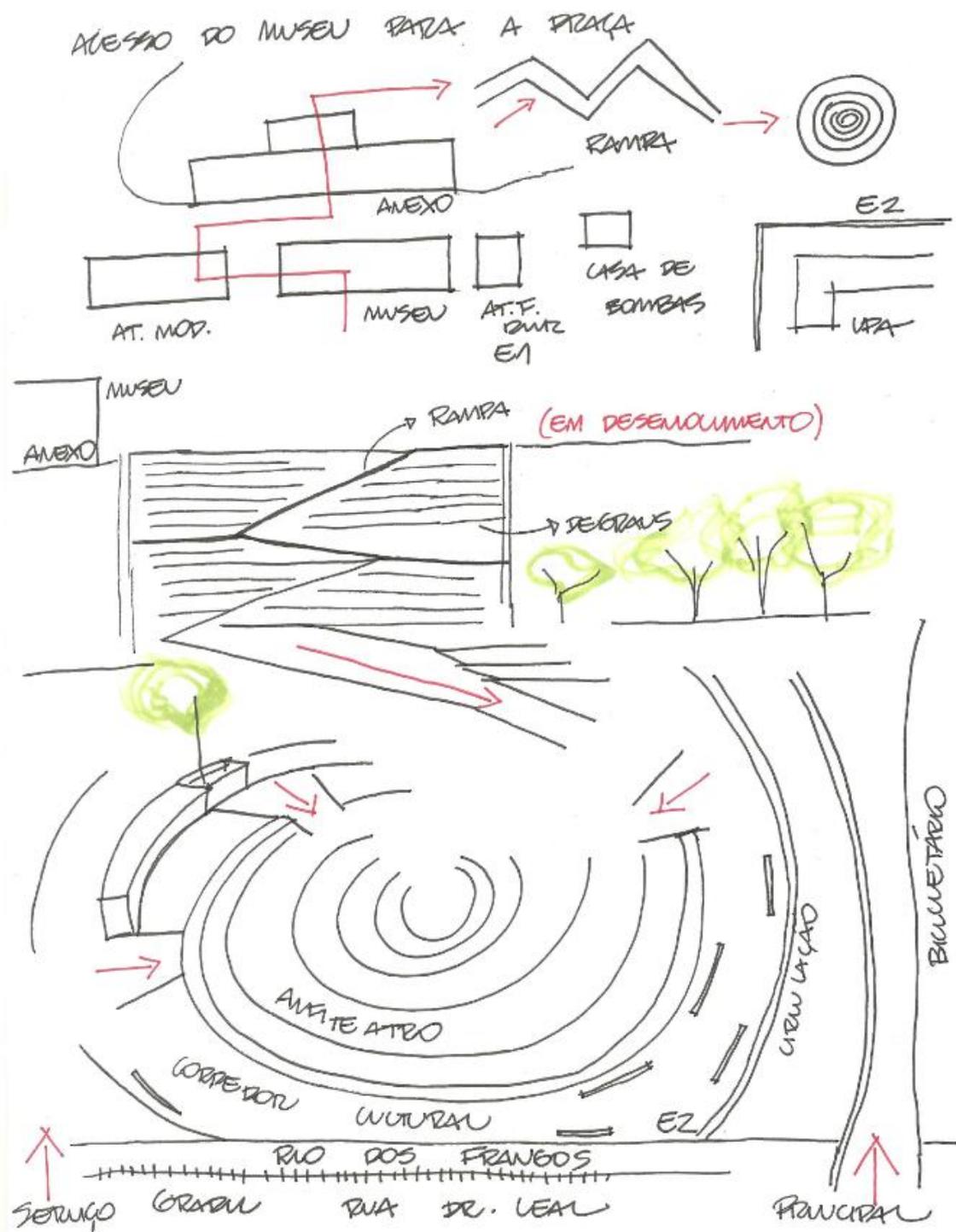


Fig.202 Croqui demonstra a conexão do MII com a Praça da Mandala através da rampa.
 Fonte: Elaborado pelo autor. Data: Março e Abril de 2019.



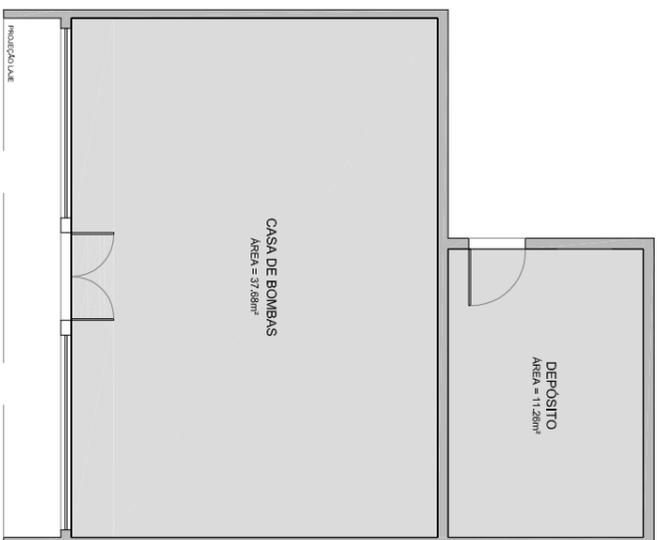
01 IMPLANTAÇÃO | IMNS | PROPOSTA 01
ESCALA: 1/1500



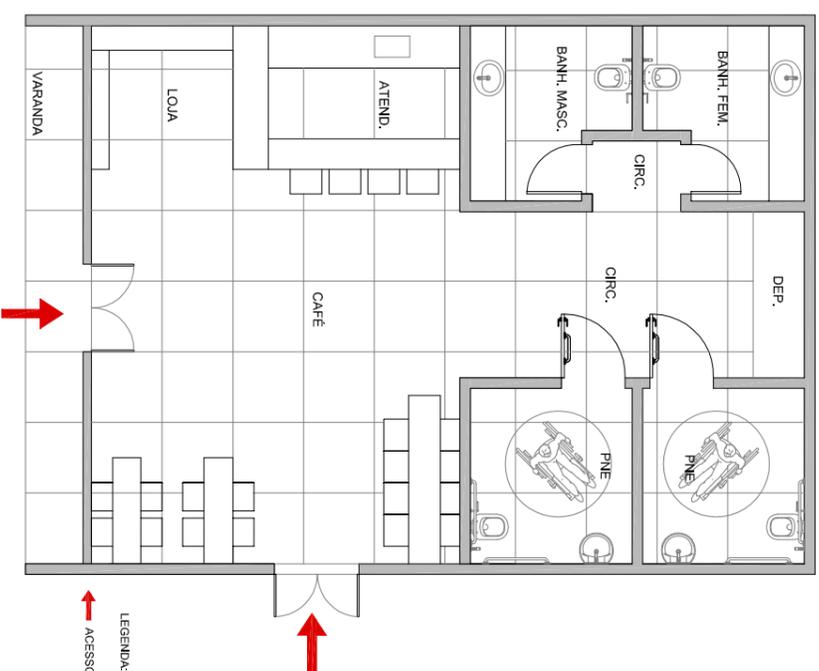
- LEGENDA | ACESSOS
- PEDESTRE
 - CICLISTA
 - VEICULO
 - ESCOLA

- LEGENDA
1. MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE
 2. ATELIE' MODELAGEM
 3. ATELIE' FERNANDO DINIZ
 4. CAFE | LOJA
 5. ANEXO
 6. UNIDADE DE ORDEM PUBLICA | UOP
 7. OFICINAS CULTURAIS
 8. CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL | CAPS
 9. QUADRA ESPORTIVA
 10. RESIDENCIA
 11. PAVILHÃO ANA NERY
 12. DEFESA DOS ANIMAIS
 13. ESCOLA ESP. MUN. ULISSES PERNAMBUCANO
 14. AMBULATÓRIO CLÍNICO | REABILITAÇÃO
 15. CASA DO SOL | ENFERMARIA E EQ. CULTURAL
 16. ADM | CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
 17. PORTARIA
 18. CENTRO DE REF. ESP. DE ASSIST. SOCIAL | CAPS
 19. INFRA ESTRUTURA | APOIO
 20. UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO | UPA

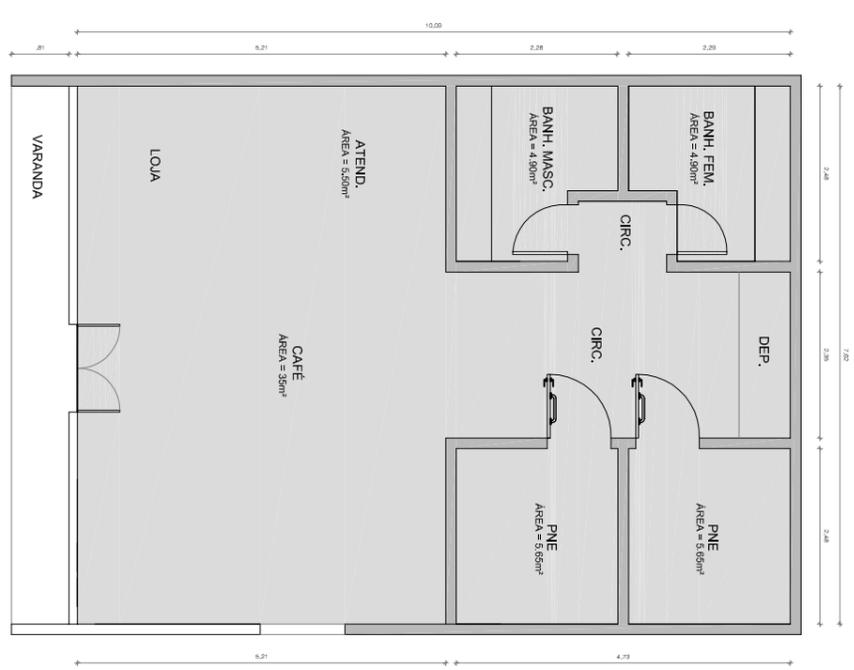
<p>A PRAÇA DA MANDALA: INTEGRAÇÃO DO MII COM O ENTORNO</p>	
<p>PROPOSTA PROJETUAL IMPLANTAÇÃO IMNS</p>	
<p>ALUNA: RAQUEL LAFFITE ORIENT.: MARIA ANGELA DIAS ANO: OUT 2019</p>	
<p>01</p>	



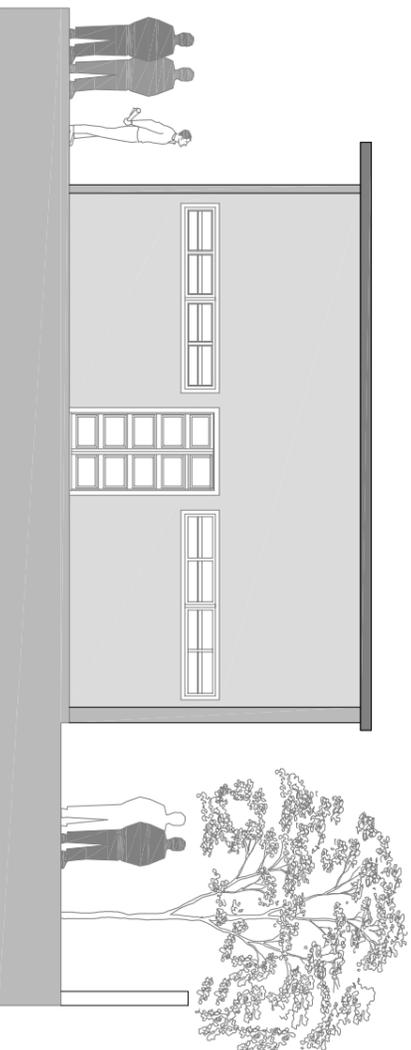
01 PLANTA BAIXA | CASA DE BOMBAS
ESCALA: 1/100



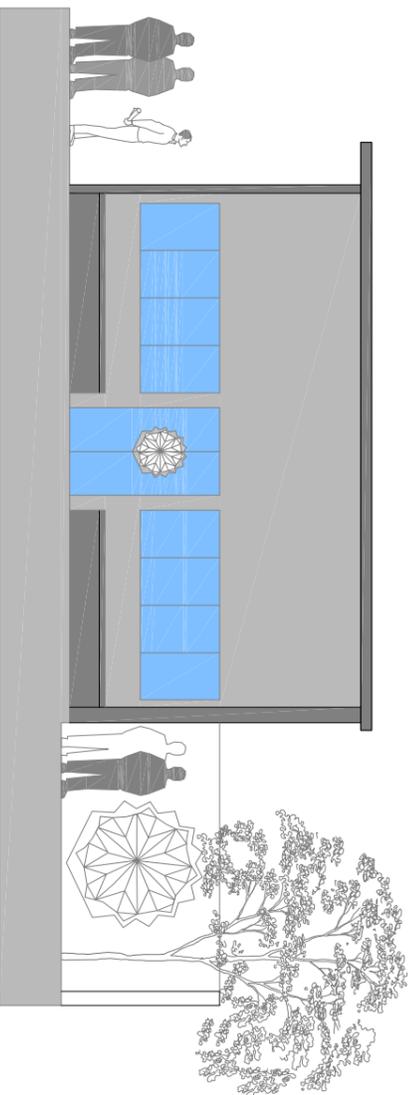
01 PLANTA BAIXA | ESPAÇO LIVRE E1 | CAFÉ
ESCALA: 1/100



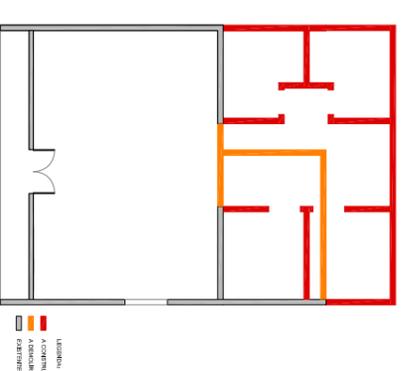
01 PLANTA BAIXA COTADA | E1 | CAFÉ
ESCALA: 1/100



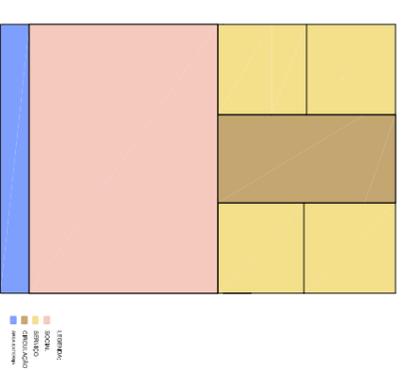
01 FACHADA SUL | CASA DE BOMBAS
ESCALA: 1/200



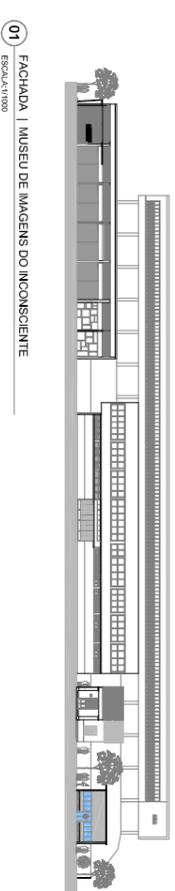
01 FACHADA SUL | E1 | CAFÉ
ESCALA: 1/100



01 PLANTA BAIXA | E1 | CAFÉ | A CONSTRUIR A DEMONSTRAR
ESCALA: 1/200



01 PLANTA BAIXA | E1 | CAFÉ | SETORIZAÇÃO
ESCALA: 1/200



01 FACHADA | MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE
ESCALA: 1/100



UFRJ | PROARQ | MESTRADO PROFISSIONAL | PROJETO E PATRIMÔNIO | DEFESA

A PRAÇA DA MANDALA: INTEGRAÇÃO DO MII COM O ENTORNO

PROPOSTA PROJETUAL | ESPAÇO LIVRE E1 | CAFÉ

ALUNA: RAQUEL LAFFITE ORIENT.: MARIA ANGELA DIAS ANO: OUT 2019

Projeto e Patrimônio
MESTRADO PROFISSIONAL
PROARQ/UFRJ



02

